

O FENÓMENO INTERNACIONAL

OS AMIGOS DE SEMPRE
A NOITE PERFEITA
NADA PODIA CORRER MAL

ALGUÉM ESTÁ A MENTIR

PODEMOS CONFIAR NAQUILO QUE VEMOS?

RACHEL AMPHLETT

«Um *thriller* inteligente e emocionante.» Robert Bryndza

alma
dos
livros



O FENÓMENO INTERNACIONAL

OS AMIGOS DE SEMPRE
A NOITE PERFEITA
NADA PODIA CORRER MAL

ALGUÉM ESTÁ A MENTIR

PODEMOS CONFIAR NAQUILO QUE VEMOS?

RACHEL AMPHLETT

«Um *thriller* inteligente e emocionante.» Robert Bryndza

alma
livros

RACHEL AMPHLETT

ALGUÉM
ESTÁ A
MENTIR

Tradução de
Ana Mendes Lopes

alma
dos livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

© 2020 Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

THE FRIEND WHO LIED copyright © Rachel Amphlett 2019
The moral rights of the author have been asserted.
Foram declarados os direitos morais da autora.

Título: *Alguém Está a Mentir*
Título original: *The Friend Who Lied*
Autora: Rachel Amphlett
Tradução: Ana Mendes Lopes
Copyright Tradução © 2020, Alma dos Livros
Revisão: Sérgio Fernandes
Paginação: Maria João Gomes
Capa: Diana Jorge Trigo/Alma dos Livros
Imagem de capa: © Lyn Randle/Trevillion Images
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.
Depósito legal n.º 471 445/20
1.ª edição em papel: outubro de 2020

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

LISA

Estou viva.

É o primeiro pensamento que me ocorre assim que abro os olhos; sinto as pálpebras pegajosas com lágrimas secas.

Não consigo focar a visão.

Está escuro; pelo menos isso consigo perceber. O silêncio que me rodeia sugere que é de noite — há uma quietude sobre todo o espaço.

Consigo respirar com facilidade. Não tenho a boca e o nariz tapados por nada, mas depois sinto-me tomada por uma tontura tão absoluta, que tenho de fechar os olhos com força para a afastar.

Os músculos do meu lado direito estão rígidos e doem-me, como se alguém me tivesse esmurrado o estômago. Sinto bίlis no fundo da garganta, um travo amargo que me provoca náuseas, e enrugo o nariz com repugnância.

Não quero estar doente.

Tento falar, mas só consigo produzir murmúrios, como se me tivesse esquecido de como se formam frases completas. Até as palavras mais simples me ultrapassam.

Onde estou?

Porque estou aqui?

Humedeço os lábios com a língua. Estão secos e gretados. A garganta dói-me como se não engolissem nada há séculos.

O barulho de metal a bater em metal estilhaça o silêncio e o meu coração sobressalta-se enquanto tento lutar contra o pânico que se instala em mim.

Esforço-me para ouvir o que se segue. Tenho medo de respirar, não vá perder o que se passa, por isso conto até dez e, depois, até

vinte.

É quando ouço o eco.

Inicialmente, o som é débil e o meu cérebro esforça-se por se manter ligado a ele. É um sinal distante, e tenho qualquer coisa a pressionar-me o braço.

A névoa levanta-se por instantes e recordo-me de luzes azuis a piscar, rostos sombrios, um agente da polícia a tomar notas e a falar num tom de voz grave.

O pensamento foge tão depressa como apareceu e a minha cabeça cai inerte para um dos lados, as pálpebras novamente pesadas.

* * *

Duas horas, quatro?

Não faço ideia.

Passo as mãos pelos olhos inchados, assustada com a minha própria fraqueza, com a incapacidade de me manter acordada.

Pressinto que há mais pessoas à minha volta, para lá da periferia da minha visão limitada; o batimento cardíaco aumenta ligeiramente.

Porque estão aqui?

A luz muda à medida que um vulto desfocado passa em frente aos meus pés com uma eficiência criada pela necessidade, e começo a entender.

A seguir, começo a abrir o meu caminho através da escuridão, abro os olhos e semicerro-os para a luz difusa que enche o quarto.

À medida que o vulto desfocado se aproxima da cama e se curva sobre mim, antes de ver os seus lábios a moverem-se e as palavras a formarem-se, apercebo-me da terrível verdade.

Se estou viva, então outra pessoa está morta.

2

LISA

A enfermeira sorri enquanto acaba de me medir a temperatura e debato-me com o meu próprio embaraço e com o rubor que me sobe ao rosto.

Há alguns minutos, ela retirou o cateter que me inseriram durante a operação, por isso podemos dizer que já nos conhecemos de veras bem, muito obrigada.

— Acha que consegue beber um pouco de sumo? — pergunta ela, sem dar conta do meu desconforto.

Assinto com a cabeça.

— Por favor.

A minha garganta constringe-se com ansiedade. Passei a manhã inteira a bebericar água e estou entediada. Preciso de alguma coisa doce. Algo que me escorra pela língua e leve consigo esta sensação de cortiça seca que tenho por ter estado tanto tempo inconsciente.

A única coisa que me impede de atirar os cobertores para trás e fugir da cama para beber sumo é esta dor que sinto no abdómen.

A chuva fustiga a janela ao fundo da enfermaria e estico o pescoço. Consigo ver o topo dos castanheiros altos, agora sem folhas, que rodeiam o parque de estacionamento do hospital, os ramos austeros contra o ominoso céu cinzento.

Como se estivesse à espera da deixa, o vidro estremece com uma rajada de vento de novembro que se precipita contra ele e ruge com desdém quando não consegue entrar.

Puxo o cobertor em direção ao queixo, colocando, por enquanto, o meu plano de fuga em espera; em vez disso, procuro o calor da roupa de cama.

A enfermeira vê as horas, rabisca uma nota na ficha que tem na mão e mexe em qualquer coisa na máquina perto do meu ombro. Depois, vira-se para o próximo da fila, enquanto fecha uma das cortinas, obstruindo metade da minha já escassa vista.

Suspiro e apoio a cabeça novamente na almofada, a ouvir as solas dos sapatos dela a ranger enquanto atravessa a enfermaria para ir ver do paciente seguinte; depois, estremeço, porque o movimento me força os músculos doridos.

Uma parte de mim está tentada a levantar a camisa de dormir e espreitar, mas a outra encontra-se demasiado aterrorizada com aquilo que poderá encontrar ali por baixo. Assim que o souber, já não poderei voltar atrás.

Consigo presumir o que aconteceu, mas a negação parece-me um sítio ótimo para me instalar.

O cirurgião também não me disse grande coisa quando por aqui passou há pouco. Levantou a camisa de dormir, observou e verificou, falou com os seus alunos, que andam sempre atrás dele como um bando de patinhos atrás da mãe, e depois saiu da enfermaria e percorreu o corredor, sempre com os filhotes na sua peugada.

Não preciso de imaginar como serão as nódoas negras. Consigo sentir cada uma delas.

Aparentemente, há pessoas que quase não têm nódoas negras. Algumas até conseguem estar fora da cama vinte e quatro horas depois.

Algumas pessoas são verdadeiras aberrações.

Agora consigo ouvir a enfermeira na extremidade mais afastada da enfermaria, passando por cada um de nós, demorando o seu tempo para ver se estamos todos bem. Agora que a cortina foi puxada, já não a consigo ver. Só consigo ver para lá dos meus pés e para o lado direito, em direção à janela. Não consigo ver o que se passa na enfermaria ou no corredor.

A minha visão reduzida cria um casulo que me sufoca e me comprime os pensamentos.

Hão de passar-se pelo menos mais vinte minutos até ver o tal sumo.

Fito a mancha de humidade do teto e tento avaliar se aumentou desde que a examinei há meia hora. Pode ser uma mancha velha, mas quero ter a certeza disso. O seu rebordo irregular espalha-se pelo estuque como um mapa antigo que procura novas aventuras e recorda-me dos livros que li em criança: histórias fantásticas que descrevem batalhas e epopeias através de terras místicas.

Ouçó uma comoção perto da porta e apoio-me num dos cotovelos, mas sinto a minha respiração a deter-se na garganta.

Escuto os murmúrios à medida que se aproximam.

— É algo sem precedentes.

O meu pai parece confuso; a minha mãe, eficiente. Como sempre.

Estão a aproximar-se.

— Invulgar, mas...

— Ela vai ficar destroçada.

É como se se tivessem esquecido de que tenho quase 27 anos, sou adulta e estou aqui, sou capaz — *sê-lo-ei?* — de tomar as minhas próprias decisões.

— Ela irá descobrir de qualquer maneira. Um deles acabará por lhe contar.

A minha paciência esgota-se.

— Contar-me o quê?

A cortina é afastada de repente, antes de o cirurgião espreitar.

Fico surpreendida por o ver outra vez.

O sorriso dele desvanece-se; deve ter pensado que eu estava a dormir, a descansar, depois de todo o trauma por que o meu corpo quebrado passou.

— Os seus pais estão aqui.

Depois de declarar o óbvio, desvia-se para o lado.

A cara da minha mãe parte-me o coração e a forma como a mão do meu pai treme quando ele a estende na minha direção deixa-me, por instantes, sem conseguir falar.

Eles estiveram a chorar, mas obrigam-se a sorrir. Alívio, felicidade e esperança substituíram as linhas de preocupação que lhes vincaram os rostos nos últimos doze meses. Apesar de terem pouco mais de 60 anos, parecem mais velhos.

É neste momento que percebo que a minha doença afetou muito mais as pessoas que me rodeiam do que aquilo que pensava. Andava tão imersa na minha própria dor, com a pouca esperança de vida que pairava sobre mim, que me esqueci do que isso representava para elas.

Os meus pais já passaram por tanta coisa — aos três anos de idade, foi-me diagnosticada uma condição cardíaca. E agora isto.

Apesar de não ser muito dado a gestos grandiosos, o meu pai é o primeiro a chegar ao lado da cama, envolvendo-me num abraço como não fazia desde que eu era pequena.

Quando me larga, a minha mãe está a limpar os olhos com um lenço de papel.

Enquanto nos abraçamos, sinto lágrimas a caírem-me no rosto.

— Está tudo bem, mãe, está tudo bem.

A minha mãe envolve a minha mão na dela e aperta-a.

— Tens um rim novo, querida. Os médicos dizem que a operação foi um sucesso e que deves poder ir para casa em breve.

— Como?

Esta não é a pergunta estúpida que talvez estejam a pensar que é.

Há três semanas, disseram-me para me preparar para o pior. Há três semanas, nada disto era um fator na minha vida. Há três semanas, eu já tinha desistido.

Vimos de carro para o hospital em silêncio. A viagem de regresso a casa foi pior — tive de pôr os auscultadores para não ouvir os soluços abafados da minha mãe a sobreporem-se ao rugir do motor do carro.

Agora, o cirurgião é o primeiro a falar.

— As circunstâncias foram invulgares — é a única coisa que ele diz.

— Isso é impossível. Disse-me que não havia esperança.

O meu olhar viaja dele para os meus pais e novamente para ele.

Noto que o meu pai e a minha mãe se entreolham e identifico uma expressão de medo nos olhos deles.

Percebem que devem ser eles a contar-me, porque o cirurgião não o irá fazer. Sabem que não há como regressar deste momento. Que aquilo que estão prestes a dizer-me não poderá ser desfeito, jamais poderá ser retirado.

— Quem? — pergunto, aterrorizada com a resposta assim que a pergunta me sai dos lábios.

A minha mãe abana a cabeça e desvia os olhos; depois, o meu pai acaricia-me o cabelo e diz:

— Lamento, querida. Foi o Simon. O Simon morreu.

3

LISA

O meu pai e a minha mãe saíram daqui há meia hora.

Eu não devia saber quem foi o meu dador. Não é assim que isto deve funcionar, mas alguém cometeu um erro e deixou escapar a informação em frente aos meus pais.

Neste momento, deve haver alguém à procura de um emprego novo.

Desde que eles se foram embora que estou a olhar fixamente para a mancha no estuque por cima da cama, a tentar não entrar em pânico.

Ninguém responde às minhas mensagens ou chamadas e eu não tenho redes sociais. Há anos que não as uso.

Os meus pais não me contaram todos os detalhes. De qualquer maneira, estava demasiado perturbada para os ouvir e agora estou zangada comigo mesma. Devia ter perguntado, por muito que me doesse saber as respostas.

Desvio os olhos das minhas mãos cerradas ao ouvir um som arrastado constante e vejo a velhota que está duas camas à frente a passar de chinelos, agarrada ao cabide do soro que lhe serve de apoio.

Questiono-me se ela devia andar de pé a passear por aqui.

As minhas suspeitas confirmam-se quando uma das enfermeiras avança rapidamente na direção dela, muito eficiente e mandona, a perguntar suavemente o que está a senhora a fazer fora da cama e para onde vai.

— Quero ir para casa.

O lábio inferior dela estremece e eu desvio os olhos, embaraçada. Também quero ir para casa. Quero esconder-me

algures e fazer de conta que nada disto está a acontecer e que o Simon ainda está vivo.

A enfermeira conduz a velhota de volta para a cama, convencendo-a a fazer o que ela manda como só os profissionais de saúde conseguem, com uma voz alegre, enquanto lhe entala os cobertores e pousa a mão por cima da sua.

Viro a atenção para a cama à minha esquerda à medida que um ressonar suave sai de baixo de uma camada de lençóis e cobertores. O único sinal de que a cama está ocupada é uma melena de cabelo preto já meio grisalho.

A senhora na cama em frente à minha sorri-me com uma expressão demasiado ansiosa, demasiado calorosa, com as mãos unidas por cima de uma revista de coscuvilhices. Deve querer saber por que motivo estou aqui, o que me aconteceu e todas essas coisas.

Fecho os olhos. Não me apetece falar com ela.

Neste momento, não me apetece falar com ninguém.

Quero recordar o Simon.

Cabelo preto-azeviche, olhos verdes, e a minha primeira paixão de adolescente.

Lembro-me do primeiro dia em que o vi aparecer junto aos portões de ferro que davam acesso ao pátio da escola preparatória, com a mochila sobre um ombro e a gravata de lado, fitando intensamente toda a gente que apanhava a olhar para ele. Enquanto se encaminhava para a sala de aulas, irradiava uma aura rebelde.

Não o suficiente para que os outros fizessem queixa dele, mas para fazer com que todas as cabeças se virassem na sua direção.

A nossa escola era um edifício escuro e rasteiro, o último pavilhão tinha sido acrescentado no início da década de 70, quando as autoridades municipais se aperceberam de como a sua população estava a crescer rapidamente.

As vedações que nos separavam da estrada eram pretas e os portões abriam-se entre dois pilares de tijolo vermelho durante o tempo de aulas. Um dos portões exibia sinais a proibir a entrada a

fumadores e a limitar a velocidade do trânsito a apenas oito quilómetros por hora.

O pátio de asfalto estalado onde fazíamos o recreio ficou em silêncio enquanto o Simon passava, as conversas esquecidas enquanto o observávamos a abrir a porta do edifício gasto e bexigoso que albergava o departamento de ciências e, depois, a desaparecer sem sequer olhar para trás.

Esta recordação faz-me sorrir.

Ele tinha uma covinha ao lado da boca, só do lado esquerdo, nada no direito. Não sorria muitas vezes; pelo menos não daquela forma franca e descontraída como a maior parte das pessoas sorri. Quando o fazia, o seu sorriso tinha um ar frio e calculado, como se ele soubesse algo que nós desconhecíamos e se fosse divertir tremendamente quando o descobríssemos.

Não sei como, mas ele conseguiu fazer o sexto ano todo sem atrair as atenções dos rufias e dos miúdos fixos da escola. Limitava-se a pairar sobre as outras pessoas, era um observador.

Foram precisos seis meses para quebrar o exterior gélido que ele mantinha, e não fui eu que o fiz.

Foi ele.

Eu adorava as aulas de arte. Adorava o facto de poder passar três horas de deleite ininterrupto enquanto criava alguma coisa. Foi ali que encontrei a minha vocação e estava determinada a entrar numa universidade que valorizasse o meu crescente portefólio.

Esta também era uma das poucas disciplinas em que todos nos dávamos razoavelmente bem com o professor. Não me lembro do nome dele, mas tinha por hábito tocar música *rock* dos anos 70 enquanto nós trabalhávamos e isto parecia desencorajar a rebelião dos potenciais reguilas da turma.

Estava eu a tentar usar tinta de acrílico para copiar uma fotografia de uma natureza morta que recortei do suplemento do jornal de domingo do meu pai, quando me apercebi de uma presença junto ao meu cotovelo.

Levantei os olhos e quase deixei cair o pincel, surpresa por ver o Simon ali a pairar, hipnotizado pelo meu quadro.

— Isso é muito bom — comentou ele, apontando para a garrafa de vinho à qual eu tinha acrescentado uma sombra. — Se deres uma pincelada de branco ali, a perspetiva percebe-se melhor.

Se a sugestão viesse de outra pessoa qualquer, a minha reação natural seria contra-argumentar. Porém, era o Simon. Fiquei demasiado chocada com o facto de ele me estar a dizer para fazer o que quer que fosse e segui a sua sugestão.

E, raios o partam, ele tinha razão.

Dei um passo atrás para me afastar do cavalete e, por um instante apenas, senti uma onda de adrenalina ao ver que resultara. Virei-me e vi-o a sorrir amplamente para mim, com a covinha do lado esquerdo escondida.

Retribuí-lhe o sorriso.

— Obrigada.

— Não tens de quê. — Gesticulou para o pincel. — Posso ficar com isso agora? Não há mais nenhum e preciso de um desse tamanho.

Entreguei-lhe o pincel, desiludida com a ideia de que ele só me tinha ajudado porque precisava daquilo.

Mas eu faria qualquer coisa por ele, sem hesitar.

Franzo o sobrolho à medida que uma nova memória do Simon me entra no pensamento; o Simon, que da última vez que o vi estava vivo.

Viro a cabeça para tentar perceber para onde tinha ido a enfermeira, mas não a consigo ver e não quero estar a tocar a campainha ao lado da cama. Já vi como ela e as colegas trabalham tão arduamente nesta enfermaria.

Tento acalmar a frustração, mas ela está aqui, a borbulhar mesmo sob a superfície, a ameaçar transformar-se numa onda de pânico.

O que aconteceu ao Simon?

Porque é que ele morreu?

4

LISA

— Lisa!

Consigo sorrir ao olhar para a loura pequena que saltita na minha direção enquanto atravessa o chão de mosaicos.

Penso imediatamente que gostava de ter tido oportunidade de lavar os dentes ou escovar o cabelo.

A Hayley Matthews está impecavelmente vestida com um fato de calças e casaco bege e uma blusa branca. Toda ela emana um ar de eficiência quando guarda as chaves do carro dentro da mala e se baixa para se sentar na cadeira ao meu lado.

— Quase deixavas escapar a hora das visitas — digo-lhe, com bondade.

Ela tem o hábito de aparecer sempre atrasada em tudo, mas mesmo assim todos a adoramos. Não obstante os seus problemas, ela é, de nós os cinco, aquela que consegue sempre arrancar-nos um sorriso.

De nós os quatro, recordo-me.

A Hayley pousa a mala no chão, entala uma madeixa de cabelo atrás da orelha e debruça-se mais perto de mim, baixando a voz.

— Desculpa não ter conseguido responder à tua mensagem. Como te sentes?

Encolho os ombros e, depois, estremeço, quando os músculos do estômago protestam com o movimento.

— O médico diz que estou bem. Acha que daqui a uns dias já tenho alta. Só estão a tentar acertar nas doses do medicamento antirrejeição antes de me mandarem para casa.

As sobancelhas perfeitamente arranjadas da Hayley erguem-se subitamente.

— Tão cedo?

— Parece que agora é o normal numa situação destas.

— Uau.

A expressão dela suaviza-se, o lábio inferior começa a tremer, e levanto a mão.

— Os meus pais estiveram aqui há pouco. Eles já me contaram.

— Oh, Lisa, lamento imenso. — Tira um lenço de papel da mala e seca os olhos. — Não deve ser fácil. Quero dizer, tu não devias saber quem é o teu...

— Eu sei.

A Hayley funga e depois guarda o lenço na mala enquanto endireita as costas. Debruça-se para a frente e envolve os meus dedos nos dela. Tem as unhas pintadas de um elegante tom de cor-de-rosa.

— Eles acham que foram bem-sucedidos?

Expiro e pouso a cabeça na almofada, evitando o olhar intenso da senhora da cama em frente à minha, que nas últimas três horas tentou encetar uma conversa comigo. Não quero saber dos seus quatro gatos nem do genro errante. Já a ouvi contar as histórias a toda a gente da enfermaria desde que o efeito dos analgésicos passou e, se ela começar a falar novamente, sentir-me-ei tentada a pedir que me ponham a dormir.

— Sim. Ainda é muito cedo, evidentemente, mas eles dizem que a cirurgia correu bem. O rim parece estar a fazer bem o seu trabalho e os valores estão todos bem.

Ela anima-se por um instante.

— Isso é maravilhoso, Lisa. É mesmo.

— O que aconteceu? — Baixo a voz até se tornar um murmúrio, porque a coscuvilheira da cama em frente está a dar o seu melhor para captar a minha atenção. — O que aconteceu na *escape room*?

A Hayley olha para a outra paciente e, de seguida, levanta-se para fechar a cortina em volta da minha cama, de forma a termos alguma privacidade.

Enquanto se senta novamente na cadeira, sorrio.

— Isto vai dar com ela em doida!

— Ótimo. — A Hayley morde a pele da unha do polegar antes de baixar a mão para o colo. — A polícia já falou contigo?

— A polícia? Não, porquê?

— Não te preocupes com isso — encolhe os ombros. — Devem estar à espera de que te sintas melhor.

Com a cortina corrida, parece que estamos isoladas do resto do mundo e o espaço entre nós encolhe.

Subitamente, sinto-me assoberbada pelo aroma do perfume da Hayley. É novo e demasiado almiscarado, não é o seu cheiro habitual. Ela também está agitada. Inquieta. Torce o segundo dos três brincos pequenos que usa no lóbulo da orelha esquerda; um hábito que não a vejo ter há anos. Pelo menos desde que saímos da universidade, seguramente.

— Hayley? O que aconteceu?

— Não te lembras?

Abano a cabeça e enterro as unhas nas palmas das mãos.

— Continuo a tentar, mas só me lembro de que havia muitas luzes a piscar e depois ficou tudo escuro. Recordo-me de fragmentos, mas é como se não conseguisse guardá-los na memória.

— Deve ser o efeito da anestesia. Demora algum tempo a passar.

Ela debruça-se para encher o meu copo de água, e só então me apercebo de que não respondeu à minha pergunta.

Está com o maxilar cerrado; consigo ver os seus músculos a contraírem-se enquanto pousa o copo e depois remexe na mala, tirando o telemóvel antes de abanar ligeiramente a cabeça.

No momento em que levanta os olhos para mim, encontra-me a fitá-la e, então, abre a boca.

Demasiado tarde.

A cortina é puxada para trás e a enfermeira de serviço, Delia, fita-nos austeramente.

— Se fecharem completamente a cortina, não poderei vigiá-la. É para a sua própria segurança.

— Desculpe — murmuro.

A enfermeira faz um estalido com a língua e volta a atenção para a Hayley.

— A hora da visita acabou há cinco minutos. Terá de voltar amanhã.

A expressão da Hayley é difícil de definir.

Inicialmente, penso que está envergonhada, mas depois apercebo-me da verdade.

Ela está aliviada.

Assim não tem de me contar o que aconteceu.

Levanta-se da cadeira, agarra na mala que está no chão e guarda o telemóvel, antes de me dar um beijo leve no rosto.

— Estás com ótimo aspeto, Lisa. Tenho de ir andando.

Passa mesmo ao lado da Delia sem sequer olhar para trás, e eu encolho os ombros.

— Ela gere a sua própria empresa. É muito ocupada.

A Delia abana a cabeça, enquanto recolhe a cortina novamente para junto da parede; depois, vira costas.

— Descanse um pouco.

Observo-a a atravessar a enfermaria em direção a outra paciente — uma senhora de meia-idade que tirou o apêndice há dois dias — e à coscuvilheira. Perco rapidamente o interesse nelas; estou demasiado confusa com a relutância da Hayley em falar.

De todos nós, ela costuma ser a mais tagarela. A sua capacidade para falar parece não ter limites. Apesar do terrível e doloroso facto de o Simon ter morrido, ela, numa situação normal, certificar-se-ia de que eu sabia o que tinha acontecido.

Mas agora?

Agora, há uma barreira entre nós e foi a Hayley quem a ergueu.

Não vou conseguir fazê-la falar do que quer que tenha acontecido ao Simon, ou a mim.

Vou ter de tentar lembrar-me sozinha.

HAYLEY

Um fedor persistente a suor e comida resseca permanece no ar, demasiado quente.

Faz-me lembrar das refeições na cantina apinhada da escola, dos balneários húmidos depois dos jogos de hóquei, e mal consigo respirar.

Uma enfermeira passa rapidamente por mim, com o uniforme engomado a estalar quando agita os braços, para avançar mais depressa no chão de mosaicos em direção a uma das camas.

Um casal de meia-idade está sentado aninhado em cadeiras ao lado de uma rapariga adolescente deitada na última cama da enfermaria; a sua conversa murmurada é abafada pelos guinchos do carrinho que um homem alto e magro, de cabelo preto a escassear, vem a empurrar pelo corredor fora. O passo dele não tem pressa, os olhos vazios enquanto trava uma batalha já perdida contra uma das rodas tortas do carrinho, que se inclina para a esquerda. O homem faz uma pausa para ajustar a rota antes de voltar a andar e os guinchos desvanecem-se com a distância.

Os meus tacões fazem demasiado barulho sobre o chão; os passos ecoam nas paredes bege enquanto respiro por entre os lábios secos.

O suor pica-me as têmporas e a nuca. Puxo o cachecol de seda que trouxe para contrastar com a blusa bege que escolhi hoje, e depois amarroto-o e enfio-o na mala grande de couro que seguro com um braço.

As minhas mãos começam a tremer mesmo antes de eu conseguir fugir da enfermaria.

Passo por umas portas duplas de madeira grossa com painéis de vidro até três quartos da altura e o meu reflexo arrebita-se por uma fração de segundo.

Fico surpreendida com o ar calmo que apresento.

As portas fecham-se.

Sinto o coração a pulsar nos ouvidos, acompanhado por um som ondulante que me obriga a pestanejar para tentar afastar os pontos brilhantes que me inundam a visão. Ainda tenho de conduzir até casa e, se não conseguir ver como deve ser, não vou estar apta a fazê-lo. De todos os lugares que há no mundo, este é aquele onde não quero ficar encalhada.

O fedor a couve húmida é substituído pelo de grãos de café queimados; vejo a placa de um café franchisado espetada sobre uma porta e espreito.

Tem quatro ou cinco mesas, cheias de visitantes, funcionários do hospital e sabe Deus quem mais. Cada uma das pessoas evita manter contacto visual com as outras, como se tivesse medo de que alguém tente estabelecer uma conversa.

Quando chego ao balcão, franzo o nariz. Consigo ver os preços de onde me encontro e, enquanto observo um jato negro a ser expelido para um copo de cartão por uma máquina encostada à parede do fundo, decido que posso esperar até chegar a casa.

Dou meia-volta nos calcanhares e apresso-me a sair dali.

O corredor à minha frente acaba em T e uma série de placas coloridas presas ao teto indicam o caminho para a sala das Urgências, para o departamento de raio-X e — felizmente — para a saída.

Preciso de ar puro.

Ouçó o estalar de um rádio do outro lado da esquina e paro de imediato, ao lado de uma maca onde está deitado um senhor idoso.

Ele espreita para mim com uma expressão intrigada nos olhos cinzentos, aninhado em cobertores amarelo-pálidos, e, quando tenta formar palavras, a sua boca estremece.

Não tem ninguém com ele.

O rádio volta a ganhar vida — uma instrução gritada que explode quando alguém ajusta o volume. Depois, uma voz masculina murmura uma resposta curta.

Engulo em seco enquanto meto a mão na mala e sinto a superfície irregular e fria de um molho de chaves.

O parque de estacionamento está a poucos metros de distância, mas parecem-me quilómetros.

Olho em redor à procura da polícia, questionando-me se estará aqui.

Não quero falar com eles outra vez. Falei com a polícia na *escape room*, dois agentes de uniforme que expressaram as suas preocupações e falaram com uma eficiência que me assustou. Depois, ontem, uma mulher — uma detetive — bateu-me à porta de casa e fez-me novamente as mesmas perguntas, com uma expressão desconfiada nos olhos.

Ela acabou por se ir embora.

Mas sei que vai voltar.

Pelo canto do olho, vejo um movimento que me chama a atenção. O senhor idoso está a tentar agarrar-me, com os olhos suplicantes.

Afasto-me dele, e ele deixa cair a mão enquanto endireito os ombros.

Não posso ficar aqui.

Tenho de sair.

Sacudo o cabelo por cima do ombro e dobro a esquina. Depois, quase tropeço.

Não é a polícia.

São dois paramédicos, um homem e uma mulher, de macacão verde-escuro, que estão junto à secretária das enfermeiras a conversar com um porteiro de macacão azul. Ela, mais velha, com o cabelo preto num moderno penteado espetado, está encostada à parede com um bloco de notas com mola na mão, enquanto o colega — que parece ter 16 anos — segura um *walkie-talkie* junto à boca. As suas palavras são breves e concisas.

Aumento a velocidade do passo. Já não há aqui nada a temer.

Ao passar, consigo sorrir à mulher e, de seguida, as portas de vidro automáticas voltam a fazer o seu som sibilante ao abrirem para me deixar passar.

Uma lufada de ar frio atinge-me o nariz e o rosto, levando por instantes o meu medo enquanto me concentro para atravessar a passadeira e, depois, o parque de asfalto mal iluminado em direção ao meu carro.

Encontro-o sob uma pirâmide de luz amarela de um dos candeeiros de rua; o chão apresenta um brilho suave, da chuva que acabou de cair. O ozono chamuscou o ar à minha volta e engulo uma grande golfada, recordando as tempestades de verão e os churrascos arruinados, uma realidade que ainda estava a alguns meses de distância.

Afundo-me por detrás do volante, meto a chave na ignição e fito a saída por onde acabei de me escapar.

Para lá das portas de vidro, os dois paramédicos avançam em direção à saída, com movimentos apressados, mas determinados. Quando saem do hospital em direção a uma das ambulâncias estacionadas na berma de betão junto às portas, não há a menor indicação de pânico.

A sirene toca quando chegam à estrada principal e agarro no volante com força, enquanto arquejo para respirar por entre os soluços que se afogam no meu peito.

Isto não devia ter sido assim.

Nunca devia ter sido assim.

6

LISA

Na manhã seguinte, assim que olho para os dois agentes da polícia que entram na enfermaria, sinto arrepios na nuca e nos ombros.

O agente masculino usa um uniforme com um colete grosso por cima. Os bolsos do colete estão cheios de equipamentos: um rádio preso do lado direito e um par de algemas num gancho por baixo.

Ele dirige-me o mais breve dos sorrisos antes de fechar a cortina — é evidente que caiu nas boas graças da Delia. Deixa-se estar de pé ao lado da parede e leva a mão ao colete — que parece pesar meia tonelada — , de onde tira um pequeno bloco de notas e uma caneta.

Viro a cabeça e vejo a agente feminina do lado esquerdo da cama, com o maxilar cerrado. Tem vestido um fato cinzento-carvão que não fica nada bem com o tom castanho-escuro do seu cabelo. Pestaneja uma vez e, depois, força um sorriso.

Faz-me lembrar um *rottweiler*.

— Menina Ashton, Lisa, sou a detetive Angela Forbes. E este é o meu colega, o agente Phillips. Como se sente?

— Dorida.

Não estou a mentir. Sei que o doutor Ashwan tem aquilo que chama de «os meus melhores interesses» em mente, mas o abdómen dói-me terrivelmente e está inchado do gás que usaram para o expandir durante a cirurgia.

Ele diz que é normal para alguém que recebeu o transplante de um rim novo apenas há três dias. E para alguém que o médico tem intenção de expulsar do hospital daqui a pouco tempo, se tudo continuar a correr tão bem como até agora.

Abano a cabeça para clarear as ideias, porque a *Rottweiler* continua a falar e já perdi metade do que ela disse.

— Estou sob prisão? — pergunto, subitamente.

A *Rottweiler* — Forbes, recordo-me do sobrenome dela — franze o sobrolho.

— Não. Mas este interrogatório é formal, por isso temos de a avisar disso.

Então a Hayley tinha razão.

Eles consideram que a morte do Simon *foi* suspeita.

Mas porquê?

Estremeço, à medida que uma pontada de fogo puro se espalha pelo meu estômago, com as ondas a propagarem-se por todo o corpo.

— Está a sentir-se bem?

O agente masculino — Phillips — dá um passo em frente, com a preocupação cravada nas feições.

Cerro os dentes e assinto com a cabeça, com o suor a reunir-se na minha testa.

— Segundo o médico, faz tudo parte do processo de recuperação.

A Forbes faz um sorriso amarelo.

— Dá-me ideia de que ele devia passar pelo mesmo antes de dizer uma coisa dessas.

Não consigo controlar-me e solto um resfôlego.

Afinal, a *Rottweiler* até tem sentido de humor.

— O que me queriam perguntar?

Ela puxa a cadeira das visitas pelo chão de mosaicos e vira-a para mim, antes de se deixar cair nela com um suspiro mal disfarçado.

— Estamos a investigar a morte de Simon Granger — diz. — Sei que é muito invulgar os pacientes saberem quem foi o seu dador, mas, tanto quanto nos foi dado a entender, ele era a sua última esperança, não era?

Mordo o lábio e, a seguir, assinto com a cabeça. As lágrimas ardem-me nos cantos dos olhos.

— Estão a investigar a morte dele porquê?

— É apenas um inquérito de rotina — diz ela.

— O que querem saber?

A Forbes recosta-se na cadeira.

— Porque não começamos pelo início? Por que motivo estava na *escape room* A-Maze?

— Fomos lá festejar o meu aniversário — digo. Engulo. — Devia ser o meu último aniversário, mesmo a tempo de me juntar ao clube dos 27 ao lado do Cobain ou da Winehouse.

Ela não parece captar o sarcasmo.

— Quem organizou a experiência?

— O resto do grupo todo. Era para ser uma surpresa.

— A quem se refere quando diz «o grupo todo»?

— Todos os que lá estavam. A Hayley, a Bec, o Simon e o David.

— Pode explicar-nos o seu estado de saúde na altura?

— Os meus rins estavam a falhar — digo, mantendo os factos simples para ela. Tenho a noção de quanto jargão médico fui obtendo por osmose nos últimos onze meses. — Se não encontrasse um dador de rim nas próximas quatro a seis semanas, iria ficar progressivamente mais doente, até...

Paro e inspiro profundamente. Sinto um som súbito nos ouvidos quando a realidade se abate sobre mim.

Eu devia estar morta.

Não o Simon.

— Quer um copo de água? — O Phillips avança.

Abano a cabeça.

— Não. Desculpem. Eu só...

Ele continua com uma expressão preocupada.

— Os seus pais não são compatíveis?

— Não, e não tenho irmãos.

— Não podia fazer diálise?

— Houve outras complicações... O meu coração é demasiado fraco para aguentar o esforço.

Isto é dizer pouco. Quando o doutor Ashwan acabou de listar todas as razões pelas quais a opção da diálise não era viável, os meus pais estavam a chorar.

Lembro-me da sensação de dormência que comecei a sentir nos dedos e que se espalhou lentamente pelos braços acima e por todo o corpo, até eu só sentir vontade de gritar.

— Porque é que recebeu o rim do Simon Granger? — pergunta o Phillips. — Pensei que as listas de transplantes eram organizadas por ordem de chegada.

A pergunta dele é ingénua, mas eu própria a teria feito se não estivesse tão familiarizada com o processo.

— Tem razão. Trouxeram-nos a ambos para aqui da *escape room*. O meu cirurgião disse que ele trazia um cartão de dador — respondo — e eu era a recetora mais compatível da lista.

— Que conveniente — diz a Forbes. — Se estava tão doente, como é que conseguiu ir para a *escape room* A-Maze jogar com os seus amigos?

Viro a cabeça rapidamente.

A Forbes está novamente inclinada para a frente, com um olhar predador.

— Desculpe? — Fico chocada com a ameaça subjacente à sua pergunta.

— Se a sua saúde estava tão debilitada, como conseguiu ir para uma *escape room* com os seus amigos?

— Porque estava encharcada de analgésicos até não poder mais — respondo, rispidamente. Obrigo-me a relaxar. — O médico concordou. Nesta fase, já estavam a falar em fazer escolhas sobre o fim de vida. Uma vez que a diálise não era uma opção para mim, não sabiam dizer quanto tempo me restava. Assim, a ideia de celebrar um último aniversário com os meus amigos foi algo que me animou. Pensei que seria a minha última oportunidade de o fazer.

A Forbes empinou o queixo na direção do meu corpo prostrado.

— Parece que afinal recebeu um belo presente de aniversário.

A insensibilidade dela deixa-me chocada. Obrigo-me a sentar-me na cama, apesar de me doer como tudo.

Ganho consciência de que abusei da sorte assim que o monitor ao meu lado começa a apitar freneticamente.

— Perdi um bom amigo este fim de semana — rosno. — Não sei ao certo o que está a insinuar, mas não gosto do seu tom de voz.

O agente Phillips levanta a mão.

— É apenas um inquérito de rotina.

— Não, não é. Isto é perseguição.

Fico a salvo de um novo comentário da *Rottweiler* quando, subitamente, a Delia abre a cortina e se planta à entrada a fitá-los.

— O que é que se passa aqui?

A Forbes levanta-se e dá o seu melhor para produzir um sorriso doce.

— Já estávamos de saída.

A Delia não diz nada; desvia-se para o lado para deixar os agentes passar, e depois vira-se para mim, com o olhar a suavizar-se antes de se apressar para a minha cama e me ajudar a deitar novamente.

Quando acabamos, estou a chorar, com um fogo líquido a queimar-me os músculos do estômago e as feridas que ainda mal cicatrizaram.

A Delia aperta-me a mão.

— Daqui a meia hora poderá receber mais analgésicos, mas não antes.

— Eles vão voltar? — pergunto, num murmúrio.

Ela encolhe os ombros.

— Acho que isso deve depender de como correr o inquérito. Mas, se está preocupada com eles, para a próxima pode pedir que esteja alguém presente ao seu lado.

Abano a cabeça e forço um sorriso, enquanto ela se vai embora.

Nem quero pensar em ter de falar novamente com a Forbes, mas a realidade é que, se decidiram investigar a morte do Simon, então

é provável que ela volte.

Porém, a possibilidade de falar com ela com a presença de um advogado também me parece ominosa.

Afinal, até parece que tenho alguma coisa a esconder da polícia.

LISA

Na manhã seguinte, estou a beber um sumo de laranja natural quando ouço uma batida na porta.

O David espreita e os seus olhos castanhos iluminam-se quando me vê.

Tem aquele tipo de rosto que não é bonito, mas também não tem nada de feio. É o tipo de pessoa que se desvanece numa fotografia de grupo, sem ninguém reparar nela, porque não tem nada de extraordinário, apesar do seu metro e oitenta de altura. Tem uma espécie de quietude que nenhum de nós consegue imitar ou entender.

Traz um capacete de ciclismo numa das mãos, com tufo de cabelo preto enfiados nas zonas correspondentes à ventilação. Fito-lhe os pés.

Vem de sapatilhas, mas não com encaixes de bicicleta.

— Pois, não achei que fosse muito interessante andar com os encaixes neste chão de mosaicos — explica ele.

— E felizmente também vestiste umas calças de fato de treino.

— Não há mal nenhum em andar com calções de licra.

Reviro os olhos.

— Não és tu quem tem de olhar para eles.

Digo isto a sorrir, só para o provocar. O David tem uma postura meiga, que sempre atribuí à timidez, uma cautela que só se manifesta quando está com pessoas desconhecidas ou em lugares novos. De todos os meus amigos, ele é o melhor ouvinte. É um bom amigo, mas não mais do que isso.

— Tens comido alguma coisa? — pergunta-me.

Gesticulo para o tabuleiro à minha frente, com o que resta de um modesto pequeno-almoço.

— Foi a primeira vez desde a operação.

Ele fecha a porta e, depois, empoleira-se no fundo da cama.

— Como estás?

Demoro um instante a responder-lhe, enquanto termino o sumo. Isso dá-me tempo para organizar a confusão de pensamentos que me inunda a cabeça e formar uma frase coerente.

— Ontem à noite mudaram-me para este quarto. Piorei um pouco e acharam que me faria bem ter paz e sossego.

— Mas vais ficar bem?

— Eu estou bem, considerando as circunstâncias. Apesar de...

— Se o Simon não tivesse morrido, morrerias tu.

Pronto. Um de nós disse-o em voz alta.

Assinto com a cabeça.

— Culpa de sobrevivente — diz ele. E a segurança na sua voz é tão brutalmente honesta, que sinto um murro no peito.

— Não vi isso enumerado no diagnóstico — respondo, indicando as notas médicas afixadas no bloco de notas na parede ao lado da porta.

— Amadores — diz ele, com um piscar de olhos.

Limpo as lágrimas que me escorrem pelo rosto abaixo.

— A polícia já falou contigo?

O sorriso desaparece-lhe do rosto.

— Sim, depois de te trazerem para o hospital. Acho que são só procedimentos de rotina. Porquê? Estiveram aqui?

— Ontem. Um agente masculino e uma mulher, Forbes, que é a superior hierárquica dele.

— Ah, o cão de ataque. É essa, sim.

Ambos sorrimos, mas ele fica novamente sério.

— O que te perguntaram?

— Queriam saber por que motivo estávamos lá, quem tinha organizado a experiência e porque é que eu fui.

— O que lhes contaste?

— Não muito. Para ser sincera, não me lembro de quase nada. —
Pouso o copo vazio no tabuleiro e olho agradecida para o David quando ele o levanta da cama e o coloca na mesa por baixo da janela.

De seguida, ajuda-me a aconchegar as almofadas e, quando já estou instalada, vai para a cadeira.

Franzo o sobrolho ao recordar as perguntas da polícia.

— Ela foi muito bruta comigo. Exigiu saber como consegui sair de casa, se a minha saúde estava assim tão mal.

— Disseste-lhe que estavas medicada até aos olhos?

— Depois de resmungar com ela por causa da sua postura, sim, disse. Eles foram-se embora depois de a enfermeira de serviço os interromper e perguntar o que se passava.

O David assobia baixinho entre os dentes.

— Pois. Eu sei — suspiro. — Mas ela irritou-me mesmo.

Ele debruça-se para mim.

— De que é que te recordas *de verdade*?

Esta é a pergunta que tenho feito a mim mesma desde que os dois agentes saíram daqui.

A clareza com que alguns dos acontecimentos do dia regressam à minha memória é abafada pelas lacunas que lá encontro, o que me assusta.

Não que diga isto ao David.

Ainda não vou dizer.

Em vez disso, pigarreio.

— Lembro-me de que a Bec me foi buscar a casa dos meus pais. Chegou atrasada. Foi a primeira vez que lá foi, porque, normalmente, ia buscar-me ao meu apartamento quando íamos sair e era a sua vez de conduzir.

Não falamos do facto de ter tido de vender o meu apartamento quando a minha saúde se começou a deteriorar até ao ponto de eu já não conseguir cuidar de mim.

— Estavas muito pálida. Fiquei preocupado — diz o David.

— A minha mãe estava numa agitação, com medo de que eu não levasse roupa suficiente e me constipasse, apesar de eu parecer um verdadeiro...

— Esquimó.

Estendi a mão para a dele.

— Para ser franca, sentia-me pior do que merda, mas vocês organizaram aquilo tudo e eu não vos quis desiludir.

— Podias ter dito qualquer coisa. Tínhamos cancelado.

Aperto-lhe os dedos e largo-o.

— Mas devia ser a última vez em que íamos estar todos juntos. Não podia cancelar. Além disso, tomei alguns analgésicos extra.

Ele franze o sobrolho.

— Achas que isso foi sensato? Quero dizer, aqueles bebés derrubam um cavalo.

— Eu só queria divertir-me — digo, com uma voz débil.

Não vou admiti-lo, mas ele agora deixou-me preocupada.

Porque talvez não devesse ter tomado aquela dose extra. O David tem razão quanto à força da medicação que eu tomava.

Lembro-me de quando recebi a primeira medicação do doutor Ashwan, da palestra que a acompanhou e de como, quando cheguei a casa dos meus pais, rasguei a bula médica em mil pedaços e os deitei na sanita, só porque tinha demasiado medo de a ler.

— Lisa?

O David está a observar-me e percebo que estou há demasiado tempo em silêncio.

— Lembro-me de a Hayley estar muito entusiasmada.

Ele revira os olhos.

— Se a Forbes é um *rottweiler*, a Hayley é um *yorkshire terrier*.

Ambos nos rimos e, por um instante, a tensão abandona o quarto.

— Ganhámos o primeiro jogo, não ganhámos? — pergunto.

— Ganhámos. Batemos o recorde por 15 segundos, e foi por isso que decidimos passar para o desafio seguinte. A casa assombrada. Nessa altura, tive a impressão de que já estavas com dificuldades.

— Pois estava.

Não estou a brincar. Nunca teria concordado com isso se não tivesse sido pela insistência do Simon para que continuássemos a jogar e pelo seu comentário trocista de que estávamos a criar memórias. A intenção era boa, mas vindo dele, logo dele, soava terrivelmente insensível.

— De que é que te lembras do jogo? — pergunta o David.

— Não me lembro de grande coisa. Acho que, a certa altura, a Hayley me estava a ajudar. Sentia-me zozna.

— Dos analgésicos?

— Deve ter sido. E também daquelas luzes todas a piscar e dos efeitos especiais. Era tudo muito confuso.

— A intenção era mesmo desorientar. Eles não querem que as pessoas vençam os desafios com facilidade.

— Sim, eu sei disso. — Não estou zangada com ele, mas, por vezes, tem uma certa propensão para afirmar o óbvio. Sem lhe ralhar, aponto para o jarro de água que está na cómoda e ele faz-me a vontade. Enche um copo e entrega-mo.

Bebo até meio e, a seguir, expiro.

— Lembro-me de que as luzes se apagaram. A Hayley largou-me o braço e perdi todo o sentido de orientação. O Simon riu-se por ela gritar e depois tropecei em qualquer coisa. Ouve-te dizer que deviam ligar as luzes e depois ficou tudo muito silencioso. Não conseguia ouvir mais nada além da minha própria respiração. Entrei em pânico. Pensei que me tinham deixado ali sozinha. Chamei, mas ninguém me respondeu. Eu... Depois disto, não me lembro de mais nada.

— Não me lembro de te ouvir a chamar por nós — diz o David. — Tens a certeza de que os medicamentos não te fizeram alucinar?

— Tenho a certeza.

Porém, depois, faço uma pausa.

Tenho?

HAYLEY

O nome dela é Harriett Roxburgh e, segundo a pesquisa *online* que fiz ontem depois de ela me ligar, é a filha mais nova de um importante homem de negócios que tem escritório em Canary Wharf e propriedades em Mayfair.

O marido dela é sobrinho de um membro menor da família real e estima-se que o casamento de ambos, realizado há oito anos, terá custado para cima de seis dígitos, o que de certa forma explica o motivo pelo qual têm uma casa numa prestigiada parcela de terreno com vista para a marina.

Isso não me surpreende. Parece ser o tipo de mulher que devia ter um título antes do nome. Como *Lady* ou *Honorável*. Algo do estilo.

Fico surpreendida quando a vejo abrir a porta de madeira de carvalho maciça da mansão de cinco quartos, vestindo umas calças de ganga e uma *t-shirt* de manga comprida, porque ela não tem nada que ver com esta roupa. É mais velha do que imaginei — deve estar no fim dos 30 — e traz uma criança de dois anos, de rosto corado, encaixada na cintura.

— Desculpe — diz ela, com uma voz ensaiada e breve que consegue esconder praticamente todas as subtilezas da sua pronúncia de Geordie. — Estava ao telefone com a minha sogra.

Revira os olhos, para dar ênfase ao comentário, enquanto se desvia para me deixar entrar pela porta, afastando dos olhos o cabelo castanho-claro.

Apercebo-me imediatamente do aroma doce a óleo de polir madeira que paira no ar deste espaço arejado.

Não se trata de um corredor — é demasiado largo para ser considerado como tal. É mais como um átrio e, quando levanto os olhos, fico deslumbrada ao encontrar as vigas cruzadas que se encontram nesta parte da casa. À minha frente, em cima, há um varandim e, para lá dele, tenho a certeza de que consigo ver as mobílias suaves de um quarto.

As escadas sobem à minha direita e atravessam o corredor por baixo do varandim, até chegarem a uma *mezzanine* de onde se ouve o som de música clássica. Só se ouvem violinos, violoncelos e sonatas emotivas.

A porta fecha-se suavemente atrás de mim e a Harriett muda a criança para a outra anca.

— Presumo que todos os seus clientes limpem a casa antes de os visitar.

Sorrio, como ela espera que faça, e depois digo as palavras que costumava ter de ensaiar, mas que agora me saem com a maior facilidade.

— Nem todos são tão esmerados nas limpezas como você. A sua casa é maravilhosa.

Os ombros dela descontraem-se, e começa a sorrir amplamente.

— Tem filhos?

Porra, não. Nem quero pensar nisso.

— Não tenho. As minhas sobrinhas já me dão trabalho que chegue.

— Ah. — E começa a abanar a criança, que está com ar de quem pode vomitar a qualquer momento. — Este aqui foi uma surpresa absoluta. Não estava a planear começar a ter filhos tão tarde na vida. Como costuma fazer isto? Quer que lhe mostre a casa primeiro?

— É uma boa ideia. Assim posso começar a orientar-me e depois podemos conversar sobre os serviços que a minha empresa tem para oferecer que a possam ajudar a atingir um estilo de vida mais equilibrado.

Sigo-a através do corredor até chegarmos a uma sala de estar, que tem pendurada na parede a maior televisão que já vi na vida; depois, vamos até à cozinha, feita à medida, que parece ter custado tanto quanto o casamento, e, por fim, subimos ao andar de cima. Aqui, exclamo «Ohhh» e «Ahhh» perante o exuberante *design* de interiores e as mobílias suaves estrategicamente posicionadas.

O miúdo que ela leva ao colo choraminga o tempo todo, contorce-se, e olha alternadamente para a mãe e para mim, para ver se a sua agitação consegue captar a atenção que deseja, uma vez que neste momento o foco não se encontra nele.

Ignoro-o. Estou demasiado deslumbrada pelo espaço que me rodeia para me preocupar com um miúdo irrequieto.

Quando o telemóvel da Harriett toca, interrompendo-a a meio de um comentário monótono sobre como as claraboias foram colocadas no ângulo ideal para captarem a quantidade certa de luz de manhã e ao entardecer, tenho de me socorrer de todas as minhas forças para abafar a onda de inveja que me inunda.

Em vez de a denunciar, sorrio, enquanto a Harriett se vira de costas para mim. Vou até à janela do chão ao teto que esta sala tem. Segundo a cliente, é a sala de estar superior.

— Desculpe, mas isto vai demorar um pouco — diz ela, abanando o miúdo, que já não está enjoado, mas parece pronto para fazer a mãe de todas as birras. — Volto já.

Levanto a mão para lhe fazer sinal de que não precisa de se preocupar comigo — como se eu tivesse outra escolha — e viro-me.

Para lá dos vidros, para lá dos mastros dos barcos, consigo ver os arredores do centro da cidade de Southampton, as árvores que formam o perímetro do parque.

Sinto um arrepio a espalhar-se-me pelo pescoço e pelos ombros.

Viro costas à rua e passo os olhos pelos objetos e curiosidades que foram espalhadas por cima de um piano de cauda. Caminho até ele e passo os dedos pela tampa que esconde as teclas. Depois, inspiro, para cheirar o ar.

Ela também poliu o piano, e, quando espreito por baixo da tampa para as teclas empoeiradas, questiono-me acerca da frequência com que alguém tocará este instrumento e de quanto da sua presença se deverá apenas ao exibicionismo.

Talvez um dia o pirralho irrequieto seja obrigado a ter aulas de piano; para começo de conversa, seria uma justificação final para a exuberância de ter um piano em casa.

Ainda a consigo ouvir na sala ao lado. Uma das tábuas do chão range enquanto ela anda para um lado e para o outro. Seja qual for a conversa, parece que ainda vai durar algum tempo.

Suspiro e olho para o relógio.

O período de visitas do hospital ainda dura mais duas horas, mas não faço a menor intenção de voltar a visitar a Lisa ali.

Uma vez já chegou.

Não quero dar de caras com a polícia. Quero dizer, eles vão ter de ir ao hospital, não vão?

Vão querer falar com ela, como falaram comigo na manhã a seguir à morte do Simon.

Quando me apareceram à porta de casa, mal podia acreditar.

Eram dois: uma mulher, cujo queixo se empinou no instante em que abri a porta, como se estivesse pronta para me saltar em cima, e um homem, mais novo, de uniforme, que parecia aterrorizado por se encontrar a menos de cinquenta metros dela.

Ela rosnou um chorrilho de palavras, começando pelo seu nome e patente, e, depois de se fazer convidada para entrar, passou os vinte minutos seguintes a interrogar-me sobre o que se tinha passado na *escape room*.

O que é que ela achava que se tinha passado na porcaria da *escape room*? Estávamos a tentar fugir, disse-lhe eu; a ideia do jogo era essa.

O colega sorriu com ar travesso perante a minha resposta e, por instantes, pensei que tinha ganho um ponto de vantagem, mas a mulher — Forbes, ela chama-se Forbes — fitou-me furiosamente. Falámos repetidamente das mesmas coisas e, por momentos,

pensei que estava só a dizer disparates, até me aperceber do que ela estava a tentar fazer.

Estava a tentar pregar-me rasteiras, para ver se eu cometia algum erro ao contar aquilo que tínhamos feito, aonde tínhamos ido e o que tinha acontecido.

Quando eles saíram da minha casa, eu estava a tremer. Detestei a forma como ela me fez sentir exposta, questionando a minha própria memória, e fiquei com medo de ter dito de mais — ou de menos.

Endireito os ombros e avanço sobre a alcatifa grossa até uma estante, onde a Harriett dispôs algumas molduras de fotografias a condizer umas com as outras.

Tem as fotografias obrigatórias tiradas em estúdio antes e depois do nascimento do bebé, poses perfeitas que não denunciam as noites sem dormir e as fraldas sujas que certamente se seguiram a uma gravidez tão glamorosa. Ao lado destas, há fotografias mais antigas do casal sorridente — presumo que aquele seja o seu marido — a segurar copos de cerveja com espuma, de óculos de neve na cabeça; a fazer canoagem num rio algures com margens verdes e luxuriantes e, definitivamente, nada perto de Southampton; e depois...

Paro.

A última fotografia mostra a Harriett mais nova e o mesmo homem num grupo de amigos todos amontoados num sofá demasiado pequeno, com copos de champanhe na mão. Na outra mão, todos seguram um diploma.

Um diploma de fim de curso.

Baixo a moldura com a fotografia antes de lhe virar as costas e sinto a boca seca.

Ouçó os gritos de frustração do miúdo vindos da outra divisão. São como uma agulha que se enterra nos nervos que já tenho em franja.

Esta fotografia trouxe de volta as memórias erradas e, agora que estas rodopiam dentro da minha cabeça, sei que não vou conseguir

dormir esta noite.

Porque isso me faz lembrar demasiado bem dos meus próprios anos de universidade.

Com os outros.

Com ele.

E, depois, sem ele.

Porque durante um breve período de tempo no nosso primeiro ano, éramos seis.

Não cinco.

DAVID

A rua estreita está ladeada de carros, carrinhas de entregas e mães em veículos enormes «quatro-vezes-quatro», demasiado grandes para as suas mãos. Ouve-se no ar uma cacofonia de motores, buzinas de carros e gritos frustrados.

São três e meia de uma tarde de quarta-feira; as aulas acabaram agora; é a confusão total.

Os passeios deste bairro urbano criado nos anos 50 são demasiado estreitos, demasiado irregulares, e estão apinhados de quadros de ardósia a anunciar as ementas dos cafés, de artistas e de pensionistas que se juntam no meio do caminho para conversar com alguém que viram no dia anterior, mas que entretanto pode ter mais algum mexerico para contar.

Ficam ali parados sem se darem conta das pessoas que se apartam à sua volta como afluentes de rios, tal é a necessidade que têm de passar o tempo a repetir as notícias de ontem em vez de irem para casa, para uma sala vazia, e olhar para as paredes, sozinhas.

Os miúdos encham os passeios com os seus uniformes coloridos, entram e saem das lojas em bandos e atiram as mochilas e os sacos de desporto para as soleiras, sem se aperceberem do percurso de obstáculos que estão a deixar para os restantes clientes ultrapassarem.

Abro caminho para lá de um grupo de quatro raparigas adolescentes, ignoro os seus risos trocistas a respeito do meu equipamento de ciclismo e abro a porta de uma arca refrigeradora. Quando estendo a mão para o fundo da prateleira e envolvo a última

lata de bebida energética com os dedos, sinto os braços a ficarem com pele de galinha.

Não admira que os miúdos estejam sempre aos berros e gritos em decibéis que fariam lacrimejar os membros de um grupo de *death metal*. Estão cheios de cafeína e açúcar até à ponta dos cabelos.

Deixo a porta da arca fechar-se e abro novamente caminho até ao balcão, onde o Sr. Khoury está a dar o seu melhor para travar a enxurrada seguinte de miúdos que se prepara para entrar, antes de ter oportunidade de se certificar de que aqueles que vão a sair não lhe levam meia loja sem pagar.

Trocamos um olhar cansado, enquanto ele prime o botão da caixa registadora com um dedo ossudo, e depois entrego-lhe algumas moedas.

— Pode pôr o troco numa das caixas de doações — digo, questionando-me acerca de qual das latas coloridas irá receber a minha contribuição.

Provavelmente, o abrigo local para gatos. É a lata mais desbotada, a mais arranhada e amolgada.

O Sr. Khoury sorri e levanta a moeda de 50 *pence*.

— Bem, tem de ir para a Kidney Foundation, não é?

O meu olhar recai na lata ao lado da que tem fotografias de gatinhos brancos coladas e questiono-me acerca do motivo pelo qual ainda não a tinha visto.

— É nova — diz o Sr. Khoury, antes de eu conseguir perguntar. — A filha de um dos meus clientes habituais fez um transplante muito bem-sucedido na semana passada. É uma boa causa, não lhe parece? Uma causa muito boa.

Deixo de o conseguir ouvir, porque já estou à porta, a passar por cima das mochilas e a esforçar-me por manter o equilíbrio quando os encaixes das minhas sapatilhas tentam escorregar por baixo dos pés. Ponho a lata de bebida no bolso da frente da *t-shirt* e agarro a ombreira da porta com as mãos protegidas com luvas; depois, precipito-me para o passeio.

Estou a arquejar, mas não é de cansaço.

Quando chego à minha bicicleta de fibra de carbono, suspiro de alívio. Ainda tem as duas rodas e a pintura continua imaculada.

Prendo as correias do capacete ao guiador e abro a lata. Poucos segundos depois, esta já vai a meio, e sinto um arroto a subir antes de ter tempo sequer de pestanejar.

Uma senhora reformada passa por mim com uma expressão de desagrado e a boca fixa numa curva descendente.

Balbucio uma desculpa, envergonhado por saber que a minha própria avó teria olhado para mim da mesma forma, e olho novamente para trás, para a loja de conveniência.

É uma daquelas lojas que abre cedo e fecha tarde. Sabe Deus quando é que o Khoury e a sua cara-metade dormem, porque um deles está sempre na loja, ou na caixa, a repor os artigos nas prateleiras, ou então à porta, a sorrir para quem passa e a ocupar as horas a falar com quem se detém por ali para dar dois dedos de conversa.

A loja fica quase a cinco quilómetros da casa dos pais da Lisa, por isso qual é a probabilidade de a mãe dela fazer ali as suas compras? Qual é a probabilidade de a Sra. Ashton — a Judy — vir de carro até aqui com regularidade para fazer as suas compras? Qual é a probabilidade de o Sr. Khoury estar a falar de outra pessoa que não tem nada que ver com a Lisa quando deixou cair a moeda na lata de doações ao lado da caixa?

No entanto, agora, a ideia já rasteja no meu cérebro, anda em bicos dos pés sobre as sinapses e está a alimentar lentamente a paranoia que sei que já não me vai largar.

Não agora, que está profundamente entrançada na minha consciência.

Inclino a cabeça para trás e acabo a bebida, antes de atirar a lata para o caixote da reciclagem afixado a um poste de eletricidade próximo; a seguir, destravo a bicicleta. Ponho o capacete na cabeça, prendo a mola por baixo do queixo e empurro a bicicleta para longe do passeio. Um autocarro passa por mim, com o motorista atento à

estrada que tem pela frente enquanto acelera. Começo a andar e prendo os encaixes das sapatilhas nos pedais da bicicleta, aproveitando o cone de aspiração criado pelo veículo à minha frente.

Depois de quase um quilómetro a serpentear entre os carros, os peões e outros ciclistas mais lentos, subo o passeio e entro na ciclovía que a câmara municipal criou há um par de anos.

Abrando, não por segurança, mas porque o caminho serpenteia por um espaço estreito e arborizado, que serve para me aliviar do mundo de betão que me pesa sobre os ombros depois de um dia inteiro de trabalho. Descobri que isto neutraliza um pouco o *stress* e estou com esperanças de que me ajude agora, não obstante os ramos despidos nas árvores e as folhas manchadas que cobrem o caminho.

Um melro chilreia sonoramente antes de voar pelo caminho à minha frente, virando as asas em ângulo para pousar junto ao tronco de um abeto cuja copa nos faz sombra aos dois, protegendo-nos do sol fraco da tarde.

Sinto os ombros a ser trespassados por um arrepio e meto outra mudança, acelerando enquanto atravesso para o outro lado do bosque, para um caminho mais direito que corre paralelo à linha do comboio.

A locomotiva amarela desbotada de um comboio aparece ao longe, precipitando-se na minha direção. Reconheço-o como um dos comboios de três carruagens que costumava apanhar para ir para o trabalho antes de começar a andar de bicicleta.

Enquanto o comboio passa por mim, vejo de relance os rostos dos passageiros — são borrões pálidos através das janelas. Alguns espreitam para a ciclovía, outros vão com a cabeça curvada, talvez a semicerrar os olhos para os seus portáteis ou numa última e fútil tentativa de fazer as palavras-cruzadas antes de chegarem a casa, onde poderão ligar a televisão, ver o noticiário da noite e gritar para o ecrã, para as injustiças que proliferam no mundo, para toda a injustiça e morte.

Cerro os dentes e empurro os pedais ainda com mais força, começando mais um *sprint*, até que a dor nas barrigas das pernas ameaça transformar-se em câibras musculares.

Recordo o comentário final que um dos meus professores fez quando íamos a sair apressadamente da sala de aula num daqueles dias de verão na universidade, há tantos anos. Travo subitamente.

Ouçó uma asneira abafada atrás de mim e um homem de cerca de 50 anos, com excesso de peso, passa trémulo numa bicicleta de montanha um tamanho abaixo do indicado para a sua constituição física.

Levanto a mão para pedir desculpa, mas ele já vai a virar para fora da ciclovia. Mais um segundo e deixo de o ver.

As palavras do meu professor continuam às voltas na minha cabeça.

Nada é mais miserável do que a mente de um homem consciente da sua culpa.

10

LISA

Se não fosse esta dor latejante no lado do tronco, juro que já estava para lá da porta.

Nunca fui muito boa a estar sem fazer nada e, quatro dias depois da cirurgia, já me sinto frustrada e entediada. Preciso de fazer alguma coisa.

Hoje de manhã, mudaram-me novamente para a enfermaria. Disseram qualquer coisa acerca de o quarto ser preciso para outra pessoa.

Sinto falta da privacidade que lá tinha.

Já li de uma ponta à outra as revistas de mexericos que a minha mãe me trouxe, apesar das aldrabices todas que inundam as páginas lustrosas; tentei ouvir a estação de rádio do hospital e até ler um livro.

E a senhora da cama em frente à minha continua a tentar meter conversa comigo.

Tenho mesmo de sair daqui.

Incentivo o meu corpo a curar-se, a sarar-se a si mesmo, a aceitar o presente que recebeu. Uma suspensão temporária da dor, da eventual morte.

Expiro, recosto-me e fito os painéis do teto, com o pensamento a regressar ao meu dador.

Claro que agora nenhum de nós será capaz de o admitir em voz alta, mas o Simon também conseguia ser um cabrão de primeira classe.

Mordo o lábio.

Era quase cómica a forma como podíamos estar alegremente a falar com ele e se virava para nós com uma expressão vazia no

rosto.

— Hum? — dizia, enquanto erguia as sobrancelhas.

Às vezes, abanava ligeiramente a cabeça e inclinava-a na nossa direção, como se estivesse incrédulo por nos atrevermos a interrompê-lo. Normalmente, estava a ver uma parvoíce qualquer na televisão mais próxima, mesmo que nos encontrássemos num bar e estivessem a passar anúncios a meio de um programa.

Era quase cómico, mas, na verdade, muito irritante, principalmente quando percebíamos que esta era a sua postura por defeito. Não que não nos conseguisse ouvir; ele ouvia, só não se interessava minimamente pelo que lhe estávamos a dizer.

Ele fez-me isto uma última vez há cerca de três semanas.

Nessa altura, eu estava desesperada.

A Bec, a Hayley, o David e o Simon tinham feito análises ao sangue ao mesmo tempo, numa tentativa de me ajudarem.

Porém, quando chegaram os resultados, só um deles era compatível comigo.

A compatibilidade era perfeita.

Não queria pedir-lhe uma coisa destas, mas a conversa que tive com o meu médico especialista no dia anterior convenceu-me de que já não me restava outra escolha.

Eu ia morrer e o Simon era a única esperança que tinha de sobreviver.

Ou, pelo menos, o rim dele era a minha esperança.

— Hum?

Lutei contra o impulso de explodir com fúria — ou de sucumbir às lágrimas de frustração e de medo que ameaçavam saltar-me dos olhos.

Será que ele não conseguia entender como isto era importante para mim? Que a minha vida dependia dele?

— Eles deram-me algumas brochuras que explicam tudo, olha.

Empurrei-as por cima da mesa de piquenique na direção dele. A superfície áspera roçou na beira de uma das folhas e virou-a ligeiramente.

O Simon empurrou os óculos para cima do nariz antes de olhar para as minhas oferendas lustrosas, com a boca contorcida num esgar de desdém.

— Eles têm brochuras para estas coisas?

— Acho que ajuda a explicar melhor os procedimentos aos dadores vivos.

— Ajuda... Pois, está bem. — Suspirou e ergueu uma sobancelha, enquanto abria um dos panfletos.

Tentei recordar o rapaz com quem passara os meus últimos anos da adolescência, que se tinha transformado numa pessoa tão cruel.

Ele tinha sido sempre assim?

Nunca o vi a agredir fisicamente ninguém, nem mesmo os rapazes que o tentavam irritar durante os primeiros dias da escola preparatória. Passado algum tempo, todos pareciam entender que ele não ia descer ao nível de rufiões deles e limitavam-se a ignorá-lo. À medida que fomos crescendo, e quando acabámos por ir estudar para a mesma universidade, ele nem sequer ponderava entrar num bar se existisse a menor possibilidade de alguma coisa correr mal.

Não, a força do Simon concentrava-se naquilo que ele dizia; ou melhor, no que não dizia.

Ele não exigia nada das pessoas, mas, no final, também não dizia «por favor» ou «obrigado». Esperava simplesmente que o resto das pessoas se vergassem à sua vontade.

Porque é que todos alinhávamos nisto?

Talvez fosse porque queríamos manter o nosso grupo unido. Nenhum de nós queria ser o primeiro a erguer a voz contra o Simon, não fosse isso destruir a amizade entre todos.

Talvez fosse por ele saber coisas.

Sobre nós.

Ele sabia coisas sobre mim, disso não havia dúvidas. Coisas que nunca quis que os outros descobrissem, com medo de que me ostracizassem dentro do grupo.

Se ele quisesse fazê-lo. Se lhe apetecesse.

Eu não tinha outros amigos; a ideia de socializar com outras pessoas aterrorizava-me. Em sete anos de amizade, já me habituara a estar sempre com as mesmas pessoas.

Esta ideia deixava-me apavorada.

— Queres uma bebida quente? — perguntei-lhe na altura.

— Sim, pode ser.

Afastei-me dele e atarefei-me a preparar um chá — Earl Grey, mas não daquela porcaria que se compra no supermercado, senão não parava de me chatear a cabeça.

A cadeira arrastou-se sobre o chão de mosaicos e o Simon começou a andar de um lado para o outro, folheando uma brochura de cada vez antes de as pousar na mesa, numa pilha desordenada.

Engoli em seco e concentrei-me em espremer a saqueta de chá contra a lateral da chávena dele, tentando fazer com que a água atingisse uma tonalidade aceitável antes de lhe juntar um pouco de leite meio-gordo.

O aroma a bergamota inundou o espaço acanhado, recordando-me de tardes de verão e cobertura de bolos na casa da minha avó, e lutei contra o pânico crescente que se instalava no meu peito à medida que o som familiar me alcançava.

Ele voltara para a cadeira, com o sapato a bater insistentemente no chão. Estava a abanar uma perna enquanto se concentrava, um tique que ele tinha desde os nossos exames simulados, há tantos anos. Foi a primeira vez que reparei em como ele era ansioso por baixo da sua superfície calma e o quanto se esforçava para manter essa ansiedade escondida.

Acho que era por isso que atacava tão frequentemente com palavras — para esconder os seus próprios medos.

Estava outra vez a arranjar desculpas para o comportamento do Simon.

Virei costas à bancada da cozinha e peguei nas duas chávenas de chá; fui para a mesa onde ele estava sentado, pousei uma das chávenas à frente dele e sentei-me do outro lado.

Ele não disse nada. Não levantou os olhos para me ver. E, claro, não me agradeceu pelo chá.

— Então, o que achas?

Ele abanou a cabeça, empurrou a chávena de chá e levantou-se da cadeira, abandonando os panfletos, agora espalhados sobre a mesa.

— Mudei de ideias. Não vou fazer isto, Lisa.

Nem sequer me pediu desculpa antes de se ir embora.

LISA

Eles não sabem.

Não contei aos meus pais sobre a última conversa que tive com o Simon, por isso, quando me vêm visitar no dia a seguir, empurro-a para o fundo do pensamento.

Eles nunca souberam que ele era compatível comigo. Nunca souberam que ele me negou a oportunidade de sobreviver.

Para os meus pais, neste momento, depois de morto, o Simon é um cavaleiro andante, e não quero dar cabo desta ilusão.

O que lhes diria? «Olha, adivinhem — o Simon assinou a minha sentença de morte»?

Claro que também existe uma satisfação sombria que se esconde nos meus pensamentos mais recônditos, mas que não me atrevo a verbalizar — não em voz alta.

Estou viva por causa dele.

Pressinto a presença deles antes de aparecerem; uma ligeira alteração no ar seguida de vozes no corredor. Quando entram na enfermaria, os meus pais vêm a sorrir e qualquer preocupação que guardava dentro de mim desvanece-se assim que vejo os seus rostos.

A minha mãe fica de pé ao lado da cama, a avaliar-me.

— Muito bem. Aqui estamos nós, finalmente a recuperar.

O alívio dela é palpável. De seguida, deixa-se cair para a cadeira que o meu pai lhe puxa com um suspiro.

— Já falaram com eles?

— Com quem? — pergunta a minha mãe.

— Com os pais do Simon.

Agitada, mexe na pequena mala que tem ao colo.

O meu pai passa a mão pelo cabelo, curto e raro.

— Não falámos. A equipa de especialistas vai organizar uma sessão no início da semana que vem para te encontrares com eles. Considerando que nem devias saber quem é o teu dador, acho que estão a tentar controlar os danos. Não sabíamos o que mais poderíamos fazer, por isso concordámos...

A voz do meu pai desvanece-se à medida que a mão desce e os olhos deslizam para o chão.

— De qualquer maneira, não saberíamos o que dizer aos pais dele — afirma a minha mãe. — Não nestas circunstâncias. Não com a polícia...

— Eles já falaram convosco? A polícia?

— Sim, anteontem. Depois de te virmos visitar.

— Porquê? O que é que eles disseram?

— Acho que têm de investigar as coisas por causa do sítio onde ele morreu.

— Quais coisas?

— Está tudo bem, querida. — O meu pai, ao aperceber-se da nota de pânico na minha voz, debruça-se. — Devem ser só investigações de rotina, como lhes chamam. Porque o Simon morreu de repente. Ele não tinha problemas de saúde, pois não?

Abano a cabeça.

— Que eu soubesse, não.

— Então é por isso. Acho que o médico-legista deve querer esclarecer todos os aspetos relacionados com a sua morte.

Tento não resfolegar com uma gargalhada amargurada. O gosto do meu pai pelas séries policiais que passam na televisão fez com que se tivesse tornado, subitamente, um perito em investigação policial.

Porém, ele tem uma certa razão.

Eles vão querer saber o que aconteceu. E vão acabar por descobrir.

— Dizem que ele estava com problemas financeiros — conta a minha mãe, baixando a voz depois de olhar de relance por cima do

ombro.

Não há ninguém a ouvir-nos, mas, mesmo assim, sinto que a temperatura desceu vários graus.

— Estava?

Isto é uma novidade para mim.

O Simon era sempre aquele que desdenhava as compras frívolas de roupa da Hayley, a incapacidade do David para poupar 20 por cento do salário todos os meses para juntar para uma casa, ou o hábito que a Bec tem de ralhar com as pessoas por lhe devolverem o dinheiro que ela lhes emprestara há pouco tempo.

E detestava o facto de eu ter comprado um apartamento enquanto ele ainda se encontrava a alugar um *loft* com um quarto perto da estação de caminhos de ferro, quase como se se tratasse de uma corrida para ver quem subia primeiro na escada do imobiliário e ele tivesse perdido.

— Como sabes disso? — perguntei. — Quem é que disse que ele estava com dificuldades?

A minha mãe encolhe os ombros; é o seu gesto, por defeito, quando é apanhada em alguma coscuvilhice.

— Algumas pessoas.

— Quem?

— A Brenda, que trabalha na mesma empresa de informática onde ele costumava trabalhar. Sabes, a senhora que faz parte do coro, às quintas à noite. Ela disse que ele saiu da empresa porque alegava que não lhe pagavam o suficiente.

— Mãe, montes de pessoas trocam um emprego por outro onde podem receber um ordenado mais alto.

— Mas a empresa é uma das principais desta região. E a Brenda contou que circulava o rumor de que ele tinha um problema com o jogo; que não se despediu, mas foi despedido.

— A sério?

Toda a minha atenção se concentrara na minha mãe.

— Em que sentido?

— Ela não sabia ao certo; foi algo que ouviu. Para onde é que ele foi trabalhar a seguir?

— Disse-me que trabalhava como *freelancer*.

— Então estava desempregado?

— Não, mãe. Trabalhava de forma independente, com vários clientes. E, pelo que nos dizia, ganhava muito bem.

Fiquei em silêncio, chocada com a notícia.

Que mais é que eu não saberia sobre o Simon?

12

DAVID

Porquê uma *escape room*?

Porque era uma distração — de várias formas.

Esfrego os olhos cansados e arranhados, antes de ligar a chaleira e deitar uma colher cheia de café instantâneo numa caneca esbeçada.

Quando abro o frigorífico, gemo. Esqueci-me de comprar leite ontem quando vinha para casa e agora não tenho tempo de ir à bomba de gasolina ao fundo da rua para o fazer — não se quiser chegar ao trabalho a horas.

Olho para o relógio e, de seguida, fito furiosamente a chaleira, que já tem vapor a sair pelo bico. Vou ter de juntar mais uma colher de açúcar e pronto.

Enquanto levo o café para a sala de estar, vejo a fatura do imposto municipal na pequena mesa de jantar que também serve como secretária improvisada. Tinha intenção de a pagar na segunda-feira, mas, com tudo o que se passou nestes últimos seis dias, também acabei por me esquecer disso. Ando sempre com a ideia de estabelecer o débito direto, mas ainda não foi este mês. Outra vez.

Pouso a caneca de café num panfleto sobre vidros duplos que ainda não foi parar ao balde da reciclagem, tiro o telemóvel do bolso das calças e entro na aplicação do banco.

Detesto ter contas em atraso. Orgulho-me muito de ser organizado, de ser de confiança. É por isso que as outras pessoas contam sempre comigo — sabem que não as vou deixar ficar mal.

Com esta questão tratada, bebo um gole de café e fecho os olhos enquanto o primeiro sabor da cafeína me atinge a boca. Não é tão

satisfatório como o café de verdade, claro.

Pestanejo e tento decidir se tiro ou não as lentes de contacto e levo os óculos. Quando espreito pelas lâminas dos estores que protegem a janela das traseiras, mudo de ideias.

Está a chover a potes e, quando o tempo está assim, não consigo andar de bicicleta com óculos — embaciam-se e ficam cheios de água, é demasiado desorientador. E também é perigoso, considerando o volume de trânsito que há a esta hora do dia.

Vou até à poltrona onde deixei a mochila quando vim cá para baixo e verifico o bolso lateral. Tenho o frasco de colírio lá dentro e ainda tem bastante, chega para o dia de hoje.

Franzo o sobrolho no momento em que os meus dedos encontram um papel grosso, a superfície brilhante sob o meu toque.

Com um puxão, solto um grunhido surpreendido ao reconhecer as cores brilhantes do logótipo da empresa da *escape room*, a superfície lustrosa da brochura ilustrada com fotografias.

É evidente que são fotografias de atores — ou dos amigos dos donos. Os sorrisos fixos, os olhares franzidos e as expressões exasperadas: é tudo demasiado artificial, demasiado falso.

Ainda assim, foi o suficiente para convencer a Lisa e os outros.

Afinal, era uma das únicas atividades que o grupo sugeriu em que a Lisa podia participar, considerando o seu frágil estado de saúde.

É claro que o Simon revirou os olhos e disse que as *escape rooms* são ridículas e que era evidente que completaríamos as três salas em tempo recorde. Chegou ao ponto de afirmar que os organizadores sabiam que esta sua «divertida atividade de grupo» não iria puxar suficientemente pela nossa matéria cinzenta, daí o desconto de 40 por cento que ofereciam na parte de trás da brochura. E que se tratava apenas de um grupo de pessoas a tirar partido desta última tendência e que daqui a um ano já nem teriam este negócio.

A Hayley e a Bec vieram em meu auxílio; a Bec, pelo menos, teve o bom senso de salientar junto do antigo noivo que, considerando os planos atuais de todos para poupar dinheiro, nenhuma das outras

possibilidades em discussão para o aniversário da Lisa era adequada — ou viável.

O Simon fitou-a furiosamente e fez birra durante o resto da noite. Quando saí para ajudar a Lisa a entrar no carro da Bec, que a ia levar a casa, eles ainda não se falavam.

Pelo menos, quando chegou o dia de irmos à *escape room*, e depois de umas quantas bebidas no bar que ficava no outro lado da rua, ele já estava um pouco mais animado.

Por um breve momento, vi um vislumbre da antiga candura do Simon. O mesmo miúdo malandro que tanto me encantara quando o conheci na universidade, por ser o mais destemido. Vi nele a mesma expressão determinada que permitia que o nosso segredo estivesse há tanto tempo em segurança.

Até ele teve de admitir que a primeira *escape room* foi divertida — e foi mesmo.

Pirosa, sim, mas exatamente aquilo de que precisávamos, principalmente agora, com a saúde da Lisa a deteriorar-se tão claramente desde que a tínhamos visto na semana anterior.

A pele dela era translúcida; tinha uma palidez doentia que brilhava de forma sinistra sob os efeitos luminosos especiais.

— Talvez fosse melhor cancelarmos — disse eu, quando estávamos prestes a começar.

Ela estendeu o braço e apertou-me a mão.

— Não, não façam isso. Eu fico bem.

Assenti, feliz por poder satisfazer o seu desejo, e depois concentrei a minha atenção no desafio que nos propunham.

A primeira sala tinha sido decorada para parecer um escritório moderno, com seis portáteis cujos ecrãs piscavam em cima de secretárias diferentes; a luz tinha um tom azulado. Ficámos no meio da sala depois de a porta se fechar atrás de nós, e eu estava prestes a verbalizar a minha desilusão quando a contagem decrescente apareceu em números vermelhos brilhantes numa das paredes.

60 minutos.

60 minutos até o quê?

A resposta tornou-se evidente quando o ecrã de um dos portáteis mostrou a gravação de um homem com uma bata branca de cientista a falar. Uma célula terrorista tinha roubado a fórmula secreta de uma arma biológica — e a nossa equipa tinha como tarefa encontrar os suspeitos e impedir que a bomba fosse detonada. Conseguiríamos fugir dali quando as instruções que devíamos escrever nos portáteis resultassem na ordem correta de respostas.

Em 60 minutos?

Vê como se faz, Jack Bauer.

Virei-me e vi o Simon encostado à parede, com as pupilas dilatadas, e engoli um suspiro. Em vez disso, chamei-o.

— Anda, Simon. Computadores e pensamento linear são as tuas áreas de especialização. Tens alguma ideia?

Eu tentei, juro que tentei. Queria que fosse um dia especial; queria que fosse como no primeiro semestre da universidade — quando estávamos os cinco determinados a ter sucesso.

Não podíamos falhar logo no primeiro jogo, de maneira nenhuma, prometemos entre nós.

Porém, quando já tinha passado meia hora, percebi que o Simon estava cada vez pior, que falava muito alto, aos murros numa das secretárias, o que fez com que um dos portáteis caísse ao chão.

Fiz sinal à Hayley e ela tirou uma garrafa de água da mala. Entregou-a ao Simon e sugeriu-lhe que a bebesse.

— Acho que aqueles Manhattans que bebeste no bar te subiram à cabeça — disse ela, com uma gargalhada, para as palavras não serem tão ásperas.

Sem dizer uma palavra, o Simon abriu a garrafa e bebeu todo o conteúdo, antes de limpar a boca às costas da mão.

— Muito bem. Vamos lá sair daqui.

Estávamos na iminência de descobrir a última pista para sairmos daquela primeira sala quando olhei para a Lisa, para partilhar o alívio perante o nosso sucesso.

Ela cambaleou e só não caiu ao chão porque conseguiu estender a mão e encontrar a parede.

Apressei-me a ir para junto dela e pousei-lhe a mão no ombro, mas ela abanou a cabeça.

— Estou bem.

— Ela está é bêbada — atirou o Simon, com uma gargalhada. — Acho que, com os medicamentos todos que andas a tomar, não devias ter provado o meu *cocktail*.

— Oh, cala-te — disse-lhe a Bec, com brusquidão. Concentrou a atenção no painel que tinha à frente e escreveu a sequência com que todos concordáramos.

Ouvi o mecanismo da fechadura a girar e a porta de saída abriu-se, revelando-se por detrás de um arquivo onde ainda há vinte minutos tínhamos andado à procura de pistas.

Música de flauta troou das colunas ocultas — uma fanfarra que parecia uma gravação caseira de má qualidade, ou um *download* barato.

Isto elevou um pouco os ânimos, e as palavras rudes do Simon foram momentaneamente esquecidas enquanto nos felicitávamos com *high fives*.

Nesta altura, até a Lisa estava a sorrir, mas percebi como contava com o apoio da Hayley para ficar de pé e como foi atrás de nós enquanto percorríamos o corredor que dava acesso à segunda sala.

Assim que a porta se fechou atrás de nós, percebi que estávamos em apuros.

O Simon estava a arrastar as palavras, a provocar a Bec enquanto ela lia o primeiro conjunto de instruções.

Ignorei-o e dei uma volta sobre mim mesmo, para observar o espaço que nos rodeava.

Uma casa assombrada não era um quadro muito original, mas sempre apresentava um desafio diferente do cenário de espionagem que completáramos. O teto tinha teias de aranhas falsas e reparei na Bec a olhar alarmada para uma enorme aranha peluda num dos cantos. Ela apanhou-me a olhar e forçou um sorriso.

— Não vamos ficar por aqui durante muito tempo, está bem?

A seguir, as luzes apagaram-se e tudo mudou.

Demorei um instante a lutar contra a escuridão súbita, profundamente desorientadora, e percebi que os gritos que estava a ouvir não faziam parte de uma gravação.

Era a voz da Hayley.

HAYLEY

Assim que as portas de vidro do centro comercial se abrem, com o seu característico som sibilante, sinto-me mais animada e ponho a mala sobre o ombro.

Caminho a passos largos para a escada rolante e descontrainho ao pousar a mão no corrimão de borracha, enquanto olho para as luzes bonitas que estão penduradas no telhado de vidro.

Um céu azul-pálido espreita e sinto-me grata pelo sol de inverno que aquece o interior do meu carro, estacionado no andar superior do arranha-céus em frente, à espera do meu regresso.

Este é o meu ambiente natural.

Não o hospital.

No piso de cima, homens e mulheres andam apressados para lá das balaustradas de alumínio brilhante que ladeiam as escadas rolantes, todos com as últimas compras nas mãos cheias de sacos de marcas, ao mesmo tempo que levam os telemóveis colados aos ouvidos. Serpenteiam pelo meio uns dos outros como se fossem pombos, concentrados no próximo artigo da lista de necessidades ou desejos.

A Bec diz que fica desorientada em centros comerciais. Que há demasiadas pessoas, demasiados sons, montras grandes e impertinentes que exigem ser admiradas, vendedores e vendedoras insistentes.

Eu não.

Eu sorrio enquanto observo o andar de baixo e a escada rolante me leva ao andar de cima.

Ali em baixo, estão as lojas baratas, as que têm o *top ten* dos mais recentes sucessos, com a música a berrar, como se

competissem em volume com as do lado.

Todas as lojas lá em baixo têm cartazes com avisos de segurança e funcionários que inspecionam verdadeiramente as malas dos clientes antes de estes terem autorização para sair de lá.

O que é irónico, porque, naquelas lojas, a brigada do «leve dois, pague um» só procura as roupas mais baratas, os sapatos com desconto e os presentes que custam uma libra ou duas. Depois disso, vão para a praça de alimentação enfardar comida cheia de gordura.

Trabalhei arduamente para não precisar de fazer compras naquelas lojas.

Chego ao piso seguinte e deixo os olhos viajarem pela *mezzanine*, observo os balcões cheios de joias que brilham através das montras de vidro e os cartazes das agências de viagem que oferecem cruzeiros exclusivos no rio e safáris com guia para os viajantes mais exigentes.

Questiono-me se devia sair do país.

Uma parte de mim quer fugir e nunca mais parar. Nunca mais voltar.

A ideia deixa-me melancólica, o que é um sinal evidente de que devia cuidar melhor de mim, devia ser mais bondosa comigo — pelo menos é o que me dizem os livros de autoajuda que vejo em exposição nas prateleiras da livraria pela qual estou a passar.

Além disso, poltronas e sofás macios foram dispostos em redor de uma série de vasos com fetos, de forma a permitir que as pessoas descansem com um pouco de privacidade, enquanto fazem as suas compras.

A música aqui também é diferente — em vez da música comercial em altos berros do andar de baixo, ouve-se música clássica, que sai de colunas ocultas, um quarteto de cordas que encoraja as pessoas a permanecerem nas lojas, a demorarem o tempo que for preciso, a gastarem mais.

Espreito por entre as folhas de palmeira mais próximas e vejo uma senhora com um fato cinzento, colar de pérolas, o cabelo

apanhado num rolo, enquanto folheia um exemplar do jornal de economia, que lhe prende completamente a atenção. Ela não levanta os olhos; parece não querer saber daquilo que se passa à sua volta, ou do que as pessoas pensam a seu respeito.

Sinto inveja da sua confiança.

Olho para a grande loja à minha direita. Aqui, não me conhecem, e sinto-me maravilhada por poder permanecer no anonimato enquanto me movimento.

A música que se ouve aqui também é clássica e discreta. Os clientes são encorajados a cirandar pela loja, a ver os artigos e a usar cartões de crédito com a palavra *platinum* gravada na parte da frente.

Começo a relaxar e inspiro os aromas inebriantes de madeira de sândalo e almíscar, enquanto passo pelos expositores de perfumes, e sorrio à funcionária de uniforme elegante que está a conversar com um segurança corpulento, que, de braços cruzados sobre o peito, se ri e a provoca enquanto ela trabalha.

Para lá de uma entrada em arco, vejo a parte da loja dedicada ao lar e suspiro ao observar as mantas fofas, as almofadas e outros tecidos suaves que gostava de comprar, mas não posso.

Não hoje.

Passo para lá do arco e concentro-me no meio da loja, serpenteando por entre malas e guarda-chuvas.

Chego finalmente à parte de roupa feminina e tiro um cabide do expositor, passando os olhos pelo vestido enquanto toco no suave tecido acetinado.

Mais duas mulheres estão a ver as roupas do expositor, mas não estabelecemos contacto visual. Não sorrimos. É como se houvesse uma regra implícita em como não precisamos da aprovação umas das outras. Não precisamos de explicar por que motivo fazemos compras aqui e não lá em baixo.

Paro quando vejo o preço na etiqueta com o nome do *designer*, olho por cima do ombro e volto a pôr o vestido no lugar.

Nenhuma das duas levanta os olhos. Nenhuma me vê a decidir aquilo que não posso comprar hoje.

Afasto-me dos expositores de roupas, volto ao chão de mosaicos que serpenteia pela loja toda, um rio de betão que me leva pelas filas de sapatos, cintos de couro e malas.

Quando me aproximo dos expositores de maquilhagem, abrando o passo e observo, deslumbrada, a quantidade interminável de tons de sombras para os olhos, *blush* e máscara de pestanas. Preciso de outro batom, mas não o vou comprar hoje.

Hoje, preciso de uma coisa extra especial para me animar. Para me ajudar a recuperar do trauma dos últimos dias.

Não devia, mas é o que vou fazer.

LISA

O que me atinge primeiro é o fedor.

Um aroma forte a demasiadas flores, demasiado pólen, e uma mistura de fragrâncias que me assalta os sentidos assim que a minha mãe abre a porta e se desvia para o lado para me deixar passar.

— Vou...

Espirro e dobro-me sobre mim com a dor.

Não consigo evitar um grito e, subitamente, o meu pai surge para me segurar no braço e me levar para a sala. Ouço-o a abrir as janelas, apesar do ar frio que entra vindo da rua.

— Eu disse-te que isto era demasiado para as alergias dela — afirma o meu pai.

— Foram os vizinhos que as enviaram — responde a minha mãe, torcendo o jornal gratuito nas mãos. Deita-o no balde da reciclagem ao fundo das escadas, o mesmo sítio onde o jornal acaba todas as semanas, indesejado e sem sequer ser lido. — E os teus colegas de trabalho. E toda a gente. Há aqui flores a mais, Lisa.

— Deita-as fora — arquejo. — Não as quero aqui.

A minha mãe faz beicinho.

— Os vizinhos vão ver.

O meu pai passa com três jarras diferentes nos braços, a caminho da cozinha, onde certamente haverá mais arranjos florais à espera para me tentarem matar.

Ouço a porta de trás a abrir-se, a tampa do caixote do lixo a bater, e a seguir o meu pai regressa com uma expressão triunfante nos olhos.

— Já desapareceram todas.

A minha mãe revira os olhos.

— Vou pôr a chaleira ao lume.

É a sua resposta para tudo, mas estou demasiado fraca para discutir com ela, por isso limito-me a concordar.

É estranho, porque ontem, quando estava no hospital, a possibilidade de vir para casa deixou-me muito entusiasmada. Mande mensagens ao meu antigo patrão, o Charlie, para lhe dizer como as coisas estavam a correr e, poucos minutos depois de receber a sua mensagem («Espetacular!»), chegou-me também uma da Beatrice, uma colega de longa data, a dizer que ele já andava a fazer planos para o meu regresso, mesmo que no início fosse apenas em *part-time*.

Hoje, a familiaridade insistente da casa do meu pai e da minha mãe destruiu completamente este entusiasmo.

O Simon está morto, recordo-me.

Onde diabo estava eu com a cabeça, toda entusiasmada com a ideia de voltar a trabalhar?

O meu pai vem na minha direção com um sorriso retorcido nos lábios; dá-me uma palmadinha no braço e leva-me para a sala de estar.

— Vá lá. Vamos pôr-te confortável.

— Não me sinto muito bem, pai. Sinto-me zozza.

Consigo ouvi-los na minha voz; a incerteza, o choque.

O horror.

Como é que o Simon morreu?

— Os médicos disseram que talvez te sentisses assim. Anda para aqui. Vou pôr esta manta à tua volta, está bem?

Ele abana a manta e segura-a com ansiedade, enquanto eu me arrasto através da alcatifa grossa até à sua poltrona favorita.

Ocupei-a durante as últimas três semanas e ele nunca se queixou. Agora, pisca-me o olho.

— Até que enfim, vou recuperar a minha poltrona.

Resulta. O canto da minha boca contorce-se e instalo-me, enquanto ele se atarefa à minha volta.

— Como te sentes? Um pouco melhor?

— Um pouco, sim. Preciso do meu telemóvel. Desculpa, deixei-o na mala.

— Vou buscá-la.

Ele desaparece por um instante e, depois, regressa com a mala. Mergulho a mão no interior dela e encontro o telemóvel.

O meu pai vai até à televisão e desliga um dispositivo que costuma guardar ali para carregar o telemóvel; depois, liga-o ao meu lado.

— Acho que já não deves ter muita bateria.

Ele tem razão. O ícone da bateria indica que tem apenas 2%.

— Obrigada.

Desbloqueio o ecrã principal e franzo o sobrolho. Não tenho chamadas perdidas, mensagens por ler, nada. Estava à espera de que pelo menos a Hayley ou a Bec me mandassem mensagens de «bom regresso a casa».

Abro o *e-mail* e o meu coração afunda-se quando leio ofertas de lojas *online*, convites para participar em sondagens e uma mensagem que uma tia afastada me enviou ontem à noite a desejar as melhoras.

— Precisas de mais alguma coisa? — pergunta o meu pai.

Só de algumas respostas, penso.

— Não, obrigada.

— Ótimo. — Ele endireita-se e, depois, fica ali parado à minha frente, sem saber bem o que há de fazer.

Fico embaraçada por ele. Sempre me dei bem com o meu pai, mas não somos propriamente próximos um do outro. Porém, ele está a fazer o seu melhor.

Somos salvos pela minha mãe, que abre a porta com o cotovelo, com um tabuleiro carregado nas mãos. Pousa-o na mesa de apoio ao lado do sofá.

Passa-me uma caneca, e este gesto tão simples deixa-me atordoada.

Estou em casa.

— Alguém ligou para o telefone fixo?

Estou desesperada por informação. Alguma coisa que me ajude a entender o que se passou.

Ela abana a cabeça.

— É provável que as pessoas te estejam a dar algum tempo para te instalares confortavelmente. — Pega num biscoito de gengibre e mordisca a extremidade.

Só estou em casa há vinte minutos e já me sinto agitada.

Volto a verificar o telemóvel.

Não há notificações novas. Não há mensagens novas. Não há *e-mails*.

Nada. Desde que vi o David, há dois dias, que não sei de ninguém.

É como se os meus amigos me tivessem abandonado, agora que sabem que estou bem, e não sei que fazer.

LISA

O genérico do noticiário da noite atravessa o chão de madeira, vindo do andar de baixo, e dá-me um aviso com dez segundos de avanço até ouvir a voz do meu pai a exclamar: «Que tretas!» e «Que idiota!».

O meu antigo quarto de infância tornou-se num santuário para mim, mas antes — antes de o Simon morrer — era apenas o sítio onde lamentava o meu futuro e todos os planos e sonhos que começara a encarar como causas perdidas.

Estou sentada na minha velha cama de solteiro, com as costas apoiadas contra a parede no lugar da cabeceira que nunca chegou a ser presa à estrutura; levo as mãos atrás para endireitar as almofadas.

Os meus olhos não abandonam o ecrã do portátil.

Há meia hora que estou a percorrer o painel de publicações numa rede social que criei há mais de dez anos, a meio do período de exames que me iria garantir um lugar numa universidade à minha escolha.

Claro que queria ficar em Southampton.

Cresci aqui, sabia orientar-me bem na cidade e tinha o benefício de não ter de pagar renda aos meus pais enquanto estudava, o que ajudava a não contrair dívidas.

Não conseguia imaginar ter de ir para uma cidade diferente só para estudar, como aconteceu com muitos dos meus colegas. Teria ficado desorientada, deslocada e ansiosa.

Além disso, o Simon também ia candidatar-se a Southampton e parecia-me lógico segui-lo.

Naquela altura, namorávamos há pouco tempo, e sorrio quando passo pelas fotografias. É difícil não sorrir — estamos os dois vestidos com roupas ridículas, pensando que éramos os miúdos mais fixes das redondezas, e até já me tinha esquecido do meu corte de cabelo curto e espetado de que tanto gostava na altura.

Mas dá para ver nos olhos dele. Uma certa crueldade, como se estivesse a ponderar quem iria provocar a seguir.

Os problemas na nossa relação só começaram a aparecer mais tarde, quase no fim da primavera desse ano, e depois disto não ficámos muito mais tempo juntos.

Comecei a achar o sentido de humor do Simon demasiado imaturo e, quando acabei a época de exames, percebi que, se ficássemos juntos, ele me iria impedir de avançar. Apesar do interesse que demonstrou em mim naquela primeira aula de artes, mais tarde percebi que ele não só não tinha o menor interesse na minha arte, como a encarava como um objetivo frívolo.

— Computadores, Lisa. Codificação. Isso é que é o futuro, não é isto.

Com o lábio de cima franzido em sinal de desdém, acenou com a mão para os quadros que eu incluía no meu portefólio.

Continuo a deslizar a página para baixo e encontro as fotografias dos quadros que publiquei no meu perfil. Carreguei-as poucos dias depois de ele fazer este comentário, quando nos separámos. Toda a gente adorou o meu trabalho, o que me fez sentir vingada. É de notar que nenhuma das reações às publicações é do Simon.

Em vez disso, dois dias depois, ele retaliou, publicando uma fotografia dele com a nova namorada — a Stacey Alexander.

Ele sabia que aquilo me iria magoar e, apesar de ter consciência de que ele só a estava a usar para se livrar de mim, deixei que me afetasse.

Continuo a ver as publicações.

O namoro deles só durou dois meses e meio; ele deixou-a quando ela aceitou uma vaga na Universidade de Durham.

As publicações do primeiro semestre em Southampton são fotos de grupo que tirámos nas visitas de estudo que fazíamos às galerias em Londres para os nossos trabalhos; alguns *memes* estúpidos e vídeos tremidos feitos em concertos com as câmaras dos telemóveis, que só produziam imagens muito granuladas e gravavam a música como se fosse um horrível ruído de fundo.

Quantos concertos e festivais tinha visto com os meus próprios olhos, em vez de através do ecrã de um telemóvel?

Semicerro os olhos para uma fotografia do início de dezembro daquele ano e aumento a imagem.

Ali está ele.

Um metro e oitenta de altura, cabelo escuro ligeiramente comprido, olhos azuis e uma pronúncia de Glasgow tão vincada, que precisei de alguns dias de convivência com ele para conseguir entender as coisas que dizia.

E ele ainda se riu disto.

— Idiota de merda!

Reviro os olhos. O meu pai está no seu elemento lá em baixo e a minha mãe deve estar na sua poltrona, a fazer estalidos com a língua e a acrescentar os seus próprios comentários à medida que as notícias progridem do trágico até ao medíocre.

Carrego na tecla da seta ascendente e puxo a página para cima, olhando de relance para a data.

Poucos meses depois desta última fotografia ter sido tirada, abandonei a minha conta da rede social.

Todos abandonámos.

Acho que foi o David quem sugeriu que o fizéssemos, argumentando que aquilo era infantil e que não precisávamos de dizer a toda a gente o que andávamos a fazer, que não necessitávamos desse tipo de validação.

Claro que uma parte do nosso círculo alargado de amigos e conhecidos se riu e apostou que estaríamos de volta daí a poucas semanas, que iríamos ficar a sentir que estávamos «por fora».

Mas estavam errados. Nunca sentimos isso.

Mexo-me sobre o edredão; tenho o pescoço dorido de estar a olhar para o ecrã. Daqui a pouco, também me irão doer os ombros, mas preciso de saber. Preciso de...

Encontro outra fotografia dele.

É uma fotografia da festa de Natal — o David está ali, com um chapéu de Pai Natal e os braços em volta dos ombros da Hayley. Ela está a sorrir para o fotógrafo — presumo que seja a Bec, porque não a vejo em lado nenhum — e a apontar para as hastes de rena felpudas que tem na cabeça a servir de aro para o cabelo.

Sorrio. Só a Hayley para conseguir fazer com que hastes de rena falsas pareçam um acessório de moda bonito.

O rapaz de Glasgow está ao meu lado, erguendo dois dedos atrás da minha cabeça como se fossem orelhas de coelho.

Estamos todos identificados nesta fotografia: no cimo da publicação, diz «Lisa Ashton e mais seis pessoas».

Clico na indicação para expandir a lista.

Greg Fisher. É ele.

Vivo, atrevido, com um sentido de humor tremendo.

E demasiado crédulo.

LISA

No dia seguinte, a campainha toca no momento em que a minha mãe está a enrolar o cachecol amarelo ao pescoço, prestes a entrar na carrinha vermelha que aguarda junto ao passeio.

A carrinha é de uma marca e de um modelo de que já não me lembro e que já parece ultrapassado, apesar de saber que só tem cinco anos.

São nove e meia da manhã de sábado e a minha mãe vai fazer a sua incursão habitual pelas lojas com a amiga Barbara. Depois, passa rapidamente pelo supermercado antes de o meu pai chegar a casa vindo da pesca; a seguir, almoçamos. É tão certo como um relógio.

Estico o pescoço do lugar onde estou na poltrona do meu pai, mas não consigo ver a porta da rua.

Pouso o guia de televisão na mesa de apoio e sustenho a respiração enquanto escuto, para logo a seguir ter o choque da minha vida.

A Barbara ainda está no carro. Foi outra pessoa que bateu à porta.

— Rebecca!

A exclamação de prazer da minha mãe pelo aparecimento da Bec é acompanhada por uma nota de mágoa e culpa subjacente. A voz da Bec também apresenta uma alegria forçada, a sua vivacidade habitual tem um tom quebradiço.

— Eu devia ter ligado, mas...

— Não, não. Ela está na sala de estar. Entra.

— Não se importa? Estava de saída?

— Sim. — A minha mãe levanta a voz. — Só vou estar fora durante meia hora, Lisa. Se precisares de mim para uma emergência qualquer, tenho o telemóvel comigo.

E, com isto, ouço a porta a bater e vejo o vulto da minha mãe a percorrer apressadamente o passeio até à carrinha da amiga.

Vira-se para trás e acena alegremente para a janela da sala, antes de entrar para o lugar do pendura. E lá vão elas.

A Thelma e a Louise.

Quando a porta da sala se abre e a Bec espreita, com a testa vincada de preocupação, ainda estou com um sorriso débil nos lábios.

Ela está pálida e a pouca maquilhagem que consigo ver parece ser antiga e já meio desvanecida. Vem a morder o lábio inferior e tem a pele seca e gretada.

— Lisa? — Os seus ombros assumem uma postura tensa. — Estás bem?

— Já estive melhor. Entra.

Arrasta-se com relutância ao atravessar a alcatifa e empoleirar-se no braço do sofá, tão longe de mim quanto lhe é possível.

A mala de pele preta cai até ao chão, mas a Bec continua a segurar na alça, passando-a para trás e para a frente entre o polegar e o indicador.

Praguejo entre dentes. Tenho estado tão concentrada no meu próprio trauma, que nem me ocorreu pensar no que a Bec deve estar a passar. Sinto-me a pior amiga do mundo.

— Eu lamento tanto — digo. — Sei que já te tinhas separado do Simon, mas isto... isto é...

— Obrigada. Isto é tudo uma grande merda. — O lábio inferior da Bec estremece, antes de ela expirar; só depois é que ela levanta os olhos para mim. — Vieste para casa ontem, não foi?

— Foi. Deram-me alta assim que viram que conseguia andar melhor e que o rim e os medicamentos estavam a funcionar como deve ser.

— O que vai acontecer a seguir? Quero dizer, tens de controlar a tua dieta e coisas assim?

Engulo em seco. É doloroso vê-la a tentar manter a conversa quando é evidente que está a sofrer, mas alinho no seu esforço.

— Sim — gesticulo para todos os panfletos e folhas A4 que estão a espreitar por baixo do guia da televisão, na mesa de apoio. — Deram-me montes de informação, de receitas e coisas do género. Tenho de registar tudo o que como e bebo, e no primeiro mês tenho de ir ao hospital três vezes por semana para fazer exames.

— Uau. Isso é muita coisa.

O relógio de mesa que o meu pai herdou da tia vai marcando os segundos em plano de fundo do seu poiso, no aparador; é mais uma das relíquias dos anos 70 que nem o meu pai nem a minha mãe tiveram coragem de deitar fora, por isso junta-se ao resto das tralhas que se acumulam naquela extremidade da sala. O seu tiquetaque é ensurdecedor no silêncio que se instala entre nós, enquanto ambas procuramos qualquer coisa para dizer.

— Pensei que talvez fosses visitar-me ao hospital — digo. — Queria dizer-te como lamento o que aconteceu.

Ela suspira, os ombros descaem antes de prender uma madeixa de cabelo castanho-escuro atrás da orelha, expondo um anel com um diamante que brilha com a luz que entra pela janela.

— Eu queria, mas não consegui lá ir. Soube pelo David que a operação tinha corrido bem e que estavas quase a vir para casa, por isso pensei que seria mais fácil visitar-te aqui.

— Mas nós conhecemo-nos há anos, Bec... Se não querias ir ao hospital, se não conseguias encarar-me, podias ter-me ligado...

Uma expressão gélida atravessa os olhos da Bec. É suficientemente dura para me fazer recostar na poltrona, tal é a intensidade do seu olhar.

— O que foi?

— Não podia visitar-te no hospital nem telefonar-te. Porque a polícia esteve a interrogar-me.

— A interrogar-te? Porquê?

— Porque, até hoje de manhã bem cedo, eles estavam convencidos de que fui eu quem matou o Simon.

Sinto o ar a abandonar-me os pulmões. Nos cantos da minha visão começam a dançar manchas negras e sinto-me grata por estar sentada. Até que consigo pestanejar e o nevoeiro se levanta ligeiramente.

— Porquê? Porque haveriam de pensar uma coisa dessas?

— Como é que hei de saber? Deve ter sido qualquer coisa que o David ou a Hayley lhes disseram quando foram interrogados, porque a primeira vez que soube que desconfiavam de mim foi quando me apareceram dois polícias à porta e insistiram para que os acompanhasse. Desde então que tenho estado a «ajudá-los no inquérito». — Faz aspas no ar com os dedos, enquanto uma expressão sarcástica lhe retorce a boca, tentando contrariar o medo que lhe vejo nos olhos vermelhos.

Caramba.

— E estás bem?

— Não.

Devidamente corrigida, começo a puxar a pele ao lado da unha do polegar.

— Mas por que motivo te interrogaram? Tu eras noiva dele.

— Acho que isso me pôs no topo da lista de suspeitos daquela cabra da polícia — diz ela.

Estendo o braço para pegar no copo de água meio cheio que está em cima da mesa, mas apercebo-me de que tenho as mãos a tremer.

— Era a Angela Forbes?

— Sim.

O copo aterra na mesa com um ruído sonoro.

— O que é que o David e a Hayley disseram? — consigo perguntar. — Não falaste com eles depois dos interrogatórios?

— Não sei o que eles contaram à polícia. Acabei de ser libertada, lembras-te? Ainda não tive oportunidade de falar com eles. — Solta

uma exalação trémula. — Não consigo acreditar que isto esteja a acontecer. Não posso acreditar que ele esteja morto.

Engulo em seco, sem saber o que dizer.

O olhar da Bec cai sobre o solo e sacode um grão de pó imaginário.

— O que é que eles te disseram?

Resfolego com desdém.

— Praticamente nada. A Hayley não me quis contar o que aconteceu e o David foi igualmente elusivo. O Simon estava doente ou algo do género?

— A mim nunca me disse nada... Mas também não o faria, pois não?

— Mas por que motivo haveria a polícia de pensar que ele foi assassinado? O que aconteceu na *escape room*, Bec?

— As luzes apagaram-se e tu entraste em pânico. A Hayley começou a dizer-me que te sentia a desfalecer nos seus braços e estava mesmo preocupada contigo; depois, tentámos bater nas paredes para chamar a atenção de alguém. Durante imenso tempo não apareceu ninguém; mas depois percebemos que estavas com problemas sérios e a Hayley começou a gritar.

— Mas eu não me lembro de nada disso.

— O David disse que tinhas tomado analgésicos.

— E tomei, mas não me lembro de tomar assim tantos.

Ela levanta uma sobrancelha, mas o efeito é estragado pela máscara de pestanas com dias, que, entretanto, escorreu.

— Pois, mas é óbvio que deves ter tomado, senão lembravas-te, não lembravas?

— Quanto tempo estivemos lá fechados?

— Um quarto de hora. O tipo que gere o espaço deve ter-se apercebido finalmente de que alguma coisa se passara e abriu a porta lateral. Sabe Deus o que teriam feito se houvesse um incêndio ali dentro. Este tipo de sítios devia ter botões de pânico. Nós nem o sinal de saída de emergência conseguíamos ver. — A Bec abana a cabeça. — Assim que te vimos, percebemos que precisavas de uma

ambulância. Estavas delirante, como se tivesses febre ou algo do género. Só quando o David seguiu o dono do espaço para fora da sala é que nos apercebemos de que... o Simon ainda não tinha dito nada.

O lábio dela começa a tremer.

— O que lhe aconteceu?

— Parecia que tinha tropeçado em alguma coisa ao tentar encontrar a saída e que bateu com a cabeça — diz ela, enquanto puxa o punho da manga por cima da mão para limpar as lágrimas.

— O David ainda tentou fazer manobras de reanimação, mas ele não reagiu. Eles... a ambulância chegou e percebi logo que o caso era grave. Nem sequer me deixaram ir com ele. Os polícias também não deixaram que a Hayley ou o David o acompanhassem, por isso puseram-me num carro da polícia e levaram-me dali.

A Bec engole com esforço.

— Disseram que quando chegou ao hospital já estava morto.

Arrasto o traseiro até à beira da poltrona para conseguir esticar o braço sobre a mesa de apoio e empurrar a caixa de lenços na direção dela.

— Bec, lamento imenso.

Ela assoa o nariz e, depois, abafa uma gargalhada amargurada.

— Não vamos enganar-nos a nós mesmas, Lisa. Ele podia ser o meu ex-noivo, mas às vezes também era um grandessíssimo cabrão.

Antes de a Bec conseguir formar uma resposta, a porta da frente bate e ela olha por cima do ombro.

— Quem?...

Praguejo entre dentes; estávamos tão envolvidas na conversa, que nem ouvi a carrinha da Barbara a parar lá fora.

— Deve ser a minha mãe.

A Bec já está de pé, a pegar na mala e a encaminhar-se apressadamente para a porta.

— Não me apercebi de que tinha passado tanto tempo. Só queria ficar cinco minutos. Tenho de ir andando.

É demasiado tarde.

— Bec, ainda aqui estás. Queres um chá, querida?

A minha mãe sorri, sem se dar conta da tensão que paira na sala ou da expressão de culpa que atravessa o rosto da Bec, antes de esta abanar a cabeça e fingir um sorriso.

— Não, desculpe. Tenho de ir. — Dirige-me um sorriso forçado com os lábios comprimidos. — Depois ligo-te, Lisa.

E com isto vai-se embora.

A porta da frente bate à sua passagem.

— Bem, não faz mal — diz a minha mãe. Recompõe-se rapidamente e passa as mãos pelas calças para as alisar. — Comprei mais sumo de laranja.

Sai repentinamente porta fora e, segundos depois, ouço-a na cozinha, a assobiar uma melodia qualquer da minha infância, nos anos 80.

Deixo a cabeça cair para trás até pousar na poltrona e solto um gemido de frustração.

Por que motivo iria a polícia suspeitar de que a Bec fez mal ao Simon?

BEC

Esta parte da avenida ladeada por árvores é uma imagem perfeita de Inglaterra.

Os sicómoros bem aparados foram diametralmente dispostos em intervalos regulares sobre os canteiros de relva para evitar as entradas das garagens, as caixas de correio vermelhas e os caixotes do lixo de ferro forjado com o logótipo do município.

Um logótipo que precisou de quatro pareceres da câmara e mais de 200 mil libras de dinheiro dos contribuintes.

Sei disto. Paguei as faturas.

Nesta rua, também não há carros estacionados na estrada. Não há necessidade, não com os caminhos de acesso de gravilha ou betão que todas as casas de cinco ou sete assoalhadas têm escondidos atrás das sebes esculpidas.

Este não é o tipo de rua onde podemos espreitar subrepticiamente para as casas dos outros quando vamos a passar.

Estas pessoas valorizam a sua privacidade.

À medida que me aproximo do meu carro de duas portas com as chaves na mão, noto que ele aparenta os 11 anos que tem.

Sei que podia ter estacionado em frente à casa dos pais da Lisa. Sei que podia ter parado no caminho de acesso — afinal, era o que costumava fazer.

Costumava fazê-lo, mas desta vez não sabia se iria bater à porta, tocar à campainha ou fugir no último segundo possível.

Afasto este pensamento enquanto atravesso a rua, aponto o porta-chaves ao carro e ouço o fecho central a abrir.

Estacionei em frente a um caminho de acesso que parece ter sido alvo de uma renovação. Para lá dele, vasos de barro a condizer

adornam os degraus da entrada e as suas plantas complementam o tom verde das sebes esculpidas que protegem o jardim da frente da vista alheia.

Um homem com um chapéu de lona ridículo e meio caído aparece subitamente por detrás da extremidade da vedação e fita-me com ar zangado.

— Este carro é seu?

— O azul? — Cristo, a minha voz soa assustada. Engulo em seco e tento novamente. — O que tem o meu carro?

— Está a bloquear o caminho para as nossas visitas.

Ele avança com os cotovelos junto ao corpo e, então, reparo na tesoura de podar que tem na mão. Usa-a para apontar para a estrada.

— Eu vi-a. Esteve em casa dos Ashton. Porque é que não estacionou lá?

— Já estou de saída.

O homem franze o lábio superior numa expressão de desdém e, a seguir, sai disparado pelo caminho de acesso acima, a gritar com alguém chamado Muriel e a ordenar que impeça o gato de fazer as necessidades no canteiro das flores.

Sinto o calor a subir-me ao rosto e olho por cima do ombro.

Uma cortina agita-se na janela de cima da casa em frente, mas viro-me novamente para o meu carro.

Atrapalho-me com as chaves enquanto tento abrir a porta e, por um terrível instante, receio que elas me escorreguem da mão e caiam na sarjeta sobre a qual estacionei.

Em vez disso, as chaves aterram, com um tilintar, no tapete por baixo do volante.

Exasperada, atiro a mala para o lugar do passageiro e debruço-me para chegar ao pedal da embraiagem; procuro as chaves e enfio a chave certa na ignição.

Ligo o carro e viro para a estrada, enquanto o chato do velhote está a vir novamente na minha direção.

Abrando ao passar pela casa dos pais da Lisa.

O carro da amiga da mãe já não está lá. Deve ter deixado a Judy e seguido caminho antes de eu chegar ao meu carro. Estava tão absorta na minha própria fuga, que nem me apercebi de que se tinha ido embora.

Os meus dedos apertam o volante com mais força.

Fuga. É disso que se trata. Foi o que respondi aos polícias de todas as vezes que me fizeram perguntas. Estávamos novamente os cinco juntos, pela última vez.

Para fugir à realidade das nossas vidas miseráveis.

Desvio os olhos da casa da Lisa e concentro-me na estrada à minha frente, acelerando.

Porque não sabia a Lisa que eu fui levada para ser interrogada?

A Hayley ou o David não lhe contaram?

Eles sabiam?

Levo a mão à mala e puxo um lenço de papel, travando ao chegar ao fundo da estrada para deixar passar uma série de carros.

Assoo o nariz e atiro o lenço para o lugar do passageiro.

O tiquetaque persistente do pisca marca um padrão na minha memória. É como um cronómetro, só que em contagem decrescente.

A contar até ao fim inevitável.

— Merda.

Uma buzina sonora vinda do carro atrás de mim assusta-me e faz-me saltar; o meu batimento cardíaco aumenta terrivelmente.

Levanto a mão para pedir desculpa e acelero para o espaço vazio que apareceu no trânsito, evitando os olhares furiosos dos restantes condutores.

Um deles, uma mulher, abana a cabeça, enquanto avanço para a minha posição e mordo o lábio.

Sigo por um caminho complicado em direção à casa de dois quartos que estou a alugar nos arredores da cidade. Não sei o que vou fazer.

A polícia não me encontrou em casa na primeira vez que me tocou à campainha, porque eu estava no andar de cima, a vomitar

na casa de banho.

Instantes depois, bateram à porta com toda a força e, quando atendi, a detetive Angela Forbes fitou-me agressivamente, antes de se apresentar e de me levar para o seu carro, passando pela Sra. Dawson, uma vizinha coscuvilheira.

Fui estúpida.

Entrei em pânico, mais nada. Quando a Forbes começou a fazer-me perguntas na sala de interrogatórios da esquadra, fiquei petrificada.

Ela foi paciente, demorou-se sobre os detalhes que reuniu da declaração inicial que prestei ainda nas Urgências, logo a seguir à morte do Simon, mas falou comigo com uma intimidade frustrante e, ao mesmo tempo, assustadora. Eu era a ex-noiva dele, disse ela, como se isto a deixasse mais desconfiada de mim.

Na altura, tentei antecipar o que ela pensava.

E se eu desse uma resposta errada? Qual era a resposta errada? E qual era a resposta certa?

Se me tivesse concentrado e oferecido os factos básicos conforme os ensaiara mentalmente, tudo teria corrido bem. Teria entrado na esquadra e saído poucos minutos depois. Não teria lá ficado retida durante tantas horas.

Exausta, estaciono o carro a duas ruas de distância da minha casa e atalho por uma viela atrás da fileira de garagens de tijolo que sobrevivem desde os anos 60, sabe Deus como. Saio perto de um portão alto de madeira, meto a chave num cadeado relativamente novo e deslizo o ferrolho antes de espreitar por uma frincha.

Não só o meu jardim está vazio, como não se vê a Sra. Dawson em lado nenhum.

Fecho o portão, corro para a porta das traseiras e apresso-me a entrar em casa.

Há qualquer coisa podre no caixote do lixo da cozinha, tenho a certeza disso, mas, quando acabo de esvaziar o frigorífico, de levar o lixo para a rua e de esfregar as bancadas, já consegui convencer-me de que estou novamente no controlo da situação.

Até que vejo as fotografias alinhadas na prateleira por cima do micro-ondas.

LISA

Na televisão, a mulher de 40 e poucos anos com um casaco vermelho-vivo por cima de uma blusa branca diz qualquer coisa que não consigo ouvir, com as palavras a serem substituídas pelo ressonar suave do meu pai.

Ele está exausto; a expedição de pesca começou às quatro da manhã e foi infrutífera, para grande diversão da minha mãe.

Enquanto o meu pai dorme, ela deixa escapar que está farta de cozinhar truta castanha e que gostava de que ele arranjasse outro passatempo para a reforma.

Quando ele acorda, comemos quiche. Debico a comida, ainda abalada com a visita da Bec e grata por os meus pais não me fazerem muitas perguntas em relação ao meu pouco apetite.

Depois de tudo o que os fiz passar, não lhes quero mentir.

Estamos quase a acabar o jantar quando a campainha da porta toca, silenciando a conversa.

— Eu vou lá — diz a minha mãe, arrastando a cadeira para trás. E desaparece pelo corredor.

Pouso o garfo e a faca, satisfeita por a refeição ter acabado e já não precisar de fingir mais. Nem consigo olhar para a comida.

O meu pai torce o nariz quando lhe passo o meu prato, recolhe a loiça e os talheres antes de raspar os restos de comida para o caixote do lixo de plástico, que amanhã será despejado. Põe os pratos na máquina de lavar e encontra-se a secar as mãos a um pano de cozinha azul macio no momento em que a minha mãe aparece à entrada com um homem de cerca de 40 anos, bem vestido, que não reconheço.

Tem os cabelos pretos já salpicados de grisalhos, cor que se reflete também nos seus olhos. O olhar dele vagueia pela cozinha até pousar em mim, à cabeceira da mesa.

A minha mãe vem atrás dele e pigarreja para chamar a atenção do meu pai, mas o homem antecipa-se e apresenta-se.

— Sargento detetive Alan Mortlock. Vim para falar um pouco com a Lisa.

O detetive estende o cartão de identificação ao meu pai, que o aceita e inspeciona com um ar de autoridade que não lhe via desde que deixou de trabalhar. Vira o cartão nas mãos, demorando o seu tempo, antes de o devolver e cruzar os braços sobre o peito.

— Ela devia estar sossegada a recuperar.

— Eu sei disso, Sr. Ashton, mas estou a meio de uma investigação e preciso de clarificar algumas coisas com a colaboração da sua filha. Permite-nos alguns instantes a sós?

A sós?

As palavras que a enfermeira me dirigiu no hospital ecoam agora nos meus ouvidos, aconselhando-me a ter alguém comigo da próxima vez que tivesse de falar com a polícia. O meu coração sobressalta-se. Pigarreo e tento aliviar a secura que me afoga as palavras.

— Quer falar comigo sobre o quê?

O olhar intenso do detetive vira-se para mim. Não sorri, mas gesticula em direção ao corredor.

— Acha que podemos falar em privado? Talvez na sala de estar?

Assinto com a cabeça. É evidente que não tenho escolha.

O meu pai lidera o caminho, fazendo um comentário rápido, qual vendedor imobiliário, enquanto faz sinal para a sala, do outro lado do corredor.

Quando vou atrás dele, vejo que há um segundo homem no corredor. É mais novo do que o Mortlock, com cabelo louro claro muito curto. Traz vestido um fato impecável.

Não me sorri, mas espera que passe para me seguir até à sala de estar. Fica de pé junto da janela, com as mãos cruzadas por cima

das virilhas, como se fosse um agente secreto num filme de ação ou algo do género.

Mortlock despe o casaco e dobra-o sobre o colo, enquanto se senta na poltrona do meu pai, antes de espreitar por cima do ombro para a entrada da porta, onde ele ainda está.

O meu pai entende a dica.

O sargento detetive Alan Mortlock quer falar comigo. A sós.

A porta da sala fecha-se atrás do meu pai e o Mortlock vira-se para mim.

— O que querem?

Ele levanta a mão.

— Espere um pouco.

Começa a recitar um aviso formal e as palavras aterrorizam-me.

— Estou sob prisão?

O agente mais novo consegue esboçar um leve sorriso antes de o fazer desaparecer do rosto, escondido por baixo de uma centelha de autoridade que não condiz exatamente com ele.

— Não — responde o Mortlock. — Mas temos de enunciar estas palavras antes de podermos falar consigo.

— Eu já falei com a polícia.

— Sim, eu sei disso. E quero pedir-lhe desculpas pelo facto de a detetive Forbes a ter perturbado. Ela às vezes entusiasma-se muito no desempenho da sua função.

— Diria que é mais agressividade e brusquidão, não tanto entusiasmo. Se já falei com a detetive Forbes, por que motivo estão aqui?

Mortlock baixa os olhos em direção às mãos, unidas sobre o colo.

— Uma vez que o Simon bateu com a cabeça, o seu corpo foi libertado imediatamente para doação de órgãos por parte do médico-legista que declarou o óbito. Na altura, não houve a menor dúvida quanto à causa da morte. Depois de ler os relatórios iniciais, a detetive Forbes decidiu seguir a sua própria linha de investigação antes de me alertar.

Então é isso. A Forbes andou a meter o nariz nisto sem o conhecimento do chefe.

Puxo o cobertor que arrumei antes e aninho-me nele, como se quisesse criar uma barreira entre mim e o homem que está à minha frente. Sinto-me embaraçada na presença deles, enquanto estou com calças de ioga e uma camisola velha; sinto-me vulnerável.

— Porque é que ela deteve a Bec?

— Receio não poder fazer comentários acerca de uma investigação ainda a decorrer — responde o Mortlock. — Já falou com os seus amigos? Os que estavam na *escape room* consigo?

— Já. A Bec esteve aqui ontem. A Hayley e o David visitaram-me no hospital.

— Então, saberá que estamos a tratar a morte de Simon Granger como suspeita.

— Mas porquê?

— Mais uma vez, não posso entrar em detalhes. Há quanto tempo o conhecia?

— Desde que andámos juntos na escola secundária.

— Ele foi seu namorado?

Enrugo o nariz. Não gosto que estranhos me façam perguntas pessoais, não depois de todas as sessões que tive de suportar com os vários médicos de transplantes e cirurgias durante o último ano. Estou cansada de ser examinada ao microscópio.

No entanto, ele está à espera, a observar-me. Quer uma resposta.

— Brevemente.

— Durante quanto tempo?

— Cerca de um ano. Depois separámo-nos.

— Quando? Quando ainda estavam na escola secundária?

— Sim. Na altura dos exames finais.

— Mas também foram para a mesma universidade? Foi uma escolha vossa?

— Ambos queríamos estudar aqui e acabámos por ter vaga na mesma altura.

— Interessante. — Olha de relance para o colega, que está a rabiscar no bloco de notas com uma caneta preta e apresenta a testa franzida, em sinal de profunda concentração.

O silêncio arrasta-se e percebo que o Mortlock está à espera de que eu fale. Li algures que é uma técnica de interrogatório clássica.

Não lhe dou essa satisfação.

Ele acaba por assentir com a cabeça, como se constatasse que o colega já registou tudo, e depois volta a concentrar a sua atenção em mim.

— Sabe das desavenças que existiam entre o Simon e os vossos restantes amigos?

— Não lhes chamaria desavenças, não. Ele às vezes conseguia ser muito chato.

Isto fá-lo sorrir.

— Em que sentido?

Encolho os ombros e a seguir estremeço, porque o movimento me arrepanha os pontos.

— Ele gostava de irritar as pessoas. Mas não consigo imaginar que alguém ficasse suficientemente irritado com ele ao ponto de o matar.

— De que é que se lembra? Acerca daquele dia na *escape room*? Era o seu aniversário, não era?

Conto-lhe os detalhes desconexos de que me lembro. Coro ao descrever como tomei os analgésicos. Ter dois agentes da polícia a ouvir tão atentamente todas as minhas palavras faz-me sentir desconfortável.

Quando acabo, o Mortlock recosta-se na poltrona e os seus olhos nunca abandonam os meus.

Até que, por fim, assente ligeiramente e levanta-se, fazendo sinal ao detetive do bloco de notas. A seguir, volta-se novamente para mim.

— Muito bem, por agora não temos mais perguntas. Obrigado. Nós saímos sozinhos.

Quando a porta da sala de estar se fecha, ouço a minha mãe e o meu pai a falarem com o Mortlock no corredor, com vozes agradáveis, cooperantes.

Volto a recostar-me no sofá e liberto uma inspiração profunda, que estava a sustentar sem que me apercebesse disso, e tento controlar a crescente sensação de pânico que me invade.

Preciso de descobrir o que aconteceu ao Simon.

Preciso de descobrir se um dos meus amigos é um assassino.

BEC

Esfrego as pálpebras pesadas e demoro um instante a questionar-me por que motivo estou sentada.

O quarto está mergulhado em escuridão.

As cortinas espessas cobrem as janelas, mas por uma frincha do tecido vejo um raio de luz cinzento-claro à medida que o sol, ainda fraco, tenta romper as amarras da noite.

Para lá da janela, um melro solitário canta uma melodia de muitas notas que antes me enchia de alegria.

Agora, recorda-me apenas que tenho de encarar um novo dia.

Já sei onde estou. Desde que mudei para esta moradia, fui comprando coisas baratas ou em segunda mão para juntar aos poucos pertences que trouxe da casa do Simon quando nos separámos.

Adormeci na poltrona rija que comprei numa loja de artigos em segunda mão e, agora, fito os fios que puxei do tecido dos braços e pergunto a mim mesma se não será mais simples deitá-la fora e pronto.

Estremeço ao esticar as pernas e sinto os músculos a contraírem-se até aos tornozelos.

O dedo do pé toca no copo de vinho, o som suave do vidro barato a bater no chão de madeira chega-me aos ouvidos um segundo antes de me recordar que não cheguei a beber o Pinot Noir todo.

Gemo enquanto me debruço para a frente e observo a poça de vermelho que se espalha ao lado dos meus pés e, logo a seguir, arquejo quando vejo que, se não me mexer depressa, o vinho chegará às fotografias também caídas no chão.

Incitada a agir, apanho rapidamente as fotografias e atiro-as para cima da mesa baixa, já cheia de pilhas de revistas, antes de me levantar e ir para a cozinha.

Momentos depois, regresso com papel de cozinha e um pano embebido em água para limpar o vinho entornado, agradecida pelo facto de, pelo menos, o copo não se ter partido, mas a franzir o nariz por causa do cheiro.

Volto à cozinha, deito o papel encharcado para o lixo e ponho o pano na máquina de lavar, antes de ligar a chaleira.

Quando a água começa a ferver, mudo de ideias e, em vez de chá, sirvo-me de um copo de água do jarro com filtro. Bebo metade em quatro grandes goles. Depois de acabar o resto, levanto-me, a arfar, enquanto olho fixamente para o telemóvel ao lado do micro-ondas.

Não tem bateria, apesar de estar ligado ao carregador. No meu torpor de ontem à noite, esqueci-me de ligar o interruptor da tomada.

Não tinha intenção de beber tanto. Não conseguia dormir.

Tentei, mas os pesadelos acordavam-me. Quando vi as horas, era só uma da manhã, mas sabia que não valia a pena estar ali deitada no escuro e, por isso, vim para baixo.

O telemóvel não tem bateria porque estive duas horas seguidas a jogar, enquanto bebia metade da garrafa de vinho. Não fui a redes sociais — há anos que não as frequento, por isso nunca instalei sequer as aplicações no telemóvel. Fiquei a olhar para o ecrã e joguei jogo atrás de jogo de Solitário; quando este começou a aborrecer-me, passei para o Sudoku.

Porém, nada resultou.

As fotografias faziam troça de mim, provocaram-me, chamaram-me até pousar o telemóvel e pegar na primeira das três molduras prateadas.

Quando esta fotografia foi tirada, já tínhamos trocado de lugar. Eu estava com as hastes de rena da Hayley na cabeça e era ela quem estava atrás da lente da máquina.

O Greg tinha dois dedos levantados atrás da cabeça da Lisa, a sua boca comprimida numa linha. Na altura não me apercebi de que ele não estava a sorrir.

A Hayley era sempre aquela que tirava as fotografias quando ainda não estávamos todos prontos para a câmara.

Nesta fotografia, quatro de nós tinham 18 anos; o David tinha feito anos um par de meses antes, seguindo-se a Lisa, em novembro.

Uma certa rivalidade já se instalara entre os três rapazes em relação à posição que cada um ocupava no grupo. O Simon ganhava sempre.

Acho que o facto de ele e a Lisa se terem separado meses antes de entrarem para a universidade também ajudava.

Não conhecia nenhum deles antes da universidade. Embora cinco de nós vivêssemos na mesma cidade, crescemos em bairros diferentes ou — no caso do David — numa das aldeias mais próximas, e, à exceção do Simon e da Lisa, todos andámos em escolas diferentes.

Eu e a Hayley acabámos por partilhar casa com outras duas pessoas perto do *campus*, o Simon e a Lisa permaneceram em casa dos pais, para poderem poupar dinheiro, e o Greg e o David ficaram a viver na residência universitária.

Isto só faz com que a morte do Simon seja ainda mais difícil de aguentar.

Somos todos daqui e as pessoas hão de falar disso.

Afasto a fotografia e pego noutra — do dia da formatura, há cinco anos.

Deus do céu, parecíamos tão felizes.

Foi há cinco anos, mas podia ter sido numa outra vida.

Lembro-me de que o entusiasmo se misturava com uma sensação de medo. Desde os cinco anos de idade que fazia parte do sistema académico. Dezassete anos de estudos e de estrutura organizada.

O futuro era aterrorizador.

Subitamente, não importava quais eram as nossas notas, quais os melhores programas de televisão, com que celebridade gostaríamos de ir para a cama.

Tudo girava em volta das perspetivas de emprego (que eram fracas), das carreiras, das futuras hipotecas — tudo o que significava ser um adulto.

O Greg não está nesta fotografia.

Nesta altura, já não o víamos há mais de dois anos.

Nenhum de nós.

Ninguém falava disto, porque foi o que combinámos.

Eu e o Simon tínhamos iniciado a nossa relação há dois anos. Já há algum tempo que não nos víamos e foi a Lisa quem sugeriu que nos devíamos encontrar, em nome dos «bons velhos tempos». Eu e ele fomos os primeiros a chegar ao restaurante junto à marina.

Pagou-me uma bebida e seguimos até ao varandim, para ver os barcos a entrarem antes do pôr do sol, com o ar à nossa volta inundado de conversas e risos à medida que as pessoas entravam no fim de semana.

A Lisa ficou maravilhada quando soube que eu e o Simon tínhamos passado o resto do fim de semana juntos e reclamou para si a responsabilidade do reencontro com um sorriso conhecedor. Isto tornou tudo ainda mais imperdoável quando descobri sozinha aquilo que ela não me contou sobre ele.

Como ele era de verdade.

Agora já não sei se alguma vez vamos conseguir ultrapassar esta questão.

Deixo a fotografia cair em cima da mesa e levanto-me da poltrona com dificuldade; depois, abro as cortinas, para revelar o medíocre céu matutino, cheio de nuvens cinzentas e uma chuva miudinha.

A sala de estar está abafada, pegajosa, e preciso de tomar um banho.

Encontro o meu *tablet* no quarto, escolho uma lista de músicas de que gosto, na esperança de que possam silenciar os pensamentos que me invadem a cabeça, e vou para a casa de banho.

Ao deitar uma dose generosa de sais de banho na água espumosa, cambaleio. Ainda estou exausta, demasiado cansada, demasiado ansiosa.

Não posso parar — a memória do rosto do Greg naquela noite reaparece à superfície e estremeço.

Por que diabo haveria o David de pensar que uma *escape room* era uma boa forma de celebrarmos o aniversário da Lisa, quando nem sequer conseguíamos fugir do nosso próprio passado?

HAYLEY

O café fica na esquina de duas ruas movimentadas.

No exterior, há seis mesas de ferro forjado, que são tão disputadas como os saldos de última hora da Black Friday. As janelas estão adornadas com toldos às riscas vermelhas e brancas e oferecem abrigo dos chuviscos ou do sol, mas pouco mais.

Hoje, está demasiado frio para ficar na rua. Um vento gelado fustiga os toldos, como se os quisesse arrancar. Ao longe, por cima dos prédios, estão a formar-se nuvens cinzentas e negras, que ameaçam chuva torrencial.

Sorrio para agradecer ao homem bonito que segura a porta para eu entrar, mas vacilo quando ele sai sem sequer olhar para mim uma segunda vez. Corada, concentro a atenção nos bolos e sandes que estão expostos entre a folhagem artificial verde no balcão mesmo ao meu lado.

O interior do café tem uma decoração de inspiração italiana; nas paredes de painéis de madeira, estão fotografias a preto-e-branco de filmes de Pasolini e Fellini, ao lado de anúncios dos anos 50 a azeite e fotografias dos campos da Toscana. Sinatra canta em pano de fundo com Dean e Sammy.

O aroma amargo do café inunda o ar, juntando-se ao barulho dos pratos, copos, chávenas de porcelana, e ao burburinho crescente das pessoas à medida que se aproxima a hora da enchente para o almoço.

É um local onde as pessoas gostam de ser vistas e admiradas e não faço ideia da razão pela qual vim aqui. A única explicação é que se trata de um local que me é familiar e, neste momento, preciso de familiaridade.

Preciso de sentir que pertenço a algum lado.

Preciso de sentir que tudo continua normal, como era.

Como jamais voltará a ser.

Estou sentada num canto, a uma mesa quadrada de madeira com uma toalha de xadrez vermelho e branco, posta para duas pessoas. Vou empurrando os talheres para o lado à medida que a empregada de mesa se aproxima, peço um chá verde e, a seguir, tiro o iPad da mala e encosto-me à parede.

A luz das janelas não chega até aqui. Por cima da minha cabeça, há uma lanterna metálica, com uma lâmpada de baixa voltagem que emite luz suficiente para que os meus olhos não sofram com o brilho do ecrã, mas que continua a permitir que quem entra no café não dê por mim.

Estico o pescoço para ver a palavra-passe do *wi-fi*, que o dono do café gentilmente escreveu num quadro de ardósia ao lado do balcão, e entro no meu *e-mail*.

Gerir o meu próprio negócio tem sido uma revelação. Quando decidi arriscar, tinha sido despedida e não fazia ideia de onde iria encontrar outro emprego. Limpar a casa das outras pessoas tornou-se uma necessidade e não correspondia a nenhuma vocação, mas depois as recomendações boca a boca começaram a circular e, um ano depois, tinha tanto trabalho, que pude contratar seis pessoas para trabalharem em *part-time* e já não precisava de andar a enfiar piaçabas nas sanitas dos outros.

Agora faço toda a gestão do negócio — as marcações e os pagamentos — e deixo que seja a minha eficiente equipa de cinco mulheres e um homem a pôr em ordem as desarrumações dos nossos clientes.

Levanto os olhos enquanto a empregada de mesa pousa um bule de porcelana branca com chávena e pires a condizer. Agradeço-lhe com um sorriso e, de seguida, fecho o *e-mail* e abro uma página de navegação.

O ecrã segue para um motor de busca predeterminado e os meus dedos pairam sobre o teclado.

Quero saber?

Sim.

Escrevo duas palavras, «Simon Granger», e depois carrego no «Enter».

Os resultados demoram dois segundos a aparecer e começam com três perfis de Facebook e cinco do LinkedIn. Passo por estes até ver a primeira de duas notícias.

Considerada suspeita morte de habitante local numa escape room.

Aqui está, então. É oficial.

Agora já não há nada que possa fazer.

É demasiado tarde.

Mantenho o queixo baixo, mas levanto os olhos para a sala. Olho para as pessoas que estão sentadas às mesas, para as que estão na fila ao balcão e para as que estão a servir os clientes.

Será que elas sabem o que eu fiz?

Enquanto empresária, protejo orgulhosamente a minha reputação. Sou de confiança, honesta e leal. Certifico-me de que os meus funcionários cumprem os requisitos necessários para as verificações da polícia e tudo. Projeto uma aura de negócio de topo para uma clientela de classe média.

A minha empresa é o luxo que as pessoas não se aperceberam de que precisavam. Quando visito as suas casas para avaliar as necessidades que têm, é isto que lhes digo. É o que imprimo nos postais que me custam milhares de libras a distribuir pelos endereços mais influentes da área, por aqueles que sei que têm dinheiro para me pagar.

Os meus olhos regressam ao iPad e franzo o sobrolho.

Há um artigo de opinião. Uma repórter chamada Stella Barrett veio dar a sua opinião sobre a morte de Simon Granger. O nome de Lisa Ashton é mencionado. A história inacreditável do seu inesperado transplante de rim mesmo à última hora está exposta no que seria uma página dupla da versão impressa do jornal.

Questiono-me se a Lisa ou a sua família já terão visto a notícia. Apesar de não querer, apesar do medo que sinto, sorrio. Já está na altura de ela ficar com uma parte da culpa. Com uma parte da publicidade. Com uma parte da responsabilidade.

Depois, continuo a ler e vejo que o nome da Bec também é mencionado.

O meu coração afunda-se. Não, não, não. Isto não devia acontecer.

Procuro o número dela e ligo-lhe, mas ela não atende. Diz que o telemóvel está desligado, por isso posso deixar uma mensagem de voz.

Empurro a cadeira para trás, corro até ao fundo do café e abro a porta da casa de banho das senhoras. Chego à cabina mesmo a tempo.

LISA

Puxo um canto do penso que está a tapar um quadrado do meu abdómen e arrependo-me imediatamente dessa decisão.

Um zumbido enche-me os ouvidos quando vejo a cicatriz que me marca o lado direito do corpo. Ontem, quando a enfermeira veio mudar o penso, não consegui olhar, nem quando fui fazer a consulta do pós-operatório ao hospital, antes disso.

Uma série de pontos aprumados estão salientes na pele negra e solto um gemido.

— Lisa? Está tudo bem aí dentro? — A maçaneta da porta da casa de banho mexe-se um segundo depois de se ouvir a voz do meu pai, mas a porta está trancada.

— Estou bem — consigo dizer, enquanto volto a colar o penso.

Um canto fica levantado e recusa-se a colar à pele, o que me faz praguejar entre dentes.

— É melhor destrancares a porta, querida. Para o caso de caíres. O médico disse que nos próximos dias ainda podias ficar um pouco zonza.

Levanto-me e arrasto os pés em direção ao armário da casa de banho.

— Está bem.

A tábua do chão do outro lado da porta range quando o meu pai se afasta, mas não estou interessada nestes pormenores — revisto o conteúdo da gaveta do meio, tenho a certeza de que vi uma caixa de pensos rápidos algures no fundo. Reparem que a vi há vários meses. Naquela altura, ainda usava tacão alto, motivo pelo qual precisei de pensos rápidos.

Os dedos tocam no cartão da caixa e solto uma pequena exclamação entre dentes; depois, tiro dois pensos e colo-os sobre a extremidade do que tenho no abdómen. Afasto-me para ver o meu trabalho manual.

Recuo com o choque, quando vejo a cor cinzenta da pele do meu rosto, e cambaleio para trás.

— Merda.

Tudo explodiu há meia hora.

Os meus pais não costumam comprar o jornal ao domingo. Compram ao sábado, porque traz a programação da televisão, e mais nada. Desde que eles saibam o que está a passar na televisão, tudo está bem no mundo. Tudo o resto pode ir para o Inferno.

Que foi exatamente o que aconteceu, porque a minha mãe decidiu que queria ler o suplemento de jardinagem de inverno no jornal local que sai ao domingo.

Claro que estão os dois com uma expressão corajosa no rosto.

Mas eu não.

Não sei como, mas um jornalista descobriu que a Bec foi levada para ser interrogada. Que a antiga noiva do Simon é considerada suspeita na sua morte prematura. Que, quando ele morreu, outra das suas antigas namoradas — eu — recebeu um dos rins para transplante.

Está espalhado pela página da frente com letras pretas e gordas — *Homem assassinado para salvar ex-namorada.*

Por baixo da manchete, há um subtítulo:

Considerada suspeita morte de habitante local numa escape room.

O meu pai arrancou o telefone fixo da tomada depois do primeiro telefonema e ambos desligaram os telemóveis.

A primeira chamada foi de outro jornal, o jornalista disse ao meu pai que, se não lhe desse uma citação qualquer, ele iria limitar-se a inventar uma. E é o que vão fazer.

O jornal que divulgou a história hoje de manhã não nos pediu qualquer comentário — a publicação não passa de conjeturas e especulação puras, mas o mal está feito.

Baixo a tampa de madeira da sanita e sento-me, para ler novamente de que é que se fala nas redes sociais. A minha conta sempre foi privada, mas vejo os comentários onde eu e os meus amigos somos identificados. Até já há um *hashtag* a marcar a tendência.

Quando o telemóvel toca, quase o deixo cair. O nome do David aparece no ecrã.

— Espera um pouco — digo, ao atender. Abro a porta da casa de banho e sigo para o quarto. — Pronto, já podes falar.

— Lamento imenso, Lisa — diz ele. — Acabei de ver o jornal. A polícia já entrou em contacto contigo?

— Não. Pelo menos, ainda não. Achas que o vão fazer?

— Tenho a certeza de que terão alguma coisa a dizer sobre o assunto — responde. — Quero dizer, a imprensa não pode andar por aí a afirmar estas coisas, pois não?

Consigo sorrir perante a inocência dele.

— Eles fazem isso constantemente. É o que vende jornais. Bem, isso e os anúncios. É a única coisa que somos para eles. Conseguiste falar com a Bec? Tentei ligar-lhe para o telemóvel, mas vai sempre para as mensagens.

— Aconteceu-me o mesmo. Ia passar por casa dela para ver se está tudo bem. Estava aqui a questionar-me se já tinhas falado com ela hoje.

Deixo-me cair para a beira da cama e passo a mão sobre o edredão de algodão.

— Não consigo imaginar aquilo por que ela está a passar. Estou preocupada com ela, David. Ontem, quando aqui estive, pareceu-me distante.

— Em que sentido?

— Relutante em falar muito. Quero dizer, eu sei que ela está a sofrer, mas, assim que a minha mãe regressou a casa, praticamente

fugiu. Nunca a vi agir assim antes.

— Isso não é bom. — Faz uma pausa e depois diz: — Conseguiu lembrar-te de mais alguma coisa do que se passou naquele dia na *escape room*?

— Não. Estou sempre a tentar lembrar-me, mas, assim que chego à parte em que a Hayley me estava a ajudar a caminhar, fico enalhada. Não me lembro do que aconteceu a seguir.

Consigo ouvir a minha voz a ficar mais alta, o ritmo cardíaco a aumentar.

— Tenta não te preocupar com isso agora — diz o David. — Tens de te concentrar em melhorar. Eu passo pela casa da Bec para me certificar de que ela está bem.

— Obrigada.

Levanto-me, estremecendo quando o penso se encosta aos pontos, e, a seguir, vou até à janela.

As traseiras da casa ficam viradas para outra propriedade e os ciprestes criam uma espécie de muro entre ambas. A minha mãe plantou arbustos ao longo dos limites do relvado, que é o orgulho do meu pai, e as vedações de madeira separam-nos das propriedades vizinhas.

Um dos vizinhos dos meus pais está a pintar o abrigo do jardim e, quando me vê à janela, levanta a mão para me cumprimentar.

— Ainda aí estás?

A voz do David interrompe-me os pensamentos distraídos e afasto-me da janela.

— Sim, estou aqui. Estava só a pensar. — Expiro, permitindo que algum do *stress* me saia do corpo. — Devias ir. Vai ver se a Bec está bem. Depois dizes-me qualquer coisa, sim?

— Sim. — A voz dele muda, como se estivesse pronto para acabar a chamada, mas depois tivesse pensado melhor. — E, Lisa, fica longe da televisão nos próximos tempos. Algo me diz que isto vai piorar antes de melhorar.

DAVID

O que mais sabem eles?

Nunca ouvi falar da jornalista que assina o artigo. No fim de voltar a ler a reportagem no telemóvel, tenho de ir a correr para a casa de banho deitar fora o pouco que consegui comer ao pequeno-almoço. Lavo a boca com água da torneira.

Uma camada tênue de suor cobre-me as têmporas e limpo-a com as costas da mão.

Lavo os dentes e depois apresso-me a voltar para o quarto, para vestir uma camisola, antes de descer os degraus das escadas dois a dois e abrir a porta da frente.

A minha mão treme quando aponto o comando do carro e pressiono o botão para abrir a porta. Assim que o som do rádio sai das colunas em altos berros, desligo-o. Não quero ouvir músicas *pop* e não me apetece escutar conversas sem nexos nem interesse enquanto vou para casa da Bec.

Não quero ouvir as notícias.

Não sei como, mas nem o meu nome nem o da Hayley foram mencionados no artigo. De acordo com a jornalista, o proprietário da *escape room* também se recusou a prestar declarações — provavelmente, seguindo o conselho do seu advogado, presumo eu — e não ouvi nada sobre se a polícia se vai pronunciar acerca desta matéria.

Questiono-me sobre o que faria se estivesse no lugar da Bec.

Estaria zangado. Assustado. Perdido.

Não saberia a quem pedir ajuda. Nenhum de nós tem experiência nestas questões legais. Nunca nenhum de nós teve de lidar com a

imprensa, e muito menos foi sujeito a acusações como as que foram feitas esta manhã.

Pestanejo quando a buzina de um carro ecoa sonoramente e volto a desviar-me para a faixa da esquerda, com o coração em sobressalto.

O taxista mostra-me o dedo do meio quando passa por mim; tem a testa franzida e os lábios acompanham o gesto com um insulto.

Preciso de me concentrar. Tenho de chegar a casa da Bec e de me certificar de que ela está bem.

Vivemos a pouco mais de oito quilómetros um do outro e só fui à casa dela de carro uma vez. Prefiro andar de bicicleta. Conduzir deixa-me ansioso, porque só aprendi a fazê-lo quando já andava na universidade e não tenho experiência suficiente para me sentir confiante atrás do volante.

Também devia ter comprado um carro com mudanças automáticas. À medida que abrando, aproximando-me de um cruzamento mais à frente, meto uma segunda. O calor sobe-me ao rosto quando uma mulher a empurrar um carrinho de bebé ao longo do passeio ao meu lado para e olha para mim, o que me faz travar em constrangimento.

Ao passar por mim, um ciclista desvia-se, para evitar o capô do carro.

À medida que ele desaparece na distância, olho para a parte de trás do quadro de carbono com inveja, mas depois volto a concentrar a minha atenção na estrada.

Viro à direita e vejo o sinal a indicar um centro de lazer mais à frente. A casa da Bec fica a menos de um quilómetro deste centro e não me lembro se a rua dela tem lugares de estacionamento ou não.

Se não puder parar em frente à casa dela, não sei onde poderei deixar o carro. Não conheço muito bem esta parte da cidade. Nunca precisei de cá vir para mais nada a não ser para visitar a Bec.

Olho para o telemóvel, que está no suporte do copo, no meio dos bancos. Nunca uso o suporte que veio com o carro, aquele em

forma de mola no painel de instrumentos; não me consigo concentrar se ao mesmo tempo estiver a falar ao telemóvel e iria distrair-me sempre que aparecesse no ecrã a notificação de mensagens novas.

Devia ter parado há mais de um quilómetro e tentado ligar novamente para a Bec, mas agora já é tarde de mais.

Já estou quase a chegar.

Quando me aproximo da casa dela e vejo um lugar de estacionamento junto ao passeio, suspiro de alívio e abrando. Depois de me esforçar, em pânico, para estacionar em paralelo ao passeio, consigo ser bem-sucedido, sem bater em carro nenhum, e saio.

As cortinas estão abertas, mas do passeio não consigo ver nada para dentro de casa. Abro o portão de madeira e volto a marcar o número dela enquanto percorro o caminho de betão já estalado. Uma cortina agita-se na janela da casa à minha esquerda e olho furiosamente para ela. Volta rapidamente ao seu lugar. A Bec não atende a chamada e guardo o telemóvel no bolso de trás das calças de ganga, antes de bater à porta com os nós dos dedos e de tocar a campainha.

Ao perceber que a Bec não atende, curvo-me e abro a portinhola de plástico da caixa do correio.

— Bec? É o David. Estás aí?

Espreito e inclino a cabeça para ver melhor.

A porta da sala de estar está aberta, mas não se ouve som nenhum e a cozinha também parece estar em silêncio.

— Bec?

Nada.

Endireito-me e, depois, viro-me e ponho as mãos nas ancas, sem saber muito bem o que hei de fazer.

A rua está silenciosa, a agitação matutina das pessoas a irem para o trabalho já acalmou há horas. Fico surpreendido por não haver jornalistas por aqui, por não estar ninguém a observar a casa à espera de um comentário exclusivo da Bec.

E também me sinto aliviado.

Recuo alguns passos e levanto os olhos para a janela do quarto por cima da porta da frente. A casa da Bec é minúscula — tem o quarto principal na parte da frente, um quarto mais pequeno e a casa de banho na parte de trás.

Ela deve ter-me ouvido chamar. Tinha de me ouvir.

Se estivesse bem.

Isto não é nada bom. Sinto-me a entrar em pânico. Preciso de a encontrar.

Volto rapidamente para a estrada, ignorando a forma como um carro está estacionado a dez centímetros do passeio com a bagageira de fora, a arriscar pelo menos um espelho partido, e viro para a esquerda.

Três portas abaixo, há uma pequena viela que serve de passagem e lembro-me de a percorrer numa noite de bebedeira em que a Bec não quis entrar pela porta da frente, para não perturbar os vizinhos. A viela percorre as traseiras das casas e é apenas um caminho estreito que fede a merda de cão e a arbustos apodrecidos. Espreito por cima da vedação e conto as casas, até ter a certeza de que estou nas traseiras da da Bec. Mas a seguir praguejo entre dentes.

Ela pôs um cadeado novo no portão e não tenho a chave.

Não consigo ver nada pelas janelas das traseiras da casa e, partindo do princípio de que ela não me vai atender o telemóvel se tentar ligar-lhe mais uma vez, verifico que nenhum dos vizinhos está a ver-me.

Satisfeito por ninguém me estar a observar, salto por cima da vedação e apresso-me a ir até à porta das traseiras.

Está trancada.

As pedras desiguais do pátio junto à porta têm alguns vasos com ervas aromáticas e flores que a Bec plantou, e começo a levantar cada um deles, tentando lembrar-me de onde é que ela tinha a chave suplente guardada na última vez que ficámos fechados na rua e esperando que não tivesse mudado esta fechadura também.

Acabo por encontrar a chave por baixo de um enorme vaso de orégãos e, com o cheiro a fazer-me pensar em pizzas, apresso-me a abrir a porta das traseiras.

A chave gira com facilidade e entro em casa.

— Bec? — Chamo suavemente, antes de repetir: — Bec? Estás em casa?

Continuo sem receber resposta.

Tenho de a encontrar.

HAYLEY

Estou em casa, no escritório que criei na sala de jantar. A luz irregular que entra pelas janelas que dão para o pátio ilumina a superfície da mesa de bétula onde espalhei toda a papelada, numa tentativa de encontrar algum sentido nisto tudo.

Estou a cantarolar entre dentes; não reconheço a música, nem me esforço demasiado para perceber de onde é que ela vem. Só quero esquecer-me de tudo.

Um ramo de lírios enche a jarra de vidro num dos cantos da mesa, as pétalas amarelo-claras conferem à sala uma alegria que não se adequa exatamente à minha disposição.

Desde que voltei para casa, já tentei ligar à Bec mais duas vezes. Questiono-me se devia ir até casa dela para ver se está tudo bem e mordo o lábio. Provavelmente, deveria ter ido diretamente para casa dela assim que saí do café, mas estava a sentir-me tão mal, que a única coisa que me ocorreu foi voltar para casa.

Sinto o telemóvel a vibrar e desvio a atenção do contrato que estou a tentar ler.

O barulho arranca-me dos meus próprios pensamentos, e dou um salto na cadeira.

É o David.

Pouso as páginas agrafadas na secretária e viro a cadeira para atender o telemóvel.

— Então, o que se passa?

— É a Bec. Tens de vir para cá.

Ele aparenta estar ofegante, em pânico até. Nem parece o David que eu conheço.

— Estás na casa dela?

— Ela não atendia o telemóvel. E a Lisa também não a conseguia contactar, por isso vim de carro para aqui.

— Levaste o carro?

Se o David pegou no carro, então o assunto deve ser sério. Ele detesta conduzir.

Segue-se uma pausa, e depois:

— Sim.

— O que se passa?

— Já chamei uma ambulância...

— O quê? Porquê?...

— Ela tentou suicidar-se, Hayley. Por causa da merda dos jornalistas.

O David começa a atrapalhar-se com as palavras e não consigo entender o que está a tentar dizer-me.

— Fica aí, eu vou já ter contigo.

Já estou a caminho a enfiar os sapatos enquanto desligo o telemóvel e pego nas chaves do carro e na mala, que estão ao fundo das escadas.

Saio disparada pela porta da frente, vou pelo passeio até ao fundo da rua onde o meu carro está estacionado e, assim que meto a chave na ignição, piso o acelerador.

A Bec não. Por favor, a Bec não.

Só vivemos a trinta ou quarenta minutos de distância, mas parece que passa uma eternidade até conseguir lá chegar.

Devia ter vindo mais cedo. Devia ter estado aqui para a apoiar.

Ao fazer a curva, vejo as luzes azuis a piscar a meio da rua dela e bato com os pneus no passeio, com a pressa de lá chegar.

Tentando não vomitar bílis, e enquanto sinto dores violentas no estômago, abrando ao aproximar-me da casa da Bec. Por um instante fugaz, sinto uma esperança vã de que talvez me tenha enganado, mas depois a realidade acerta-me em cheio no plexo solar e deixa-me sem ar.

A ambulância está parada em frente à casa da Bec e atrás dela está um carro da polícia.

Travo a fundo, agarro na mala e salto do carro sem sequer o fechar, concentrando-me apenas na multidão que se reuniu ao lado da ambulância.

Não reconheço ninguém.

Não estou a ver o David.

Quando chego perto da ambulância, percebo que está alguém lá dentro. Um dos paramédicos espreita pela porta aberta e, quando volta para dentro, vejo o corpo franzino da Bec deitado na maca, com o cabelo castanho caído para o lado.

— Bec?

— Não pode vê-la agora. — O paramédico levanta a mão e desvia-se para o lado, para eu não a conseguir ver.

— Por favor, diga-me para onde a vai levar. Sou amiga dela.

A expressão do homem suaviza-se ligeiramente e ele debruça-se na minha direção, com os olhos a perscrutarem as pessoas atrás de mim.

— Vamos levá-la para o centro de saúde local — diz ele. — Aca-
bámos de saber que têm uma cama disponível para a receber e,
assim, não temos de tentar levá-la para o hospital da cidade.

Ele fica a olhar para mim por um instante, como se quisesse transmitir-me outra mensagem sem falar, e é então que o percebo.

— Ela não sobreviverá se tiver de fazer uma viagem mais longa,
pois não?

— Ela perdeu muito sangue. Temos de ir. Lamento.

Assinto com a cabeça e, a seguir, recuo, enquanto ele salta para a parte de trás da ambulância e fecha a porta na minha cara.

A sirene começa a tocar e a ambulância arranca, desaparecendo num borrão azul de pânico.

Ainda sinto os ouvidos a zunir e não me apercebo de uma presença ao meu lado até que vejo um telemóvel a instalar-se mesmo abaixo do meu nariz e uma mulher com demasiada maquilhagem a dirigir-me um sorriso predatório.

— Conhece a Rebecca Wallis?

— Desculpe?

— A ex-namorada. A que matou o Simon Granger. Conhece-a? O que acha que ela está a sentir neste momento? Ela já tinha tentado suicidar-se alguma vez?

Pestanejo. Nem consigo pensar bem. Quem é esta mulher? Como é que ela conhece a Bec?

— Quem é você?

— Stella Barrett, *Daily News*.

Merda, é a jornalista que escreveu o artigo sobre a Bec.

— Sua grande cabra.

Vejo um borrão indistinto do meu lado esquerdo e, a seguir, o David atira-se à jornalista, com o cuspo a voar-lhe da boca.

Nunca o vi tão zangado. Tem o rosto vermelho como um tomate, os olhos arregalados, enquanto vai abrindo caminho à volta de um homem mais idoso para chegar à jornalista, com as mãos estendidas, como se quisesse derrubá-la.

Não consegue.

Uma agente da polícia afasta-se do lado do carro de patrulha. Pode ser vários centímetros mais baixa do que o David, mas agarra-lhe na manga e usa o ímpeto dele para o fazer girar sobre si mesmo.

O corpo do David colide com a lateral do carro e ouve-se um arquejo coletivo por parte dos espectadores quando ele cambaleia e os joelhos cedem sob o peso do corpo.

— Vá lá. — A agente da polícia ajuda-o a equilibrar-se e depois levanta a mão em direção à jornalista. — Afaste-se. Agora!

A jornalista exhibe uma expressão fanfarrona no rosto antes de se virar para ir embora; não se importa com o que o resto das pessoas possa dizer enquanto vai percorrendo o passeio.

Instantes depois, um carro desportivo vermelho arranca com um guincho de pneus e eu acabo por me resignar com a ideia de que ela conseguiu aquilo que queria.

Uma vítima e mais uma história.

Viro-me para o David. A agente da polícia tem a mão no ombro dele e está a falar-lhe em voz baixa. Não consigo perceber se está a

recriminá-lo por ter tentado atacar a jornalista ou a pedir-lhe desculpa pela forma como o imobilizou contra o carro, mas o David tem uma expressão sombria no rosto.

A boca dele está comprimida numa linha fina, a testa franzida. Fita a casa enquanto a agente da polícia fala com ele, recusando-se a olhar para os seus olhos.

Algum tempo depois, ela dá-lhe uma palmadinha no braço e encaminha-se para junto do seu colega. A expressão que exhibe é de petulância; ela exagerou na forma como tratou o David e sabe disso.

Alguns dos vizinhos da Bec estão a afastar-se e a abanar a cabeça, murmurando entre dentes sobre o que aconteceu mesmo à soleira das suas portas. O velhote por quem o David passou bruscamente fita-o, zangado; depois, vira-se sobre os calcanhares e atravessa a estrada. Não olha para trás.

Tento concentrar-me.

— David, temos de ir. Temos de ir para o hospital.

Ele continua a fitar a casa com um ar inexpressivo no rosto.

— David?

Abana a cabeça, como se tentasse quebrar o feitiço que o envolveu, e depois olha para mim.

— O quê?

Agarro-lhe no braço e começo a puxá-lo em direção ao meu carro, enquanto explico:

— Para o hospital. Agora. Eles levaram a Bec...

O meu telemóvel interrompe-me de forma estridente. Olho de relance para o ecrã e engulo o gemido que ameaça escapar-se-me dos lábios.

É a Lisa.

Olho rapidamente para o David, que vai a caminhar pelo passeio como se estivesse em transe, e questiono-me se chegou a hora.

Se é agora que tudo se vai desmoronar.

LISA

Estou a andar de um lado para o outro no quarto que já foi meu, que depois deixou de o ser, e que agora o é novamente.

O espaço foi requisitado na minha ausência desde os tempos de faculdade; o espanta-espíritos que tinha pendurado na janela está agora guardado numa caixa, uma de muitas empilhadas num canto da garagem, e o meu pai mandou substituir o papel de parede antes de eu vender o meu apartamento no ano passado e ter voltado para casa.

Olho inexpressivamente para os detalhes delicados do papel com relevos enquanto o meu pensamento corre solto.

Já passaram duas horas desde que o David me ligou, e ele ainda não me disse mais nada. Tentei ligar-lhe oito vezes, mas não atendeu nenhuma das chamadas. Foram todas para as mensagens.

A partir da segunda, deixei de mandar mensagens, porque me apercebi do tom de pânico crescente da minha voz, que até a mim me assustou.

No entanto, estou sempre a verificar o ecrã do telemóvel, incitando-o mentalmente a entrar em contacto comigo.

Também tentei ligar para o número da Bec, mas aconteceu a mesma coisa. Não atende e, ao fim de três toques, a chamada vai para as mensagens.

A Hayley também está a ignorar-me — já lhe liguei duas vezes; a primeira chamada foi para as mensagens, a segunda caiu de repente, como se alguém tivesse carregado na tecla para a rejeitar.

Não sei o que fazer.

— Lisa?

Paro de andar de um lado para o outro quando a porta se abre e surge a minha mãe a espreitar.

— Estás bem? — Os seus lábios estreitam-se num sorriso comprimido. — Vais gastar a alcatifa.

Não lhe respondo.

— O que se passa, querida?

Ela avança para a cama de solteiro, alisa o edredão às flores e, a seguir, senta-se. Bate no espaço ao seu lado.

— Anda sentar-te aqui.

Suspiro. Não tenho escolha, não quando sou atualmente hóspede na casa dos meus pais.

Quando me junto a ela, estende a mão e entala-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha; é um gesto que faz desde que me lembro e que leva a que os meus olhos se encham de lágrimas, mas limpo-as com a parte de dentro da manga.

Engulo uma gargalhada. Voltei a ser a Lisa de 14 anos, a choramingar com as injustiças da vida.

— Vá lá — diz ela. — Fala comigo. O que se passa?

— Não conseguimos encontrar a Bec.

— Como assim?

Seguro no meu telemóvel inútil.

— Ela não atende as chamadas. O David também já tentou ligar-lhe, mas ela não atende ninguém. Ele foi até casa dela para se certificar de que estava tudo bem depois de... depois de...

— Oh, Lisa.

A minha mãe abraça-me enquanto as lágrimas me caem dos olhos.

Nunca na minha vida me senti tão patética.

— Não tenho notícias de ninguém, mãe. Ele também não atende o telemóvel.

— Porque provavelmente estarão a conversar. Talvez estejam numa divisão diferente e nem sequer tenham ouvido os telemóveis.

Aceito o lenço de papel que me oferece e assoo o nariz; depois, endireito os ombros.

— Talvez. Acho que o melhor é ir a casa dela.

— Como? — pergunta a minha mãe, com uma voz assustada. — Não podes ir a lado nenhum. Precisas de descansar.

— Já começo a fisioterapia na semana que vem, mãe, e tenho ido a inúmeras consultas no hospital. Não posso ficar para aqui sentada o resto da vida. Preciso de saber se a Bec está bem.

— Mesmo assim, isso não quer dizer que possas sair de casa assim sem mais nem menos. O que acontece se...

Ambas nos sobressaltamos quando o telemóvel começa a vibrar ao meu lado. Ouve-se um sinal alegre e, de seguida, quando pego nele, surge uma mensagem.

— É do David.

— O que diz?

Passo os olhos pelas palavras e sinto a bília a subir-me pela garganta.

— A Bec. Levaram-na para o hospital. Ela tentou suicidar-se.

A minha mãe arqueja e leva a mão à boca.

— A Bec? Ela vai ficar bem?

— Não sei. Espera um pouco.

Escrevo rapidamente uma resposta e começo a caminhar de um lado para o outro na alcatifa, enquanto espero pela resposta do David. Quando o telemóvel volta a vibrar, quase o deixo cair outra vez, e a seguir semicerro os olhos para o ecrã.

— Ele diz que a encontrou. Que havia sangue por todo o lado. Ela cortou os pulsos. A ambulância acabou de a levar.

A minha mãe está ao meu lado, a tentar acalmar-me e a levar-me novamente para a cama. Deixo-me cair nela e encosto-me à minha mãe, enquanto tento interiorizar a notícia.

— Ele disse mais alguma coisa? A Bec vai ficar bem?

— Mais nada.

— Liga-lhe.

Dá-me um encontrão encorajador e nem hesito.

Depois de três chamadas, franzo o sobrolho.

— Ele continua a não atender. Não pode ir a conduzir, senão não me teria enviado as mensagens.

— Talvez a Hayley esteja com ele.

— Talvez.

A quarta chamada também vai para as mensagens, e deixo cair o telemóvel no colo.

— Tenho de ir ao hospital.

A minha mãe começa a abanar a cabeça, com os olhos arregalados.

— É melhor ficares em casa. Assim que o David souber o que se passa, manda-te outra mensagem.

— Não vou ficar aqui sentada sem fazer nada enquanto espero que ele me dê notícias. Preciso de estar lá para a Bec. Não a apoiei quando a polícia apareceu para a interrogar. Preciso de o fazer agora.

Levanto-me antes de a minha mãe me tentar impedir, mas volto-me para trás assim que me lembro de que ainda não tenho autorização para conduzir.

— Achas que podes dar-me boleia até ao hospital?

DAVID

Apoio os cotovelos nos joelhos e fito o chão de mosaicos enquanto engulo em seco.

Tenho a garganta seca e, de cada vez que inspiro, sinto-me mais enjoado.

A Hayley parou de me perguntar se estou bem.

Há pouco, passou-se completamente, quando percebeu que as minhas mãos estavam cheias de sangue. Não me deixou tocar em nada no carro dela e ajudou-me a sair dele depois de abrir o cinto de segurança, com uma expressão de horror e nojo a toldar-lhe o rosto. Assim que chegámos às Urgências, apontou para a placa que indicava o caminho para a casa de banho.

Esfreguei a minha pele com força e esta, em vez de vermelha, ficou só rosada, à medida que o sangue saía; durante este tempo todo, questionava-me acerca de onde estaria a Bec.

Para onde a teriam levado.

— Toma.

Levanto os olhos e vejo um copo de café à minha frente.

— Obrigado.

Aceito o copo das mãos da Hayley, que se senta na cadeira de plástico ao meu lado, cruzando as pernas antes de beber um gole do seu café, enquanto observa o pessoal do hospital a andar atarefado de um lado para o outro.

Apresenta uma expressão difícil de interpretar, mas parece que ela está a olhar para eles com superioridade, como se o facto de ter o seu próprio negócio a pusesse numa posição mais elevada do que a do resto das pessoas.

Eu olho para as pessoas que aqui trabalham com grande admiração.

Usam camisolas de cores diferentes — presumo que as cores correspondam às diferentes especialidades — e movimentam-se com uma determinação que suplanta a de qualquer um de nós.

Porém, ninguém fala connosco. Os pais da Bec já vêm a caminho e nós não somos parte da família.

Não somos suficientemente importantes.

— O que te fez ir a casa dela? — pergunta a Hayley.

Sento-me muito direito; o som da sua voz é um alívio bem-vindo ao fim de tanto tempo de silêncio e agarro-o com unhas e dentes.

— Nem eu nem a Lisa conseguimos falar com ela quando lhe ligámos. Sabes bem que o normal é a Bec nunca ignorar uma chamada, tem sempre de atender.

— Esta semana foi tudo menos normal. Depois de tudo o que lhe aconteceu, talvez ela não tivesse simplesmente vontade de falar.

— Obviamente.

Ficámos mais uma vez calados e as conversas à nossa volta tornaram-se uma espécie de ruído de fundo no silêncio que se arrasta entre nós.

É estranho eu e a Hayley estarmos aqui.

De nós os cinco, eu e ela nunca fomos os mais próximos. Damo-nos bem dentro do grupo porque temos a Lisa e a Bec — e o Simon — para nos absorver. No entanto, estarmos só os dois sozinhos parece um pouco confrangedor.

— O que aconteceu?

A voz da Hayley é pouco mais do que um murmúrio, mas percebo porquê.

Do outro lado do corredor está um homem de meia-idade sentado numa cadeira igual às nossas e desde que se sentou que não para de olhar furtivamente para nós. Tenho a certeza de que nos reconheceu, apesar de as nossas fotografias não terem aparecido na reportagem do jornal. Talvez ele estivesse no exterior da casa da

Bec, fosse um daqueles que esticava o pescoço para tentar perceber o que se tinha passado.

Não confio nele e parece que a Hayley pensa como eu.

Aproximo-me dela e mantenho a voz baixa.

— Não consegui que ela me atendesse o telemóvel, nem que abrisse a porta da frente. Quando espreitei pela ranhura do correio, vi a mala dela no interior da casa, por isso presumi que ela estivesse lá dentro. As cortinas do primeiro andar estavam fechadas. Tentei chamá-la pela ranhura do correio, mas não a ouvi em lado nenhum, por isso fui pelo jardim das traseiras. Eu sabia onde ela guardava a chave da porta de trás.

A Hayley vira-se na cadeira e levanta uma sobrancelha para mim.

Antes de ela dizer qualquer coisa, levanto a mão.

— Eu fui com ela para casa uma vez; estávamos bêbados. Quando chegámos à porta da frente, ela percebeu que tinha perdido as chaves. Costuma ter uma chave suplente da porta das traseiras por baixo de um vaso. O dos orégãos, se queres saber.

Reparo nos ombros dela a descontrárem um pouco, e ela faz-me sinal para continuar.

— Andou a fazer limpezas; consegui cheirar o detergente de limão que ela usa. Cá em baixo estava tudo arrumado, mas não havia sinal dela.

— Por que razão subiste? Ela podia ter ido a um sítio qualquer.

— A sério? Quando foi a última vez que a Bec saiu de casa e não levou o telemóvel?

— Onde estava?

— Ligado ao carregador na bancada da cozinha, mas desligado.

— Encolho os ombros, evitando o olhar intenso do homem.

Ele dobra as mãos sobre o colo e olha para a secretária da enfermeira, encontrando aparentemente alguma coisa mais interessante do que nós para observar.

— Não sei — digo. — Tive a sensação de que alguma coisa não estava bem, com o telemóvel ali e a mala no corredor. Ela não

estava na sala de estar, por isso subi ao andar de cima, fui verificar o quarto dela e, depois, abri a porta da casa de banho.

A Hayley pega-me na mão e aperta-ma.

Fecho os olhos. Há muito tempo que não estávamos tão próximos um do outro.

— Acho que, mesmo antes de abrir a porta, sabia o que iria encontrar ali, mas nunca pensei que houvesse tanto...

— Tudo bem — diz a Hayley. — Encontraste-a, David. Ela está aqui porque tu a encontraste.

— Ela tinha uma expressão tão pacífica no rosto. Tinha música a tocar e tudo. Lembras-te daquela canção que tentávamos dançar sempre nas passagens de ano quando andávamos na universidade?

A Hayley consegue sorrir. Aperta-me a mão mais uma vez, mas, a seguir, larga-a, quando um casal no fim dos 60 anos se aproxima da secretária das enfermeiras no fundo do corredor e fala com vozes abafadas.

— São eles — diz ela. — São os pais da Bec, não são?

Não envelheceram bem.

Lembro-me das fotografias que vi do casal aventureiro que passava os verões a velejar no Mediterrâneo e os invernos a esquiar na Bulgária. Talvez seja por isso que os seus rostos exibem tantas rugas e vincos; aqueles danos todos provocados pelo sol.

A enfermeira fala com eles e, de seguida, aponta na nossa direção.

O pai da Bec olha por cima do ombro e repara em nós pela primeira vez. Os seus ombros descaem, e ele e a mulher começam a encaminhar-se para nós.

Reparo que o homem à nossa frente se endireita na cadeira e fito-o furiosamente enquanto ajudo a Hayley a levantar-se.

— Vamos encontrar um sítio mais privado para podermos conversar — digo, com severidade.

Encontramos os pais da Bec ao fundo do corredor e cumprimentamo-nos com um aperto de mão. A mãe da Bec puxa a

Hayley num grande abraço; um gesto instintivo no meio desta última tragédia.

— Alguma notícia? — A voz do pai da Bec está rouca, os olhos vermelhos.

Abano a cabeça.

— Ninguém nos diz nada; não somos da família. Eles vão deixá-los vê-la?

— Sim. Conseguiram fazer uma transfusão de sangue e tratar os golpes, mas a enfermeira acha que ela ainda vai demorar algumas horas a recuperar a consciência. — A mãe da Bec limpa os olhos com um lenço de papel. — Não consigo acreditar que isto está a acontecer.

Nem eu.

— Disseram-nos que foste tu quem a encontrou — diz o pai da Bec. — Chamaste a ambulância?

— Imediatamente — respondo. — Não sabia o que mais fazer.

Ele pega-me na mão novamente, mas desta vez não a larga.

— Tu salvaste a minha Bec — diz. — Salvaste a nossa filha.

HAYLEY

Abafo um bocejo e espreito para o relógio da parede ao fundo do corredor, antes de praguejar entre dentes.

Parece que estamos aqui à espera há uma eternidade e, além de ter o rabo dorido de estar sentada na cadeira de plástico, estou entediada.

Não entendo por que motivo alguém haveria de querer trabalhar num sítio destes. Os ordenados devem ser pavorosos, é evidente que a carga horária é infernal e, pelas expressões exaustas de duas mulheres que estão na secretária das enfermeiras quase a furar o teclado dos computadores e dos telefones com os dedos, também não devem ter pessoal suficiente.

E este cheiro.

Um cheiro a químicos que se agarra a nós. Um cheiro clínico.

Já foi suficientemente mau ter de visitar a Lisa aqui na semana passada... mas isto? Isto ainda é pior.

Por que razão a Bec não nos disse que a polícia a tinha levado para a interrogar? Já nos conhecemos há sete anos; certamente que isso devia contar para alguma coisa.

Que diabo lhes contou ela?

Ignoro a ideia que rasteja pelo meu pensamento sem dar por ela e afasto-a.

Agora não é a melhor altura.

Pigarreio e estou prestes a pedir ao David que nos vá buscar mais um café quando as portas duplas das Urgências se abrem e a Lisa chega, com a mãe atrás.

Não consigo evitar que um pequeno grito se escape dos meus lábios.

Ela está pálida.

Demasiado pálida.

O esforço que deve ter feito para sair do carro da mãe e depois atravessar o parque de estacionamento até aqui chegar terá sido demasiado para ela.

Levanto-me instantaneamente e apresso-me a ir ter com ela.

— Lisa? Devias ter ficado em casa.

A expressão devastada do seu rosto fala por si.

— Tinha de vir. Já há notícias dela?

— Ainda não. Os médicos não nos dizem nada, porque não somos da família, mas os pais da Bec já chegaram...

— Onde é que ela está? Está bem?

Agarro-lhe os braços e dou-lhe um abraço suave.

— Vai ficar bem. O David encontrou-a a tempo.

Ela deixa-se cair contra mim e seguro-a por um instante.

— Não devias ter vindo para cá. — A voz do David trespassa-me os pensamentos e liberto a Lisa, afastando-me para o lado.

Ele está ao lado da Judy, com um ar furioso.

— Tens de ir para casa.

— Mas quero vê-la. — A Lisa está com uma voz irritada, defensiva. — Depois de tudo por que ela passou, precisa de que estejamos cá todos para a apoiar. É o mínimo que podemos fazer.

— Mas nenhum de nós a pode ver agora. Só deixam entrar a família. — O David dá alguns passos na direção dela. — Vai para casa. Se apanhares alguma coisa aqui — nem que seja só uma constipação ou algo do género — , isso pode afetar a tua recuperação.

— Foi o que eu lhe disse. — A Judy suspira e pousa a mão no braço da filha. — Vá lá. Antes que apanhes frio.

A Lisa vira-se para mim com uma expressão de súplica nos olhos.

— Posso ficar, não posso?

— Prometo-te que assim que tivermos mais notícias te telefono — respondo. — De qualquer maneira, o mais certo é nós também

irmos embora daqui a pouco. Acho que não vão deixar a Bec ter visitas durante pelo menos vinte e quatro horas. Imagino que, em casos como o dela, eles tenham de fazer uma série de avaliações, não é?

Viro-me para o David à procura de apoio e ele assente com a cabeça.

— Exatamente. — Espeta o dedo por cima do ombro e continua. — Acho que hoje já não nos vão dizer grande coisa. Vai para casa, Lisa. Vai para casa e descansa.

Os ombros dela relaxam um pouco, e ela assente, de olhos vidrados no chão.

— Acho que têm razão. Só que entrei em pânico quando soube disto. Depois de tudo o que aconteceu...

— Desculpem? Lisa Ashton?

Viro-me sobre os calcanhares e fico frente a frente com o homem que estava sentado à minha frente e do David. Agora, está a empurrar um telemóvel na direção da Lisa, com uma expressão furiosa no rosto.

— Quem é você? — pergunta ela, dando um passo atrás. — O que quer?

— Scott Nash, *Daily Post*. Como se sente por a mulher que matou Simon Granger ter tentado suicidar-se depois de ter salvado a sua vida, Lisa?

— O quê?

A Judy leva uma mão à boca, e a outra estende-se para a filha, afastando-a do jornalista, que está a tentar contorná-la para conseguir o registo de som que deseja desesperadamente obter.

Antes que eu o consiga impedir, o David agarra no colarinho do casaco do homem e arrasta-o dali com um rosar nos lábios. Ele compensa em altura o que lhe falta em músculo e não perde tempo a levar o Nash às arrecuas para longe da Lisa.

O jornalista esquiva-se das mãos dele e, depois, sorri para a Lisa.

— Falamos em breve.

Com isto, vira costas e desata a correr, dobra a esquina do corredor e desaparece da nossa vista.

— Porra. — O David vira-se e dá uma palmada na parede, enquanto cerra os maxilares.

A Lisa abafa um soluço e a Judy decide-se, definitivamente. Põe um braço em redor dos ombros da filha e começa a virá-la em direção às portas.

— Nós ligamo-vos — diz ela. Assim que as portas se fecham, ficamos sozinhos.

— Ela nunca devia ter cá vindo. — O David está de dentes cerrados e com os punhos fechados ao lado do corpo. — Depois de tudo o que lhe aconteceu, ela devia saber disso.

Pouso uma mão no braço dele, alarmada pelo seu tom de voz, e sem querer fazer uma cena no meio da receção.

— É como ela disse, entrou em pânico. A Lisa só queria saber o que se passava com a Bec, assim como nós também o quisemos.

Ele expira.

— Eu preocupo-me com a saúde dela, mais nada. E quanto àquele cabrão do jornalista...

— Espera aqui — digo, antes de me dirigir até à secretária das enfermeiras. — Desculpe, mas nós vamos embora. Será que pode dizer-me se há alguém a quem possamos telefonar mais tarde, ou de manhã, para saber como está a Bec?

A enfermeira rabisca um número de telefone numa página de um bloco de notas com publicidade a uma empresa farmacêutica no canto superior direito e entrega-lha.

— Obrigada. Pode dizer aos pais da Bec que depois lhes ligamos?

— Se os vir e puder falar com eles, digo — responde a enfermeira, sem se comprometer. Depois, baixa a cabeça e volta ao trabalho.

Regresso para junto do David, um pouco perdida e sem saber o que fazer a seguir.

— Vamos, eu dou-te boleia para casa da Bec, para poderes ir buscar o teu carro — digo, alguns instantes depois.

Não espero por ele, continuo a andar.

Não quero ficar aqui mais tempo.

LISA

Mordisco a pele rasgada à volta da unha do polegar e olho para a mulher que está a mexer em papelada na sua secretária.

A Dra. Heather Bryant é a imagem do profissionalismo: a secretária é larga, o portátil está aberto e afastado para o lado enquanto ela enfia alguns documentos agrafados numa pasta de papel pardo.

Desde que vi a Hayley e o David no hospital, no sábado, que não tenho notícias deles. É como se estivéssemos a afastar-nos uns dos outros, com o choque da tentativa de suicídio da Bec a criar um fosso entre nós, porque nenhum dos três tem as respostas necessárias.

A Dra. Bryant não repara na minha renitência. Bate com a tampa da caneta de tinta permanente na página pautada do bloco de notas aberto.

— Eles devem estar mesmo a chegar — diz ela.

Não sei ao certo se esta confiança é para meu benefício.

Os pais do Simon já deviam ter chegado há um quarto de hora e penso que não aparecerão.

Também não os culpo se não aparecerem, não nestas circunstâncias. Não agora que as suas vidas foram viradas do avesso e expostas a todos os que quiserem ler sobre elas.

Ontem à noite, a história da morte do Simon e da operação que me salvou a vida chegou ao noticiário da televisão local.

Não obstante ter um rim novo, sinto que levei um valente murro no estômago.

Tenho a sensação de que fui atraindo. *Fomos* atraindo. Todos nós.

O cabrão que nos acossou ontem no hospital publicou também outro artigo *online* — e, não sei como, mas conseguiu tirar-me uma fotografia sem ninguém se aperceber disso, apesar dos esforços valorosos do David.

Na fotografia, estou com um ar assustado, mas também consigo ver outra coisa nos meus olhos.

Culpa.

O telefone na secretária da psiquiatra toca, e ela atende antes de murmurar:

— Diga-lhes que vou já.

Pousa o auscultador do telefone e dirige-me um sorriso comprimido.

— O Sr. e a Sra. Granger já chegaram. Vou buscá-los, não demoro.

Vejo a porta a fechar-se atrás dela e penso novamente no que aconteceu na noite passada e na reação do David.

Foi a primeira vez em muito tempo que o vi assim e não consigo tirar essa imagem da cabeça. No espaço de poucas horas, ele saltou duas vezes em defesa das suas amigas.

Primeiro, salvou a Bec; depois, a mim.

Ele sempre foi o mais calado dos cinco, por isso é reconfortante ver que saiu da casca quebradiça que construiu à sua volta e sinto-me grata por alguma coisa de bom ter resultado de toda esta provação.

A porta abre-se e a Dra. Bryant espreita para o consultório. Sorri e, depois, abre mais a porta.

— Sentem-se, a Lisa já cá está.

Levanto-me com dificuldade quando a mãe do Simon, a Cassandra, aparece com uma expressão abatida no rosto.

Algures por baixo de uma testa cheia de rugas de *stress* está a mulher que costumava fazer *brownies* ao sábado à tarde quando sabia que eu e o Simon íamos estudar na sua casa. Algures por baixo do olhar magoado que me dirige está uma mãe que perdeu o

filho, que não tem respostas e que já não sabe em quem pode acreditar.

Estendo-lhe a mão e ela agarra-a entre as suas, que estão quentes.

— Oh, Lisa — diz ela.

Abraçamo-nos e todas as emoções que tenho andado a tentar enterrar durante a última semana ameaçam escapar do meu controlo. Acaricio-lhe as costas enquanto ela enterra o rosto no meu ombro; espreito por cima da cabeça dela.

O pai do Simon, o Frank, está a observar-me, com os olhos vermelhos. Assente com a cabeça.

— Larga-a, Cass. A Lisa deve estar dorida como tudo.

— Oh, caramba. Claro que sim.

A Cassandra afasta-se, oferece-me um sorriso apologético e estende a mão ao Frank.

— Talvez fiquemos mais confortáveis nas poltronas — sugere a Dra. Bryant.

Indica o caminho para quatro poltronas que foram dispostas num semicírculo em frente à janela. Está uma planta verde qualquer no centro de uma mesa baixa de tampo de vidro, e tenho de me desviar dela para poder chegar à poltrona que me indicaram; não posso arriscar desviar a mesa ou a poltrona, não vão os pontos abrir-se.

A Dra. Bryant pode ser uma das psiquiatras mais conceituadas do hospital, mas não estará certamente a par dos procedimentos necessários a uma recuperação como a minha.

Afundo-me na poltrona com as costas viradas para a janela e tento ignorar a corrente de ar que me roça o pescoço, vinda da ventilação do ar condicionado que se encontra mesmo por cima da minha cabeça.

A psiquiatra vira-se para cada um de nós, para se certificar de que tem a nossa atenção, e a seguir começa a falar.

— Estamos hoje aqui porque os três se encontram numa situação deveras invulgar, resultante de circunstâncias traumáticas. É extremamente raro que os pacientes transplantados conheçam a

identidade do seu dador e, por isso, devo apresentar um pedido de desculpas em nome dos meus colegas. Posso assegurar-vos de que já está em curso uma investigação cuidadosa. Quero começar por vos agradecer pelo facto de terem concordado com esta reunião.

Não digo nada, mas assinto educadamente com a cabeça.

O Frank inclina-se para a frente.

— Nós já falámos disto e, considerando a forma como as coisas se desenvolveram, comunicámos ao representante do Serviço Nacional de Saúde que não vamos avançar com a queixa. Podemos ter perdido o nosso filho, mas a Lisa está viva por causa dele.

Os ombros da Dra. Bryant descontraem-se.

— É muito bondoso da vossa parte, obrigada. Lisa, quer começar por nos falar um pouco sobre aquilo que mais recorda acerca do Simon? As memórias mais felizes que tem dele?

Engulo em seco. Não estava à espera de que ela me pusesse assim em destaque e, depois de tudo o que o Simon me fez passar nos últimos dias e semanas antes de morrer, debato-me para encontrar qualquer coisa para dizer.

A Cassandra parece interpretar a minha incapacidade de falar como sinal de emoção e inclina-se para a frente para me dar uma palmadinha no joelho. Um sorriso triste cruza os seus lábios.

— Vocês os dois costumavam fazer os trabalhos de casa juntos e gostavam muito disso, não gostavam?

Assinto, agradecendo-lhe silenciosamente.

— Sim. Nós conhecemo-nos na aula de artes e a verdade é que nos demos logo muito bem. Ele era diferente dos outros rapazes da escola, mais calado, mais reservado. Acho que foi por isso que nos aproximámos um do outro. — Inspiro e tento desesperadamente encontrar mais qualquer coisa para acrescentar a isto.

— E costumavam gostar dos mesmos grupos musicais — refere a Cassandra.

A conversa prossegue assim — Bryant faz-nos uma pergunta e nós fazemos o nosso melhor para lhe dar respostas pomposas,

recordando o Simon como ele podia ter sido e não como era realmente.

O sacana que se recusou a doar-me um rim para me salvar a vida quando já não me restava outra alternativa.

Até que, ao fim de quarenta minutos, Bryant dá por encerrada a reunião e todos libertamos um suspiro coletivo de alívio, partilhando sorrisos tímidos à medida que nos encaminhamos para a porta.

O Frank vira-se para trás junto à entrada do consultório, abre a boca para falar, mas depois franze a testa.

— Quer dizer mais alguma coisa à Lisa, Frank? — pergunta a Dra. Bryant.

Oh, caraças. Sustenho a respiração, à espera de que ele liberte toda a fúria e mágoa que deve estar a sentir, toda a frustração por nenhum de nós conseguir encontrar respostas para as perguntas que nos inundam as cabeças, apesar do esforço da psiquiatra.

— Eu vi o Simon um dia antes de ele morrer — diz o Frank, com a voz impregnada de deslumbramento. — Estive na cidade a fazer uma entrega numa firma de advogados.

— Oh? — Não sabia que ele ainda trabalhava como motorista na empresa de entregas. Presumi que também já se tivesse reformado há uns anos, como o meu pai.

— É verdade. — O Frank coça o lóbulo da orelha, com a testa franzida. — Estava sentado na esplanada daquele café italiano todo fino. Numa mesa com a Hayley. E fiquei surpreendido, porque estava um frio dos diabos. Não a via há anos, embora soubesse que vocês continuavam a manter o contacto entre todos.

O ar entalou-se na minha garganta.

— Com a Hayley?

— Sim. Parece que estavam a discutir sobre alguma coisa. A certa altura, ela levantou-se e apontou-lhe o dedo.

— Sabe por que razão estavam a discutir? — pergunto.

— Não. Eu já estava atrasado, por isso fui diretamente ao escritório entregar a encomenda antes que me passassem uma multa de estacionamento. Pensei em atravessar a estrada à saída e

dar-lhes uma palavrinha rápida, para ver se estava tudo bem, mas, quando voltei para a rua, eles já não estavam lá.

E, claro, no dia a seguir o Simon morreu.

— Nunca mais voltei a ter oportunidade de falar com ele — diz o Frank.

A Cassandra pousa a mão no braço dele, e depois olha para a Dra. Bryant e para mim.

— Obrigada por teres vindo hoje. Não é fácil, mas é bom ver- -te, Lisa. É bom saber que, no meio desta desgraça toda, aconteceu alguma coisa boa.

Concordo, incapaz de formar as palavras que a mente me grita.

Por que motivo é que a Hayley não me disse que ela e o Simon discutiram?

E discutiram sobre o quê?

HAYLEY

O parque está surpreendentemente agitado para uma segunda-feira de manhã.

Franzo o sobrolho a uma ciclista que passa por mim a toda a velocidade, com as suas cores brilhantes a desaparecerem rapidamente na neblina leve que se ergue da superfície do lago e se agarra às árvores do outro lado do caminho de terra e gravilha.

A água negra está coberta por algas esverdeadas, perfuradas a espaços por uma lata de refrigerante vazia, um pacote de cigarros amarrotado ou uma fralda de bebé.

Levanto os olhos para a esquerda. Há um caixote do lixo preto, de plástico, preso a um poste com uma base de betão a menos de um metro da beira da água.

Inspiro, para tentar acalmar os nervos, e volto a olhar para o lago. O ar é húmido e está impregnado do aroma doce das ervas a apodrecer e...

Para com isso.

Desvio a atenção para um par de cisnes que deslizam em frente ao banco de jardim, antes de desabotoar o casaco e esticar as pernas à minha frente. Estes botins são velhos, mas confortáveis, e as calças de ganga justas também.

Sorrio; sou cuidadosa com o meu peso e fico contente por ainda não ter começado a enfardar comida à procura de conforto, nem durante os meses mais frios.

Para lá do lago, o parque estende-se para ambos os lados, a paisagem é verde e ondulante, desmentindo a sua localização urbana.

Uma sirene vem com a brisa que me agita o cabelo; depois, interrompe-se, para ser seguida por um buzinar sonoro.

É um carro dos bombeiros; nada com que deva preocupar-me.

Uma mãe que vai a empurrar o carrinho de bebé do outro lado do lago afasta-se da beira da água e deixo de a ver por entre as árvores enquanto se encaminha na direção de Hill Lane. A multidão já se dispersou e agora estou sozinha.

O vento aumenta de intensidade, fustigando as canas e os juncos à direita de onde estou sentada, fazendo com que uma galinha-d'água saia rapidamente do meio dos caules e entre na água, deixando ondas atrás de si e abrandando apenas quando se aproxima do meio do lago. A neblina levanta e um céu azul — para variar, sem nuvens — deixa que o sol brilhe e passe por entre os ramos do salgueiro por cima da minha cabeça.

Fecho os olhos por um instante e aconchego o cachecol de caxemira em volta do pescoço.

O parque era o nosso espaço de diversão quando andávamos na universidade. Depois da semana de orientação, encontrámo-nos num dos bares do perímetro do parque num sábado à noite, mas o dono acabou por nos expulsar duas horas depois, por achar que estávamos a ser barulhentos demais e a incomodar os clientes habituais da sua cervejaria.

Comprámos garrafas de bebidas baratas e pacotes de aperitivos cheios de aditivos no supermercado que fica na extremidade do parque e, a seguir, atravessámos o relvado aos tropeções até chegarmos a um aglomerado de árvores que fica no lado oposto do lago.

Naquele dia, o Simon trouxe uma guitarra acústica e tocou muito mal — foi o que mais irritou os clientes do bar — , mas, aqui, sentámo-nos sob as árvores com o nosso piquenique improvisado e cantámos e rimos até as estrelas brilharem no céu.

À medida que o outono avançava, as nossas sessões de fim de semana no parque foram-se tornando cada vez menos frequentes, encurtando-se consoante as horas de luz que o dia nos

proporcionava; vínhamos embrulhados em casacos grossos, com os aperitivos a serem substituídos por garrafas térmicas com sopa quente.

E depois veio a escuridão.

O inverno.

A morte.

Abro os olhos.

Na extremidade sul do parque, há um cemitério; é antigo, já não é usado e está em estado selvagem. É guardado por portões de ferro forjado fixos entre pilares de pedra e, no seu interior, podemos encontrar as marcas das campas das almas que se perderam no mar com o *Titanic*. A norte do parque há um lago ornamental, mas sinto-me sempre atraída para este junto ao cemitério histórico.

Estou constantemente a prometer a mim mesma que não vou voltar aqui, que não me faz bem, mas continuo a vir.

Não sei se os outros também cá vêm: desconfio de que sim, mas já não é como acontecia no nosso primeiro trimestre. Já não nos reunimos aqui, não o fazemos desde aquele primeiro inverno.

Quando a minha mãe ainda era viva, antes de o cancro a arrancar finalmente de mim há três anos, perguntou-me por que razão eu continuava a viver nesta zona e porque visitava o lago se o detestava tanto. Naquele dia, escorreguei ao falar com ela.

O medo antigo começou a corroer-me, criando uma paranoia perturbadora da qual não conseguia afastar-me.

— Devias encontrar outro sítio para viver — disse-me ela. — A mudança havia de te fazer bem.

Só que não.

Só iria piorar as coisas.

Tive de ficar na mesma zona depois de acabar a universidade. Tinha de visitar o lago de tempos a tempos. Todos o fazíamos, porque tínhamos de ter a certeza.

Levo a mão à minha mala, que deixei cair em cima do banco quando aqui me sentei, e tiro uma bolsa de couro preto.

Abro a pala, afasto-a e ignoro os cartões de débito, de crédito, os das lojas e a carta de condução. Enfio o polegar no interior de uma dobra e tiro a fotografia, com as margens gastas ao fim de anos com recibos, dinheiro e listas de afazeres apressadamente enfiados ao seu lado.

A última fotografia de Natal para a qual posei.

Aqui está ele.

O Greg.

Está ao lado da Lisa com os dedos espetados atrás da cabeça dela a fazer de orelhas de coelho, a agir como um idiota, porque estava perdidamente apaixonado por ela, e ela não fazia a menor ideia disso.

A Lisa, como sempre, tão ingénua. Em certos aspetos, tão mais nova do que os 18 anos que celebrara apenas umas semanas antes de esta fotografia ter sido tirada.

Eu estou entre o Simon e o David, a sorrir como uma parva, com aquelas hastes falsas de rena na cabeça.

À minha esquerda, o Simon está a fazer-se à fotografia — foi a Bec quem a tirou, e já na altura havia uma certa química entre eles.

O David está com um ar carrancudo e, se eu não o conhecesse melhor ou se não tivesse esta suspeita persistente no fundo do pensamento, teria presumido que ele estava aborrecido pelo facto de nenhuma das fotografias que tirámos naquela noite, nem uma, ter sido encarada com seriedade.

Acho que agora até é estranho andar com uma fotografia destas na carteira. É algo que o meu pai costumava fazer com uma fotografia desfocada minha e da minha irmã mais velha, tirada antes de entrarmos para a escola.

Esta fotografia não está guardada num telemóvel, não foi relegada para uma conta numa rede social que posso visitar através de uma ligação segura a cada par de meses, e não a mantenho para a poder partilhar com outros.

Não, esta fotografia foi imprimida para não nos esquecermos.

Para nunca nos esquecermos.

DAVID

Quando abre a porta da casa dos pais, a Lisa está com um ar exausto.

Tem um pouco de maquilhagem que pouco faz para disfarçar o tom amarelado da pele e os olhos congestionados e distantes.

— David? O que estás a fazer aqui?

Avanço na direção dela, sem lhe dar outra opção a não ser desviar-se para me deixar entrar.

— Fiquei preocupado contigo. Não tive notícias tuas desde que nos vimos no hospital. Estás sozinha?

Ela fecha a porta e passa a mão pelo cabelo.

— Os meus pais vão sempre ao cinema à terça e ao sábado à tarde. Há sempre *matinéés* dos filmes mais recentes a preço reduzido. Hoje acho que iam ver um drama qualquer de época.

Consegue fazer um sorriso e, por breves instantes, tenho um vislumbre da velha Lisa. Aquela que era sempre a alma da festa — antes de adoecer, claro.

Afinal, ainda há esperança.

— Estás bem? — Abro as tiras de velcro das minhas sapatilhas de bicicleta e deixo-as junto à fila de botas e chinelos que está no corredor; depois, sigo os passos arrastados da Lisa até à sala de estar. — Pareces um pouco cansada.

— Acabei de chegar de outra consulta de rotina no hospital. — Estremece quando se senta e põe um cobertor sobre as pernas. — E os analgésicos estão a demorar um pouco a fazer efeito.

Isto explica o ar ausente dos seus olhos.

— Durante quanto tempo mais tens de os tomar?

— Mais alguns dias e passo para uma dosagem mais baixa. Devias ver a carrada de medicamentos que tomo agora; podia abrir a minha própria farmácia. Mas enfim... Se impedirem o corpo de rejeitar o rim, vale a pena. Falaste com a Bec?

Sento-me numa das poltronas e ponho o capacete de bicicleta sobre o joelho.

— Ainda não a deixam ter visitas, além da família direta.

— Cristo, deve ser péssimo.

— Ela deve precisar de descansar muito. Imagino que num caso destes também queiram fazer uma avaliação psiquiátrica, não achas?

— Acho que sim. Não é que lhe vá fazer grande coisa; malditos psiquiatras. — Enrosca o lábio e, depois, parece que lhe ocorre um pensamento. — Ontem estive com os pais do Simon.

— A sério? — Não consigo esconder a surpresa. — E isso foi ideia de quem?

Ela franze o sobrolho.

— Do hospital. Uma das pessoas da equipa quebrou o protocolo e deixou escapar aos meus pais quem era o dador. Organizaram uma reunião com uma psiquiatra para podermos falar, uma espécie de estratégia de mitigação, acho eu, para o caso de os pais do Simon quererem apresentar queixa...

A sua atenção desvanece-se e o olhar concentra-se na janela, com a vista do mundo lá fora obscurecida pelas cortinas rendadas e o parapeito cheio das bugigangas horríveis que a mãe dela coleciona.

— Lisa?

— Hum?

— Como é que correu?

— Oh, sim, acho que correu bem. Dadas as circunstâncias. — Começa a puxar um fio do cobertor, com os olhos baixos. — Para ser sincera, foi um pouco merdoso. Quero dizer, o que é que é suposto dizer-lhes numa situação destas? «Olhem, desculpem lá por o vosso filho estar morto, mas obrigadinha pelo rim»?

Consigo ouvir a amargura na voz dela; a dor e a culpa que saem dos seus lábios.

Deixo o capacete de ciclismo na poltrona e dirijo-me ao sofá onde ela está.

— Vá, chega-te para lá.

Ela arrasta-se para o lado e eu sento-me ao lado dela; depois, estendo a mão e envolvo os seus dedos nos meus antes de lhe dar um apertão na mão.

— Isto vai melhorar, prometo.

— Neste momento, não me parece. Quero dizer, se daqui a dez anos ainda cá estiver, vou continuar a pensar nele, não vou? Vou continuar a questionar-me acerca do que teria acontecido se ele não tivesse...

Morrido.

Nenhum dos dois diz a palavra.

Viro-me para ela.

— O que queres dizer com isso, se daqui a dez anos ainda cá estiveres? Já tens um rim novo, não tens?

Um ar melancólico cruza o rosto da Lisa, antes de ela desembaraçar os dedos dos meus para esfregar os olhos cansados.

— Um transplante renal não é uma cura, é apenas um tratamento. Isto vai dar-me algum tempo, claro, mas ninguém sabe quanto; um ano, dez anos, trinta anos. Porém, a certa altura, o rim vai acabar por falhar, isso é certo, e se, quando isso acontecer, a hemodiálise continuar a não ser uma opção para mim...

— Nunca nos disseste isso.

— Porque nunca vos quis assustar.

— Oh. — Levanto-me e estico o corpo, libertando os músculos das pernas, que estão meio presos. Depois de uma sessão de meia hora à volta da pista e da viagem até aqui, corro o risco de ficar com câibras. — Sempre te deste bem com os pais do Simon, não deste?

— Sim. Costumava ir para casa deles fazer os deveres com o Simon, mesmo antes de começarmos a namorar.

— Não me lembro da última vez que os vi a ambos.

— O Frank ainda trabalha como motorista de entregas. Pensei que já se tinha aposentado há alguns anos, mas continua a trabalhar, faça chuva ou faça sol.

— Ele sempre me pareceu tão calado comparado com a Cassandra —

digo. — Lembro-me de um churrasco a que fui em casa deles; naquela altura, já nos devíamos ter conhecido na universidade, porque a Hayley também lá estava. O Frank parecia perfeitamente satisfeito por ficar na retaguarda, só a ouvir a conversa, em vez de participar nela.

— Eu acho que ele deve apenas ser tímido — comenta a Lisa. — Oh, e por falar nisso...

Paro de me esticar e viro-me para olhar para ela.

— O que foi?

— O Frank disse-me que viu o Simon a discutir com a Hayley um dia antes de ter morrido.

— Onde?

— No café italiano do centro da cidade. O Frank foi entregar uma encomenda ao escritório de advogados que fica do outro lado da rua e viu-os na esplanada.

— O que lhes disse o Frank?

— Nada; disse-me que estava atrasado com a entrega e, por isso, foi primeiro ao escritório, mas, quando voltou para a rua, eles já não estavam na esplanada.

Vinte e quatro horas depois, o Simon morreu.

— A Hayley contou-te sobre o que estavam a discutir?

A Lisa abana a cabeça.

— Não, o Frank só me contou isto ontem. Mas a Hayley tem andado com um comportamento estranho desde que o Simon morreu, não achas?

— Estranho como?

— Quando andávamos na universidade, ela costumava ter um tique nervoso que se manifestava quando se sentia stressada com alguma coisa. Começava a girar o brinco do meio. Há anos que não

a via fazer isto. No nosso último ano, fazia-o constantemente, e agora está a repeti-lo novamente. Reparei nisso quando ela me foi visitar ao hospital.

Caminho até à poltrona onde deixei o capacete e pego nele antes de me empoleirar no braço.

— Olha, o melhor é perguntares-lhe se está bem quando a voltares a ver. Eu não quero estar a perturbá-la, não depois de tudo o que aconteceu.

A Lisa deixa cair a cabeça para trás, contra as almofadas.

— És capaz de ter razão.

— Pois tenho. Talvez seja algo de que ela não quer falar neste momento.

— Eu sei, mas... — Senta-se no sofá e estremece, quando os músculos abdominais se queixam.

Avanço para a ajudar, mas ela abana a cabeça.

— Estou bem. Mas questiono-me sobre o que estavam a discutir.

— Bem, provavelmente, o melhor será não mencionares isso aos polícias, caso eles perguntem.

— Porquê?

— O Simon morreu, mas, na véspera de isso acontecer, a Hayley foi vista a discutir com ele. Vamos encarar a realidade: o que diria a detetive Forbes se soubesse disto?

— Jesus.

Ela permanece sentada, momentaneamente atordoadada, e, de seguida, vejo o brilho de uma ideia nos seus olhos.

— David, e se a polícia estiver certa?

— Sobre o quê?

— E se o Simon *foi* assassinado? E se ele disse à Hayley que não iria doar-me um rim e ela decidiu resolver o assunto com as suas próprias mãos, depois de terem discutido?

— Isso é uma teoria um pouco rebuscada, Lisa.

— Só que não é, pois não? É um motivo plausível.

BEC

Um melro solitário está a debicar a erva definhada no exterior da janela do quarto, no piso térreo do hospital; o seu percurso descontraído em ziguezague é interrompido de tempos a tempos por um esquilo que anda de volta dos arbustos de rododendro.

Estou a observá-los há meia hora, embora não esteja muito concentrada e não saiba se o pássaro já conseguiu encontrar alguma coisa para comer.

Tenho a cabeça noutro sítio e o maxilar cerrado, tentando entender tudo o que se passou nos últimos doze dias da minha vida.

Nunca ninguém fala no que acontece depois de alguém tentar suicidar-se.

Olho de relance para as gazes grossas que me envolvem os antebraços e rezo para que os analgésicos façam efeito depressa. Sinto a pele e os músculos a arder, rasgados e estraçalhados pela faca barata de cozinha que comprei na loja de ferragens ao fundo da rua no dia a seguir a ter mudado para a minha casa.

Não me lembro de o ter feito, mas parece que fui muito certa.

De acordo com a cirurgiã que voltou a coser-me e que assegurou que o sangue novo me corria nas veias momentos depois de a ambulância me ter trazido até aqui, mais meio centímetro e teria rasgado uma artéria principal.

Ela olhou para mim com sobranceria enquanto explicou detalhadamente tudo o que fez para me salvar, deixando bem claro, sem nunca pronunciar as palavras exatas, que tinha coisas muito melhores para fazer do que preservar a vida a uma pessoa que, uma hora antes, tinha feito um trabalho tão bom ao tentar acabar consigo própria.

Não voltei a vê-la desde essa altura.

Nos últimos dias, tenho estado ao cuidado das enfermeiras da especialidade, que são bondosas, tranquilas e meigas.

Estou completamente afastada do mundo exterior, o meu telemóvel está em casa e as únicas visitas que recebo são os meus pais, cuja preocupação se transforma em confusão à medida que os dias avançam.

Não tenho respostas para as perguntas que fazem. Não tenho palavras para os sossegar.

Viro costas à janela e instalo-me na poltrona, com o livro esquecido na mesa à minha frente. Uma sensação de exaustão instala-se sobre os meus ombros; uma sensação familiar apanha-me o corpo todo e pesa-me nas pálpebras.

«É normal», dizem-me. Com o sangue todo que perdeu, o meu corpo está a adaptar-se ao trauma. «Vai demorar algum tempo», dizem-me. «Descanse.»

Não consigo.

Há uma memória a que não consigo aceder; uma conversa que ouvi ou alguma coisa que vi que sei que é importante.

Lembrei-me do que era instantes antes de desmaiar e o meu cérebro, confuso, debate-se agora para descobrir o que era, o que está trancado algures no meu subconsciente.

Aqui fechada e sem poder comunicar com o mundo exterior até os médicos especialistas acharem que podem arriscar libertar-me sem que tente matar-me outra vez, começo a entender o que a Lisa deve ter sentido nos dias que se seguiram ao transplante de rim.

Sozinha, entediada, com demasiado tempo para pensar, agora entendo por que motivo ficou tão zangada por não a ter ido visitar.

Até que lhe contei a verdade.

A detetive, a Forbes, precisou de alguma persuasão. Por momentos, pensei que ela nunca me iria libertar. Pensei que tivesse descoberto alguma coisa, o que é ao mesmo tempo ridículo e aterrorizador.

Quando a Forbes me acompanhou até à saída da esquadra, o agente da polícia — Phillips — parecia tão exausto como eu me sentia.

A Forbes olhou para mim com desdém quando passei pelas portas duplas de vidro e inspirei profundamente o ar puro da rua.

Segundo soube, ela já esteve aqui.

Uma das enfermeiras, a Melanie, disse-mo quando me esteve a mudar as ligaduras esta manhã. Fiquei chocada, senti-me enjoada, e a sensação silenciou-me enquanto ela colava as extremidades da gaze e me dava uma palmadinha no ombro, antes de passar para a outra extremidade da sala, onde se encontrava um senhor idoso.

Desde então que fiquei a matutar na notícia.

A Melanie não sabia por que motivo a Forbes queria falar comigo. Pelo que percebi, não se tratou de uma visita planeada e claro que o pessoal de enfermagem tem instruções rigorosas para não me deixar ver ninguém além dos meus pais.

Por enquanto, estou segura. Posso esconder-me aqui e recuperar, reorganizar-me.

Preciso de um plano, isso é por de mais evidente.

Esfrego as têmporas. Tenho uma dor de cabeça persistente, que não me larga desde que acordei depois de a cirurgiaã ter celebrado os seus milagres. É desidratação, dizem-me. Quando o David me encontrou, tinha uma garrafa de *vodka* vazia ao lado da banheira.

Claro que não me lembro de nada. Apesar de ter tentado convencer-me do contrário, nos últimos seis meses o meu consumo de álcool duplicou — não, triplicou. Não sei bem porquê. Às vezes, parece simplesmente mais fácil beber.

Trabalho muito, alugo uma casa geminada com mau aspeto e um vizinho do lado que é um autêntico pesadelo, e não tenho dinheiro nenhum — nem sequer posso comprar uma casa só para mim. Vejo os meus amigos e colegas de trabalho a alcançarem o equilíbrio apesar dos problemas das suas vidas e todos parecem conseguir avançar.

E eu? Eu vou para casa e abro uma garrafa de vinho, que me serve de aperitivo. E depois continuo a beber.

O meu olhar cai sobre os pulsos, enfaixados e a arder, por causa dos estragos que causei.

Não preciso de consertar isto. Preciso de me consertar a mim.

Como posso ter sido tão estúpida? Como posso ter feito uma coisa destas comigo quando os pais do Simon estão a sofrer com a perda do filho? Como é que se vão sentir quando souberem o que fiz?

Disse ao especialista que o hospital me atribuiu que nunca tinha tido pensamentos suicidas, e é verdade.

Então, porque os tive agora?

Mordo o lábio, e aquela última memória tenta regressar mais uma vez à superfície.

Agarro-me a ela e tento puxá-la.

LISA

Empurro o resto de puré de batata e de brócolos cozidos a vapor para o lado do prato, baixo a faca e o garfo e recosto-me na cadeira.

— Está tudo bem, querida?

A minha mãe está a olhar fixamente para mim com uma expressão de preocupação nos olhos, que espero que desapareça assim que eu estiver suficientemente bem para sair de casa. Falei com o meu patrão na empresa de *design* gráfico e, assim que estiver em condições de começar a trabalhar, terei o meu emprego de volta.

Estes cuidados constantes estão a cansar-me e, embora saiba que a minha mãe tem boas intenções, uma vez que comprei o meu próprio apartamento e saí de casa, já não devíamos ter tido de voltar a partilhar o mesmo espaço.

Mordo a língua e engulo a primeira resposta torta que me ocorre; em vez disso, forço um sorriso.

— Estou só cansada, mãe. Mais nada.

— Acho que a reunião com os pais do Simon exigiu mais de ti do que aquilo de que estavas à espera — comenta o meu pai. Estende o braço, pega no meu prato e raspa o resto da minha comida para o seu; depois, acrescenta um pouco de molho ao puré e devora tudo com apetite.

Aceito o meu prato vazio do meu pai, puxo o da minha mãe do outro lado da mesa e começo a metê-los na máquina de lavar.

— Não te esforces demasiado — avisa a minha mãe. — Ainda não devias pegar em coisas pesadas.

— Acho que consigo fazer isto sem problemas. Já não posso ficar parada o dia inteiro sem fazer nada.

Além disso, já me sinto melhor. Pelo menos fisicamente.

Ontem, tomei o último dos analgésicos mais fortes. Sei que disse ao David que ainda precisava de os tomar durante mais três dias, mas, depois da revelação que ele fez sobre a Hayley e o Simon, preciso de ter a cabeça límpida. Estou a desenrascar-me com anti-inflamatórios de venda livre, que são o suficiente para ajudar com as últimas nódoas negras.

Agora tenho um propósito, um caminho a percorrer.

Tenho algo para fazer.

Vejo através da janela por cima do lava-loiça a luz a desvanecer-se lá fora e, enquanto puxo a persiana para baixo, questiono-me acerca do que estará a Hayley a fazer neste instante.

Desde que o David me visitou que estou a dar voltas à cabeça à procura de alguma memória sobre se ela me disse alguma coisa antes de o Simon morrer e de me levarem à pressa para o hospital. Não consigo imaginar o que ela estaria a discutir com ele um dia antes. Sendo eu uma das suas amigas mais próximas dos tempos de universidade e desde então, certamente que ela me teria confidenciado alguma coisa, não?

Porque não o fez? O que estaria a esconder?

Afasto-me do lava-loiça e percebo que os meus pais me estão a observar.

— Está tudo bem, querida? Por instantes, parecias estar a quilómetros daqui — diz a minha mãe.

— Estou ótima. Vou para cima, ler um bocadinho.

— Se precisares de alguma coisa, grita cá para baixo.

Demoro algum tempo a subir para o quarto de hóspedes, os meus passos são pesados.

Enquanto me sento na beira da cama, puxo o portátil para o colo e abro-o. Ignoro os conselhos do David e passo pelas páginas dos maiores jornais, evitando os locais, para o caso de haver mais revelações inventadas pela Stella Barrett e os seus colegas. Em vez disso, percorro as coscuvilhices de entretenimento e as críticas de

cinema, tentando criar algum ruído de fundo que abafe os pensamentos que correm velozes na minha cabeça.

A minha mão congela em cima do teclado, com um sobressalto, quando me apercebo de que não estamos os quatro juntos desde o dia em que o Simon morreu.

Não sei como, mas desencontrámo-nos sempre; há sempre um de nós que não está. Franzo o sobrolho. Se a Hayley e o David são suficientemente próximos para ela lhe fazer confidências, porque não me visitaram em conjunto no hospital?

A Hayley sabe que ele não gosta de conduzir e, para ir visitar-me, teve de passar pela casa dele.

A Bec disse que a polícia só a foi visitar na quarta-feira, por isso onde é que ela andou na segunda e na terça? Porque é que não entrou em contacto comigo?

E, se o David, durante a maior parte do tempo, trabalha a partir de casa, porque é que só veio ver-me na quarta-feira?

O que estiveram os três a tramar? Onde estiveram?

Rosno entre dentes e fecho o portátil com um movimento brusco. Tenho de parar de fazer isto.

Tenho de parar de tentar encontrar razões para duvidar do que os meus amigos me estão a contar. Estes traumas todos da operação, os analgésicos, as medicações novas, o facto de estar em casa dos meus pais — tudo isto está a afetar-me.

Afinal, já os vi a todos separadamente. E até vi a Hayley e o David ao mesmo tempo no hospital, mesmo que na altura não tenhamos podido falar com a Bec.

Suspiro e atiro o portátil para o lado.

Se a Hayley anda a pensar em alguma coisa, como o David disse, bem, vou dizer-lhe que estou aqui se ela precisar de mim, se quiser conversar com alguém sobre o que a está a apoquentar.

Ela não tem nada com que se preocupar.

HAYLEY

Pouso as mãos na bancada da cozinha e vou fechando os olhos à medida que a minha visão vacila e um zumbido me enche os ouvidos.

Não é a primeira vez que isto me acontece, mas nunca me senti tão fraca como agora.

Pestanejo e, depois, vou até ao lava-loiça encher um copo com água fria; tenho a mão a tremer.

Nos últimos dias, mal comi, desde que o David encontrou a Bec e fomos a correr para o hospital.

Não consigo comer. Os alimentos não têm sabor e, quando tento engolir, engasgo-me. Só consigo manter o mínimo de foco para continuar a gerir o meu negócio. Cancelei todas as reuniões que tinha agendado para os próximos dez dias, e só espero que este inferno acabe.

É a única coisa que posso fazer para poder processar as faturas e os horários e, assim, continuar a pagar aos meus funcionários a tempo e horas. Não os posso deixar mal — eles têm famílias para alimentar, filhos na escola e as suas próprias vidas. Dependem de mim.

O jornalista — aquele que acossou a Lisa no hospital — tem-me deixado mensagens de voz no telemóvel. É só uma questão de tempo até ele aparecer à minha porta. E depois? O que é que eu faço quando isso acontecer?

Não tenho nada para lhe dizer, mas isso não me faz sentir melhor. Afinal, eles já publicaram mentiras sobre a Bec e ninguém questionou nada. Ninguém se lembrou de perguntar se aquilo que foi publicado era verdade ou não.

Nunca o fazem.

Acabo a água com quatro grandes goles.

A tontura acalma-se um pouco e cambaleio novamente para a sala de jantar; deixo-me cair na cadeira e agito o rato para acordar o computador.

Não há notícias novas sobre nós. O estrago já foi feito e os jornalistas arranjam presas novas. Já somos as notícias de ontem, estamos ultrapassados.

Então, por que motivo ele insiste em falar comigo? Terá descoberto alguma coisa nova?

Pego no telemóvel e marco o número do hospital. Alguns instantes depois, passam-me para a enfermaria onde está a Bec.

Ainda não me deixam falar com ela e, uma vez que não sou da família, também não me dão conta do seu estado, dizem-me apenas que está a recuperar bem.

Desligo.

Passo os olhos pela minha lista de contactos e o polegar fica a pairar sobre dois nomes que me são familiares.

Conheço os pais da Bec desde os meus 20 anos, mas estou demasiado assustada para falar com eles.

Não sei o que dizer. Nunca fui muito boa nisto, nesta coisa de oferecer condolências ou transmitir esperança ou o que quer que se deva fazer numa situação destas.

Em vez disso, fico simplesmente dormente.

Por causa disso, as pessoas acham que sou fria, por ter esta incapacidade de exprimir simpatia ou empatia. A verdade é que aprendi a desligar-me e afastar-me destas manifestações. É a única estratégia de proteção que conheço. Nada mais funciona comigo.

Quem me dera não ter discutido com o Simon.

Pronto, já disse.

Se alguém descobrir que discutimos, o jogo acaba-se para mim. Ninguém vai acreditar em mim. Tudo o que disser para me defender não terá a menor importância.

Sei que nunca devia ter concordado em encontrar-me com ele, não ali. Não num local tão público, à frente de toda a gente. Mas era como ele queria falar comigo, não era?

Tinha de concordar. Precisava de falar com ele.

Tinha de lhe contar.

As últimas palavras que trocámos um com o outro foram ditas com raiva. Não devia sentir-me culpada, sei que não devia, porque ele era um canalha intriguista que usava as pessoas. Se não fosse pelos outros, já tinha cortado relações com ele há anos, principalmente depois do...

Para com isso.

Endireito as costas e inspiro profundamente, antes de empurrar a cadeira para trás.

Primeiro, tomo um duche e demoro o tempo que me apetece, lavo o cabelo oleoso e aplico uma máscara hidratante com um pente largo; a casa de banho fica inundada com o doce aroma de melancia.

Uma vez seca, paro em frente ao meu armário e escolho uma camisola de caxemira vermelho-vivo que há de ajudar a contrariar a palidez da minha pele; a seguir, escolho umas calças pretas.

Tenho de fazer alguma coisa antes que seja tarde demais. Antes de desconfiarem de alguma coisa.

O meu telemóvel toca e o coração sobressalta-se.

Questiono-me acerca do motivo pelo qual a polícia não voltou a interrogar-me e, logo a seguir, recrimino-me por pensar nisto. É provável que voltem a fazê-lo, mas ainda não tiveram tempo. Não consigo imaginar aquela detetive — a Forbes — a desistir disto até chegar à verdade acerca do que aconteceu naquela *escape room* e ao motivo pelo qual o Simon morreu.

Quem não a vai ajudar sei eu, com toda a certeza.

O telemóvel para de tocar e, ao ouvir a mensagem de voz que ele me deixou, percebo que já não tenho alternativa.

Apago a mensagem antes de abrir o registo de chamadas recentes e deixo o dedo a pairar sobre um número familiar.

Antes de poder convencer-me a recuar, primo a tecla de chamada.

LISA

Levanto a mão por cima da cabeça e espreguiço-me, com o cuidado de puxar os pontos, que estão a cicatrizar bem.

Estou a ganhar algum peso, em parte graças aos medicamentos que tomo para assegurar que o meu corpo não rejeita o rim novo, e há semanas que não sentia a mente tão límpida. Agora que parei de tomar aquela combinação potente de analgésicos, até já consigo pensar como deve ser.

Levantei acampamento do meu antigo quarto e estou na mesa da cozinha. Não me faz bem ao abdómen estar debruçada por cima do portátil na cama e também estava a precisar de uma mudança de cenário — por mais pequena que seja.

O meu olhar volta a concentrar-se no ecrã do computador e na mensagem que recebi hoje de manhã.

É de alguém que conhecia vagamente quando andava na universidade, uma daquelas amizades iniciais que não chegou a concretizar-se completamente, mas com quem fui mantendo o contacto ao longo dos anos.

Agora, a Charlotte trabalha nos serviços diplomáticos e mora em Berlim com o marido, alemão, e os dois filhos.

Ela sabe da minha doença e de como foram os meus últimos doze meses e agora enviou-me uma mensagem para saber como estão a correr as coisas. Respondi-lhe ao *e-mail* e contei-lhe acerca da morte do Simon, do impacto que teve em todos nós nestas duas últimas semanas; a resposta que me enviou deixou-me o coração a bater a mil.

A Charlotte é a única pessoa que me ocorreu que pudesse ser discreta. Tanto quanto sei, ela não mantém o contacto com nenhum

dos outros. Só comigo.

Não vou contar ao David que falei com a Charlotte. Para começar, ele ficaria irritadíssimo comigo por eu andar a falar sobre as nossas vidas com uma pessoa que considera uma perfeita desconhecida.

Ainda não sei se vou contar à Hayley. Acho que ela sabe mais do que aquilo que me conta e, claro, nenhum de nós tem autorização para falar com a Bec agora, por isso também não lhe posso perguntar nada.

«Espero que consigam unir-se todos para ultrapassar isto», diz a Charlotte no seu *e-mail*. «Mas vocês sempre o fizeram. Nunca ninguém conseguiu entender por que motivo vocês os cinco se afastaram de nós naquele inverno. Passaram de ser a animação das festas para uma reclusão quase total. Costumávamos brincar que vocês os cinco tinham formado um culto ou algo do género. Eu sentia-me demasiado deslumbrada com alguns de vocês para me atrever a perguntar o que se passara, principalmente depois de o Greg desaparecer sem deixar rasto.»

Respondi-lhe fazendo alguns comentários concisos sobre como entendia precisamente o que ela queria dizer e depois voltei a virar a conversa para a carreira dela. Pensei que, se a fizesse falar de si e dos seus feitos, a faria pensar que a minha resposta não continha nada com que se preocupar.

A campainha toca no instante em que acabo de enviar o *e-mail* e fico imóvel.

Será o jornalista? Terá decidido vir cá a casa depois de não ter conseguido obter uma declaração minha no hospital?

Fico com a garganta seca e sinto dificuldades em engolir, mas depois...

— Lisa? Está aqui a Hayley para te ver.

— Vou já.

— Estamos na sala de estar.

A Hayley?

Fecho o portátil, guardo-o ao lado das revistas de dona de casa da minha mãe e arrumo a papelada que espalhei em cima da mesa.

Terá ela descoberto de alguma forma que ando a investigar o nosso passado e que sei que discutii com o Simon?

Apresso-me a percorrer o corredor, parando para ver o meu rosto ao espelho no fundo das escadas e fico aliviada por não parecer tão preocupada como me sinto. Pelo menos agora já tenho alguma cor no rosto e aquela expressão vazia que me inundava o olhar também já desapareceu.

Ouçó a minha mãe e a Hayley a conversar na sala de estar e, quando abro a porta, elas param a meio da frase.

— Cá está ela — diz a minha mãe. Tem um pano do pó na mão e dirige-me um sorriso. — Vou deixar-vos pôr a conversa em dia enquanto acabo as minhas limpezas.

Eu e a Hayley partilhamos um sorriso quando a minha mãe sai da sala. Ela não mudou nada desde que andávamos na universidade e esta familiaridade ajuda a aliviar algum do pânico que ameaça vir à superfície.

Enquanto me sento numa das poltronas, vejo as argolas de ouro novas que a Hayley tem nas orelhas. Os três brincos desapareceram e questiono-me se ela percebeu que eu reparei no seu tique nervoso quando me foi ver ao hospital.

— Pensei que te saberia bem ter um pouco de companhia — diz-me. — Liguei para o hospital hoje de manhã e, apesar de não me poderem adiantar grande coisa, disseram-me que a Bec está a recuperar bem.

— Isso são ótimas notícias. Sabem quando vai ter alta?

— Não. Ou então, se sabem, não me disseram nada. Acho que vamos ter de esperar que lhe deem alta e ela entre em contacto connosco. — A Hayley olha para as mãos. — Estou sempre a questionar-me se devia ligar aos pais dela, mas depois não sei o que havia de lhes dizer. Depois de tudo o que aconteceu contigo e com o Simon, eu...

— Eu sei. Mas, quanto mais adiarmos esse tipo de conversas, mais confrangedoras se tornarão, não achas? Sabes se o David já falou com eles desde que os viram no hospital, considerando que foi ele quem a salvou?

— Não, não tenho notícias dele desde essa noite.

— Oh. — Recosto-me na poltrona e decido tentar uma coisa. — Quando andávamos na universidade, tudo parecia ser tão mais simples, não era?

— O que queres dizer com isso?

— Não sei bem. Tudo isto, a morte do Simon e tudo. No ano passado, a única coisa que conseguia imaginar era sair e arranjar emprego... não isto. E tu?

Ela abafa uma gargalhada amargurada e olha para o relógio de pulso antes de se levantar.

— Eu mal podia esperar por ver aquele lugar pelas costas.

LISA

Já estou a começar a perder a conta às consultas a que tive de ir no hospital depois de ter recebido alta do transplante.

Passei a manhã de quinta-feira a tirar sangue e amostras de urina para fazer análises e agora estou sentada na sala de espera a ver uma novela americana que está a passar na televisão por cima do balcão da farmácia, enquanto espero que me passem as receitas.

Entretanto, observo as vidas amorosas destruídas daquelas que presumo que sejam as personagens principais, ao mesmo tempo que vejo os funcionários da farmácia a distribuir medicamentos e ajuda médica; o fluxo constante de pacientes é o suficiente para os manter ocupados.

Ao meu lado, o David folheia uma revista de ciclismo que encontrou numa pilha de revistas em cima do balcão e resmunga entre dentes enquanto lê os artigos.

— Nunca na vida daria tanto dinheiro por uma peça de carbono.

Ele ofereceu-se para me trazer, para esperar comigo e para me fazer companhia, e por isso sinto-me muito grata. Nos últimos doze meses, os meus pais já viram hospitais suficientes para uma vida inteira e, para ser sincera, estava mesmo a precisar de sair de casa. Sem eles.

Passo o dedo pela aplicação de outra agência imobiliária e assinalo mais um anúncio de um apartamento com um quarto nos arredores da cidade. É suficientemente barato e, com um pequeno empréstimo dos meus pais, vou conseguir comprá-lo; ao mesmo tempo, é afastado o suficiente para poder recuperar a minha independência sem os alienar completamente.

Está na hora de avançar com a minha vida. Está na hora de voltar a vivê-la.

O homem careca de meia-idade que estava sentado à nossa frente é chamado e ficamos com a sala de espera só para nós.

O David atravessa a sala, pega no comando da televisão e procura entre os canais até encontrar um programa sobre a natureza. Encolhe os ombros e regressa à cadeira.

— Sempre é melhor do que a alternativa, acho eu.

— Eu estava a gostar.

— Estás a brincar?

Sorrio, e ele dá-me uma palmada suave no braço.

— A polícia contou-te como é que o Simon morreu? — pergunta ele, pousando o comando da televisão numa mesa ao lado da sua cadeira.

— Não. — O meu interesse aumenta de imediato. Debruço-me na direção dele. — Contaram-te alguma coisa?

Ele assente com a cabeça.

— E a mim não me disseram nada porquê?

— Tu tinhas acabado de fazer um transplante de rim, Lisa. Talvez quisessem esperar até estares recuperada.

Torço o nariz.

— Não, isso não faz sentido. Não quiseram esperar para me interrogar, pois não? Por isso, porque é que não me contaram o que aconteceu?

— Não vai contra as regras de confidencialidade entre dador e recetor ou algo do género?

Solto um resfôlego.

— Oh, vá lá. Isso já foi tudo com os porcos, não te parece?

Um silêncio instala-se entre nós e cruzo os braços sobre o peito.

Ele acaba por voltar a falar, com a voz baixa.

— Ele bateu com a cabeça, Lisa. Mais nada. Bebeu demasiado ao almoço e tropeçou.

— Foi isso que te disseram?

— Foi isso que aconteceu. Não sei porque te interrogaram. Não sei por que razão levaram a Bec para a esquadra para prestar declarações. Deviam provavelmente querer certificar-se do que aconteceu.

— Então, porque é que a Hayley esteve a discutir com ele?
Ele revira os olhos.

— Esquece isso, Lisa, por favor. Como é que achas que a Hayley se iria sentir se soubesse que andas a coscuvilhar nas costas dela?

— Eu estava apenas interessada no que aconteceu. Pensei... — Baixo os olhos e tento ignorar a sensação de aperto no peito, que se torna cada vez mais forte. As palavras dele magoam-me, mas reconheço que tem uma certa razão.

Que direito tenho eu de andar a bisbilhotar a vida privada da minha amiga?

— Achas que estou a perder o juízo, David?

— Sei lá. Tu achas que estás?

Abano a cabeça e concentro a minha atenção no corredor para lá da porta.

Vejo dois funcionários a passar, um deles a empurrar uma cadeira de rodas vazia e o outro um carrinho carregado de materiais de limpeza e produtos médicos.

Isto aqui parece tudo tão normal.

O David fecha a revista, atravessa a sala para a deixar na pilha que se reúne numa estante perto da porta, e depois volta para trás. Para à minha frente, afasta-me o cabelo do rosto e dá-me um beijo leve na testa.

— Acho que aqueles medicamentos te fizeram ter ideias doidas — diz ele. Sorri e, depois, aperta-me o ombro quando o farmacêutico chama o meu nome. — Anda. Vamos levar-te para casa.

DAVID

Graças a Deus, a Lisa vai ficar bem.

As minhas mãos estremecem quando a levo para casa no fim da consulta, mas, para variar, não é por não me sentir confiante a conduzir nem por ser hora de ponta; é porque o médico que a observou disse que tudo correu tão bem como podia ter corrido. Ela ultrapassou a primeira barreira da sua recuperação.

Olho de relance para ela.

Vai a sorrir enquanto observa o mundo a passar pela janela, com as mãos juntas no colo e os ombros descontraídos.

Juro que quase regressou aos saltinhos à sala de espera. Há meses que não a via tão feliz.

Deu-me um abraço feroz e ficámos ali por uns instantes, enquanto todo o *stress* do último ano, a perda do Simon, tudo se desvanecia.

— Acho que devíamos ir beber um copo para festejar — atiro.

Ela vira-se para mim com os olhos arregalados.

— Achas que devo?

— Tenho a certeza de que podes beber um copo de vinho pequeno. Devíamos festejar. Isto são boas notícias, não são?

Uma pontada de culpa cruza-lhe o rosto, mas depois desaparece e a boca dela contorce-se.

— Eu matava por um Shiraz.

Leva a mão à boca antes mesmo de acabar de falar, e dou-lhe uma palmadinha no joelho.

— Eu sei, eu sei.

Ela recupera e diz:

— Queres ligar à Hayley para ela vir também?

Deus do céu, não.

— É melhor não — respondo. — Vamos só beber um copo com tranquilidade e depois levo-te para casa. Imagino que a tua mãe e o teu pai irão gostar de saber das novidades o mais depressa possível, não?

— Verdade.

Ela volta a olhar pela janela e questiono-me se terei avaliado mal a situação, mas depois vira-se novamente para mim.

— Nunca cheguei a agradecer-te.

— A mim?

— Por tudo isto. Por andares comigo de um lado para o outro, por me visitares no hospital e em casa.

— Era o mínimo que podia fazer. Tu terias feito o mesmo por mim, certo?

— Claro que sim. — Mexe-se um pouco no banco e apoia a cabeça, virando as pernas ligeiramente de lado.

— Estás bem?

— Estou a pôr-me mais confortável. Se permanecer sentada durante muito tempo na mesma posição, fico com o abdómen dorido.

— Quanto tempo disse o especialista que tens de esperar até poderes começar a mexer-te mais à vontade?

— Faltam seis semanas para poder fazer qualquer esforço, mas posso começar a caminhar um pouco todos os dias para ir ganhando alguma força.

— Quando estiveres pronta e o tempo aquecer um pouco, queres vir andar de bicicleta comigo? Há trilhos muito bons aqui perto.

Ela solta uma gargalhada.

— Vá lá. Não te lembras de como eu era na universidade? Estás a falar com uma pessoa que caiu da bicicleta ao travar numa passadeira em frente à escola de gestão. Deus do céu, nunca na minha vida me senti tão envergonhada.

— Posso arranjar-te umas rodinhas de apoio.

É maravilhoso voltar a ouvir a Lisa a rir. Recorda-me de como costumava ser, nós os cinco a rir até às lágrimas. Antes de a vida se abater sobre nós.

Antes de a morte se meter entre nós.

A estrada serpenteia através de uma zona arborizada e a seguir continua por uma ligeira colina que dá acesso a uma aldeia pitoresca. O bar fica numa esquina, depois de uma igreja normanda. Fica a alguns quilómetros da nossa cidade, mas vale a pena o desvio. É um lugar lindo e tranquilo.

— Escuta, deixo-te aqui à frente e depois vou estacionar lá atrás. Assim não tens de andar tanto.

— Está bem, obrigada.

Ela pega na mala que está no chão e sai do carro com facilidade assim que paro junto ao passeio.

Quando encontro finalmente um lugar de estacionamento atrás do bar do século xvi, ela está a conversar com o dono e com dois homens de negócios, que têm uma caneca de cerveja na mão cada um.

O aroma doce dos troncos a arder na lareira aberta inunda o ar e, assim que o calor começa a fazer-se sentir, tiro o casaco.

A Lisa vira-se e junto-me a ela. Ela sorri para mim.

— Isto foi uma excelente ideia.

— Ótimo. — Chamo a atenção do dono para fazer o pedido. — Uma cerveja pequena e um copo pequeno de Shiraz, por favor.

Pago e, a seguir, vamos para uma mesa ao lado da janela, por onde o sol pálido entra. Há um banco por baixo da janela forrado com um tecido suave e escolhemos sentar-nos ali em vez de nas cadeiras duras nas extremidades da mesa.

A Lisa senta-se em cima de algumas almofadas e pega no copo de vinho.

— Saúde — digo, batendo com o meu copo no dela. — Um brinde a uma recuperação rápida. E a rodinhas de apoio.

— Saúde. — Ela bebe um gole hesitante e pousa o copo. — Oh, as saudades que tive disto.

— O que se segue agora para ti, uma vez que a saúde está bem encaminhada?

— Tenho andado a procurar casa.

— Para comprar ou alugar?

— Para comprar. No ano passado, quando isto tudo começou, vendi a minha casa por um bom preço e agora mal posso esperar por sair da dos meus pais. — Um sorriso de esguelha atravessa-lhe o rosto. — Eles têm sido ótimos, têm mesmo, mas...

— Precisas do teu próprio espaço.

— Sim. Preciso de ter a minha independência de volta.

Bebo um gole de cerveja enquanto matuto nas suas palavras.

— Se precisares de ajuda a procurar as casas, posso ajudar.

— Tu já fizeste muito por mim, a sério. Não quero andar a abusar e a pedir-te ajuda a todo o instante.

— Mas a sério que não me importo. De qualquer maneira, ainda faltam algumas semanas até poderes voltar a conduzir, certo?

Ela bebe mais um gole de vinho e depois responde.

— Acho que sim. Então é o teu trabalho? Os teus chefes não se vão importar com isso?

Penso no *atelier* de arquitetura onde estou enjaulado cinco dias por semana quando não os consigo convencer a deixarem-me trabalhar a partir de casa e depois abano a cabeça.

— Ainda não tive muitos dias de férias nos últimos doze meses. Eles não me podem impedir de tirar alguns dias. E para ti também é mais seguro. Não gosto da ideia de andares por aí sozinha a ver casas.

— Tens a certeza?

— Absoluta. Basta ligares-me quando tiveres alguma visita marcada e vou contigo. Vai ser bom sermos dois. Assim podemos fazer perguntas diferentes ao agente imobiliário e, se acharem que estamos a comprar para os dois, pode ser mais fácil negociar.

— Isso é verdade. Está bem, obrigada. — Ela pousa o copo e pega na mala. — Venho já.

— Está tudo bem? — Não consigo afastar o tom de alarme da minha voz. Afinal, isto foi uma ideia minha. E se o vinho lhe fez alguma coisa? E se...

— Tenho de fazer chichi.

Pisca-me o olho, desliza pelo banco da janela e segue para a casa de banho das senhoras.

Os dois homens que estão no bar viram-se para a ver passar e sorrio.

A Lisa Ashton que conheço está de volta, disso tenho a certeza.

LISA

Aponto a lanterna para o fundo da garagem e praguejo entre dentes quando me apercebo de que a caixa que quero está, obviamente, mais atrás do que todas as outras.

Pouso a lanterna em cima do antigo arquivo onde o meu pai agora guarda o estojo de limpeza do carro e os apetrechos de pesca e semicerro os olhos para a luz da única lâmpada que resta pendurada num fio nas traves da garagem; limpo as mãos, cheias de pó, às calças.

Sei que não devia estar aqui. Sei que não devia arriscar uma contratura muscular ou pior, mas preciso de uma coisa que está naquela caixa.

É algo que me enche de esperança — e de medo.

De esperança, porque preciso desesperadamente de respostas para as perguntas que continuam a não me deixar dormir de noite.

De medo, porque me assusta o que essas respostas possam ser.

Olho de relance por cima do ombro, para a porta, mas não aparece ninguém. Os meus pais estão a ver um documentário de crime real na televisão e acham que estou lá em cima a ler.

Como se neste momento fosse capaz de me concentrar nas palavras que se espalham pelas páginas. Há horas que não consigo pensar em mais nada, desde que o David me veio pôr a casa.

Fito as caixas.

São oito ao todo, cada uma mais ou menos do tamanho das antigas arcas de chá. À minha direita, estão duas empilhadas em cima uma da outra, mais duas à minha esquerda. As outras quatro caixas encontram-se por baixo da janela por onde de dia se veria o

jardim de trás se os vidros não estivessem completamente tapados por teias de aranha grossas.

A caixa de que preciso está na extremidade esquerda. Aquela onde escrevi «Vários» com um marcador preto há tantos meses, quando vendi o meu apartamento — o meu santuário — e voltei para casa dos meus pais.

Dou um passo atrás quando ouço plástico a mexer e depois curvo-me para pegar no saco do lixo preto.

Quando resolvi vir aqui procurar nas caixas, decidi também que devia fazer uma seleção das coisas que guardei dentro delas. Se vou mudar-me de casa dos meus pais e avançar com a minha vida, então há algumas coisas velhas que guardo e que provavelmente devia doar — ou deitar fora.

Enchi estas caixas à pressa.

O apartamento vendeu-se rapidamente; na altura, não tinha saúde nem tempo para estar a regatear um preço melhor, embora o tenha vendido por um bom valor, e os novos donos queriam mudar-se no prazo de seis semanas.

Recusei a ajuda dos meus pais, do David, da Bec ou de qualquer pessoa que se ofereceu para empacotar as coisas comigo.

Foi doloroso aceitar que a minha saúde estava a desaparecer, e com ela a minha independência.

Arrumar as minhas coisas, admitir a derrota por já não ser capaz de continuar a cuidar de mim, foi uma forma de manifestar o meu pesar.

Fungo e, a seguir, olho mais uma vez para a caixa «Vários».

— Certo — digo para mim mesma, com maior determinação do que aquela que sinto.

A minha voz parece ruidosa neste espaço exíguo e fechado, mas os meus pais não me vão ouvir.

A garagem fica separada da casa, é acessível através de um caminho pavimentado que vai desde a porta das traseiras até ao abrigo de jardim, sempre acompanhado por uma corda para estender a roupa.

Viro-me e observo as duas caixas à minha esquerda. Se conseguir ir tirando o conteúdo destas caixas a pouco e pouco, chegarei àquela que quero sem ter de passar por cima de nada nem de tentar levantá-la na minha direção.

Endireito os ombros. Não há dúvida de que esta coragem toda foi reforçada pelo segundo copo de vinho que decidi beber com o David no bar, mas agora estou determinada.

Empurro a caixa de cima e fico aliviada ao perceber que não está cheia. Inspiro profundamente e, a seguir, arrasto-a para mim. Embora os músculos do meu abdómen protestem, não é tão mau como pensava.

Espreito para as laterais da caixa até ver a minha caligrafia: «Roupas de casa».

Fácil.

Deixo a caixa cair para o chão, com a certeza de que nada se vai partir. Uma já está, falta outra.

Empurro a caixa de almofadas, toalhas de banho e capas de edredões para o lado e espreito para a segunda caixa.

«Decorações»

Chiça. Isto vai demorar algum tempo. Não tenho a menor hipótese de a levantar e vou demorar uma eternidade a revistar tudo o que tenho lá dentro.

Uso a chave de casa para rasgar a fita-cola que fecha a tampa e depois começo a tirar cada trouxa de papel colorido. Muitas destas coisas vão parar ao saco de caridade: coisas pirosas sem importância que trouxe de férias no estrangeiro, recordações que comprei nas lojas em que entrei enquanto fazia caminhadas pela estrada costeira entre West Bay e Lyme Regis num certo verão, e jarras de cujo estilo já nem sequer gosto. Depois, tenho conchas, vidros marinhos e pedras que um dia achei que eram interessantes. Estas vou levá-las lá para fora e, amanhã, quando houver luz, espalho-as pelo jardim da minha mãe.

Uma hora depois, apoio-me no arquivo e limpo o suor dos olhos.

O saco de lixo preto está meio cheio e, quando me apercebo de que fiz isto, sinto-me invadida por um entusiasmo enorme. Há duas semanas nem tinha energia para pensar em semelhante coisa.

Olho para as horas. São nove e meia, o programa de televisão dos meus pais vai acabar em breve. Preciso de me despachar.

Sei que não quero a ajuda deles nesta tarefa. O que está na caixa por baixo da janela é algo que quero encontrar sozinha.

Afasto-me do móvel de arquivo e, à medida que volto para o fundo da garagem, passo a mão por uma prateleira da garrafeira, que está meio cheia.

Estou quase lá.

Quando puxo a caixa das decorações pelo chão de betão, as pernas tremem-me e sei que estou a atingir o meu limite físico por hoje. Os efeitos posteriores a uma anestesia geral, o trauma a que o meu corpo foi sujeito e o *cocktail* de medicamentos que terei de tomar para o resto da minha vida — isto para nem falar do vinho — estão a ter o seu efeito em mim, mas não vou desistir agora.

Não posso desistir. Ainda não.

Porém, a chave escorrega-me da mão no momento em que a mexo para rasgar a fita-cola na tampa da caixa dos «Vários» e cai para o lado, encostada à parede, com um tilintar ao bater no betão.

— Não!

Fico horrorizada. Preciso daquela chave. Não há nenhuma tesoura nas prateleiras junto à porta e o meu pai não guarda as facas de pesca juntamente com o resto dos apetrechos. Não sei onde mais hei de procurar por uma coisa afiada no meio de tanta tralha que esta garagem tem.

Não quero voltar para casa, não vá a minha mãe ver-me e perguntar o que estou a fazer a desviar assim as caixas pesadas no estado em que estou.

Pego na lanterna e aponto-a aos pés; depois, quando subo para a trave à esquerda, alguma coisa junto do fundo da caixa me capta a atenção.

Graças a Deus.

A chave está saliente entre a caixa e a parede, apenas o suficiente para a conseguir puxar com os dedos e tirá-la dali.

Enquanto sacudo uma teia da chave, tento não imaginar as aranhas que devem estar lá atrás, e a seguir rasgo a fita-cola, antes de arriscar deixar cair a chave novamente.

Guardo a chave no bolso das calças, abro as abas da caixa e espreito lá para dentro.

É exatamente aquilo de que estava à espera.

Eu tinha um apartamento com dois quartos e usava o mais pequeno, no piso de cima, como escritório. Chamo-lhe escritório, mas o local era mais um recetáculo de tudo aquilo que não pertencia a mais divisão nenhuma ou que eu não queria deixar na garagem húmida das traseiras da casa, que só tinha uma porta velha de enrolar e uma fechadura manhosa.

Estes artigos costumavam combater por espaço numa das duas estantes atarracadas que o quarto tinha.

Quando me ajoelho para alcançar o interior da caixa, os meus dedos enroscam-se sobre os últimos papéis que me lembrei de atirar para cima de tudo o resto, como se guardá-los fosse uma decisão de última hora. Depois, encontro alguns certificados emoldurados — incluindo o do meu bacharelato.

Franzo o sobrolho à medida que a recordação volta à superfície — não é aquilo de que eu estava à espera e, surpreendida, sento-me sobre os calcanhares, ainda com o certificado emoldurado na mão.

Passo os olhos pelas cores brilhantes e pelo brasão gravado, pelas assinaturas floreadas por cima de nomes que já esqueci e pelo prémio honorário que recebi devido à minha determinação e esforços puros e absolutos.

Lembro-me de que depois daquele inverno me refugiei completamente nos estudos.

Pouso a moldura e continuo a procurar.

Está aqui. Eu sei que está.

Cinco minutos depois, tentando não me deixar distrair com outros tesouros esquecidos que vou descobrindo, abro uma pasta de cartão que já foi verde e que, entretanto, desbotou. Tem uma mancha de café antiga por cima.

O meu ritmo cardíaco aumenta subitamente enquanto passo os olhos pelos recortes de jornais que dão conta da minha cerimónia de fim de curso. O fotógrafo do jornal local conseguiu captar o momento em que eu e a Bec apanhámos o chapéu uma da outra depois de os atirmos ao ar e estamos a sorrir uma para a outra como doidas, mas o que me faz arquejar é o recorte que está preso por baixo, com um clipe.

Eu tinha razão.

Amareleceu com a idade — afinal, já se passaram sete anos — , mas as letras pretas gordas do título são tão chocantes agora como foram na altura.

«ALUNO UNIVERSITÁRIO DESAPARECEU.

A POLÍCIA APELA A QUEM TIVER INFORMAÇÕES SOBRE O SEU PARADEIRO.»

HAYLEY

Num passo ligeiro, ele serpenteia por entre as mesas do café para chegar àquela onde estou sentada.

Para o encontro de hoje, escolhi um sítio diferente. Um sítio onde não me conhecem. Tenho esperanças de que a mudança de cenário me acalme os nervos.

Ele baixa-se, dá-me um beijo no rosto e depois enterra-se no lugar ao lado do meu, antes de pegar no menu.

— O que vais comer?

— Ainda não decidi.

— Já estás à espera há muito tempo?

— Não, cheguei há um quarto de hora. Pensei que seria melhor arranjar uma mesa na parte de trás, para podermos falar com mais privacidade. Mas está mais gente do que aquilo que previ.

Ele levanta os olhos da extensa lista de opções para pequeno-almoço e olha em redor do café e, depois, para mim.

— Estás paranoica?

Fito-o.

— Porque é que estás tão feliz?

— Por nada.

Detesto isto, este tom de voz cantado que ele às vezes tem e que significa que sabe de alguma coisa que eu não sei e que sabe também o quanto isso me irrita. Engulo a resposta torta que já se estava a formar nos meus lábios e, em vez disso, olho para a empregada de mesa que vem até nós.

— Estão prontos para pedir?

Ele não se oferece para me deixar pedir primeiro.

— Eu tomo o pequeno-almoço inglês completo, com um *cappuccino*, por favor. — Sorri para a empregada, cheio de charme e bazófia. — E se puder trazer uma salsicha extra...

— Sem problemas, querido. E para si?

— Ovos Benedict, por favor, e café. Preto.

Ela tira-nos os menus da mão, assegura que a comida chegará o mais depressa possível — a cozinha está extremamente agitada — e deixa-nos a sós.

Tenho de lhe dizer. Tenho de o avisar. Foi isso que combinámos.

— Aquela agente da polícia, a Forbes, veio visitar-me outra vez, ontem.

Ele levanta a cabeça rapidamente para olhar para mim, esquecendo-se de continuar a observar o grupo de raparigas que está junto à janela da frente.

— Porquê?

— Disse que estava apenas a fazer o acompanhamento da investigação. Que é rotina. Sei lá.

Ele levanta a mão para me calar, ao ver a empregada de mesa a aproximar-se com os cafés.

Agradecemos adequadamente, acrescentamos açúcar e esperamos que ela se afaste o suficiente para não nos ouvir.

Ele inclina-se para a frente, com a voz baixa.

— E o que é que ela te perguntou?

— Se já tinha ido visitar a Lisa depois de ela sair do hospital. De que é que falámos, como era a nossa amizade.

— E o que lhe disseste?

— Então, disse a verdade, o que é que achas? Que nos conhecemos desde o primeiro ano da universidade. Que estudámos Gestão e Marketing juntas. Blá, blá, blá.

Ele semicerra os olhos.

— Que mais queria ela saber?

— Já têm o resultado da autópsia.

— Eu sei.

Fico surpreendida, pois não estava à espera disto.

- Sabes como?
- Tenho cá os meus métodos.
- Ela também falou contigo?
- Ainda não.
- Então como é que sabes?

Merda. A empregada de mesa está a encaminhar-se novamente para nós, com dois pratos cheios de comida quente nas mãos, e o momento perde-se. Desembrulho os talheres, abro o guardanapo de papel por cima das calças e acrescento uma dose generosa de pimenta-preta ao molho *hollandaise*.

Entretanto, ele já está a devorar o pequeno-almoço com voracidade, levando colheradas de comida à boca como se esta fosse a sua última refeição esta semana.

O meu lábio de cima enrosca-se perante esta imagem.

A meio da refeição, tento novamente.

— Eles dizem que ele morreu de ataque cardíaco. Pensei que tinha sido só por ter batido com a cabeça.

— Pois.

— Não sabia que ele tinha problemas de coração. Tu sabias disso?

— Não. Talvez nem ele soubesse. Há muitas pessoas que não sabem.

— Talvez.

Já não sou capaz de comer mais. Sinto o estômago a comprimir-se e sei que isso se deve ao facto de esta ser a primeira comida de verdade que ingiro em muito tempo. Demasiado. Preciso de ter cuidado, senão ainda vou adoecer. Pouso os talheres sobre o prato, limpo os lábios com o guardanapo e depois atiro-o para cima da comida que sobra; recosto-me na cadeira, enquanto ele acaba de comer.

— Achas que agora já nos vão deixar em paz? — pergunto, finalmente. — Agora que já sabem de que é que ele morreu?

Ele raspa o resto de molho de tomate com a faca, lambe-a e empurra o prato para o lado, antes de cruzar os braços sobre a

mesa, com as mãos à volta da chávena de café.

— Provavelmente. Não há muito mais que possam fazer, pois não?

— Então, porque é que ela foi falar comigo outra vez?

— Não sei. Foi contigo que ela falou. O que te disse quando lho perguntaste?

— Só que estava a atualizar o relatório e que queria verificar alguns detalhes.

— Como por exemplo?...

— A que horas chegámos à *escape room* e onde tínhamos estado antes de irmos para lá.

— E respondeste-lhe?

— Claro que respondi. Disse que tínhamos ido ao Ragamuffin Bar para beber uns copos antes de atravessarmos a estrada e entrarmos na *escape room*.

— Ela perguntou mais alguma coisa?

— Não.

Ele bebe o resto do café, faz sinal à empregada de mesa e depois pede outro. Fica a observar enquanto ela recolhe os pratos.

— Já falaste com os pais da Bec? — pergunto, quando a mulher se vai embora.

— Não. Porque haveria de o fazer?

— Estava aqui a pensar, mais nada.

— Porquê? Queres que lhes pergunte se ela disse alguma coisa? Estás a questionar-te se ela vai contar a alguém aquilo que fizeste?

Deixo cair a chávena no pires com um estrondo, pouso uma nota de vinte na mesa e agarro na mala, antes de empurrar a cadeira para trás; depois, curvo-me e encosto o rosto ao dele.

— Vai-te foder, David, que eu sei muito bem o que é que tu fizeste.

LISA

Mais uma consulta de acompanhamento. Mais uma análise de sangue. Mais um médico para ver esta semana, e depois acaba.

Depois, só terei de voltar na semana que vem.

Quatro dias inteiros sem sentir o fedor do desinfetante hospitalar, sem ouvir o guinchar dos sapatos de borracha sobre o chão de mosaicos, sem ver aquelas pessoas todas doentes.

Consigo pressentir a liberdade, não obstante as consultas regulares que vou ter nos próximos três meses. O meu ritmo cardíaco acelera de cada vez que penso no meu futuro.

O meu futuro. Os meus planos.

Sorrio à medida que o Dr. Clark vai lendo o meu último relatório e reiterando aquilo que outros três médicos já me disseram na semana passada.

— Então — diz ele, a rabiscar mais uma receita para me entregar — , quando for embora, passe pelo balcão da farmácia para aviar esta receita e depois vemo-nos daqui a um punhado de dias para avaliar os seus progressos.

Dá-me uma palmadinha nas costas enquanto abre a porta do consultório para eu sair.

Paro à entrada e estendo-lhe a mão.

— Obrigada. Por tudo. Eu sei que tive muita sorte, que nem todos os seus pacientes chegam até aqui, mas quero que saiba que agradeço muitíssimo tudo o que o doutor e a sua equipa fizeram por mim.

Ele parece ficar surpreendido e, por um momento fugaz, questiono-me se disse alguma coisa que não devia, mas ele agarra na minha mão entre as suas e sorri.

— Todos os casos de sucesso nos ajudam a ultrapassar os outros — diz ele. — É por isso que fazemos isto.

Despedimo-nos, comigo a concordar em ligar-lhe caso surja alguma preocupação, e depois percorro o corredor que serpenteia pelo hospital até à saída.

A farmácia do hospital tem uma fila de oito pessoas, mas não posso comprar estes medicamentos na nossa farmácia local, não sem ter de esperar vinte e quatro horas, e preciso de começar a tomá-los hoje.

Resigno-me ao facto e ponho-me atrás de um casal jovem com um bebé pequeno. A mãe tem uma expressão pálida e cansada no rosto. Espero fervorosamente que o bebé esteja bem e que tenha sido só uma consulta de rotina. Talvez só venha levantar comprimidos para a dor de cabeça.

— Lisa?

Viro-me ao ouvir o meu nome e fico boquiaberta.

A mãe da Bec está a vir na minha direção de braços estendidos, com o pai, o Derek, a segui-la um pouco mais atrás. Ele estende-me uma mão, enquanto a Sue me abraça com toda a força.

— Estás com bom aspeto, querida. Que bom ver-te.

Sinto-me inundada por uma sensação de alívio; pensei que eles estivessem zangados comigo, que pensassem que abandonei a filha deles, que não estive ao seu lado para a defender.

— Lisa. — O Derek baixa-se para me dar um beijo no rosto. Já me tinha esquecido de como ele é alto; desde que o conheci, sempre pensei que ele se assemelhava a um carvalho, mas a sua natureza meiga deixou-me rapidamente à vontade.

— Foram ver a Bec?

— Sim. Temos vindo visitá-la todos os dias, para tentar ajudá-la a lidar com tudo isto.

Qualquer outra mãe ficaria traumatizada com o que aconteceu à sua filha — a minha ficaria — , mas a Sue parece ser mais pragmática.

— Eles não nos deixam visitá-la — digo-lhes. — Como está ela?

— Está a recuperar — responde o Derek. Ele não é tão estoico como a mulher e a sua voz estremece. — Mas ela é uma boa miúda e vai acabar por ficar bem.

A Sue entrelaça os dedos nos dele.

— Os médicos estão muito satisfeitos com o progresso dela. Acho que ela, simplesmente, atingiu o fundo do poço e não soube como reagir a isso.

— Sinto-me tão mal por não ter estado lá com ela.

A Sue abana a cabeça.

— Como poderias ter estado? Estavas a recuperar do transplante. Não sejas tonta. A Bec sabe bem disso. Para ser sincera, acho que isto já devia estar a acumular-se dentro dela há algum tempo. Pelo menos foi o que o psiquiatra disse. Demasiado *stress*. E, depois, com a morte do Simon...

Ela suspira e o Derek põe-lhe o braço em volta dos ombros, puxando-a para si.

— Podes ir vê-la agora, se quiseres.

— A sério?

— Eles acham que ela já deve poder ir para casa no fim de semana, por isso estão a levantar a proibição de visitas. Acho que provavelmente pensarão que será melhor para ela falar sobre isto... sobre o que aconteceu.

— Se fores lá agora, ainda és capaz de conseguir vê-la antes de acabar a hora da visita — diz a Sue. — Ela ia adorar ver-te.

Penso na nossa última conversa e na forma estranha como a Bec se comportou antes de sair à pressa da minha casa e questiono-me se a presunção da Sue estará correta.

— Está bem — digo. Olho por cima do ombro e noto que a fila mal se mexeu. — Vou lá agora. Posso passar por aqui quando acabar a visita.

— Maravilhoso. — A Sue e o Derek sorriem-me generosamente. — Nós vamos andando. Só temos três horas de estacionamento para o carro e já passam dez minutos da hora. Foi muito bom ver-te. Lisa.

— E a vocês também.

Atravesso até à receção, verifico a localização da ala onde a Bec está internada e, depois, sigo a linha verde pintada no teto ao longo de três andares e em direção à parte de trás do hospital.

Esta zona é mais pacífica.

Não há aquela agitação que inunda o piso térreo do hospital, não há ninguém a correr para um sítio aonde já devia ter chegado há meia hora, e vejo-me rodeada por uma atmosfera muito mais calma.

Consulto o mapa do piso que está afixado no exterior das portas do elevador e vou por um corredor com um dos lados todo envidraçado, do teto até ao chão, que dá para o parque de estacionamento de um lado e para os jardins ornamentados do outro. Esta ala é inteiramente nova. Lembro-me de ver alguns artigos *online*, há pouco mais de um ano, sobre a cerimónia de inauguração, onde estiveram presentes alguns dignitários.

Vejo a Bec antes de ela me ver a mim.

Está numa poltrona ao lado de uma janela na extremidade de uma sala que se assemelha a um lar de idosos — há mais poltronas à volta da sala, mas neste momento estão todas vazias.

Quando me aproximo, ela levanta os olhos para mim.

— Viste os meus pais lá em baixo?

— Vi. Pensei que a tua mãe me ia tirar o ar todo dos pulmões com o abraço que me deu.

Pelo menos, isto fá-la sorrir.

Puxo uma poltrona para o lado da dela e olho para as ligaduras que lhe cobrem os pulsos.

Ela repara nisso e levanta as mãos.

— Acho que estou a tomar os mesmos analgésicos que tu.

— E estão a fazer efeito?

Ela assente com a cabeça e pousa as mãos no colo; depois, olha para mim de esguelha.

— Como estás?

— Era o que te ia perguntar.

— Mas eu perguntei primeiro.

— Tanto quanto os médicos conseguem perceber, por enquanto está tudo a correr bem. Tive uma consulta de rotina há pouco. Mudaram-me novamente a medicação. E foi quando fui à farmácia que encontrei os teus pais.

— Eles pareceram-te bem?

— Sim. Estão preocupados contigo, mas também estão gratos por estares bem. — Não há uma forma fácil de fazer isto. — Porque o fizeste, Bec?

— Isto?

— Sim.

— Não sei. Acho que devo ter pensado que já não me restava outra hipótese. — Pega num fio solto numa das ligaduras. — Mas já chega de falar de mim. Então, o teu transplante foi bem-sucedido?

— Sim, parece que sim.

— E agora o que se segue?

Conto-lhe os meus planos para comprar casa, para voltar ao trabalho assim que estiver recuperada. Falo-lhe de coisas normais.

— Isso é bom. Isso é mesmo muito bom.

Ela parece-me estar a ser genuína. Mexo-me na poltrona.

— Posso perguntar-te uma coisa, Bec?

— O quê?

— Porque é que tu e o Simon se separaram?

Os ombros dela descaem.

— Bem, de qualquer maneira, acho que um dia vai acabar por se saber. Ele devia-me dinheiro. Muito dinheiro. Quando começámos a namorar, ele estava a investir numa aplicação de *software* nova. Um dos seus antigos colegas liderava o projeto e o Simon também entrou nele. Queria estar envolvido desde o início, não apenas como programador, mas também como investidor. Ele não tinha dinheiro suficiente e pediu-me emprestado, garantindo que me pagaria num prazo de seis meses. E eu emprestei, feita estúpida.

— O que aconteceu? — pergunto, sentindo o medo a espalhar-se pelo meu estômago.

— Em julho, perguntei-lhe quando é que poderia contar com o meu dinheiro de volta. Ele empatou durante algum tempo, dizendo que estava a poupar para o casamento, no próximo ano. Desisti de esperar por ele há seis semanas. Foi quando me disse que não tinha dinheiro para me pagar o empréstimo — afirma ela, com amargura. — Então, encontrei-me com o parceiro de negócios dele, para tentar entender o que se estava a passar e o motivo pelo qual o projeto estava a engolir tanto dinheiro. Mas acabei por ficar a saber que o Simon tinha problemas com o jogo, algo que eu desconhecia. Não sei como, mas conseguiu manter tudo escondido de mim. Ele levantou o dinheiro que lhe emprestei para investir e enterrou-o todo em aplicações de jogo *online*, gastou milhares e milhares. Separei-me dele assim que soube disso. Fiquei aterrada. A empresa que eles formaram declarou falência no dia a seguir.

— Mas ele teria acabado por te devolver o dinheiro, não teria?

Sei, enquanto estou a pronunciar estas palavras, que estou errada. Já estou a ver o Simon através de um filtro cor-de-rosa e só se passaram duas semanas desde que ele morreu.

— Acho que não — responde a Bec, ecoando os meus próprios pensamentos. — Não que agora venha a recuperar um tostão que seja...

— O que queres dizer com isso?

— O idiota nem testamento deixou. De acordo com a lei, na ausência de testamento, não tenho direito a nada. Nem ao meu próprio dinheiro. Desapareceu. Desapareceu tudo.

Abano-me na poltrona, atordoadas.

— Não fazia ideia.

— Nem eu. Falámos em fazer testamentos assim que ficámos noivos. Eu fiz o meu; só não o atualizei desde que nos separámos. Pensei que ele também tinha feito o dele. Pensei que...

A voz desvanece-se e ela concentra o olhar no jardim para lá da janela.

Pigarreio.

— Quanto é que ele te devia, Bec?

— Oitenta mil libras.

C'um caraças.

— Foi por isso que a polícia te interrogou quando ele morreu? — pergunto.

A cabeça da Bec vira-se de repente.

— O que queres dizer com isso?

— Não sei. — Já falei de mais; percebo-o agora. Devia ter ficado calada. — Desculpa. Estava só a questionar-me se eles pensaram... tu sabes.

— Se o matei para recuperar o meu dinheiro? — pergunta-me, com desdém, com os olhos a brilharem de raiva. — Tu não és ninguém para falar. Tinhas mais motivos do que qualquer um de nós para o matar. Afinal, se não fosse a morte dele, nem estarias aqui hoje. Ele era a tua derradeira esperança, lembras-te?

BEC

Espero que tenha resultado.

Tinha esperanças de não ter de chegar a este ponto, mas agora já me resignei com isso.

A Lisa vai continuar a escavar, a fazer perguntas, a arrancar as crostas da ferida que se formou por cima da verdade.

Tenho de a proteger. Tenho de me certificar de que acredita em mim.

Pelo menos, estou a dizer a verdade acerca do dinheiro. O Simon coagiu-me realmente a emprestar-lhe dinheiro.

Inicialmente, resisti, argumentando que não achava muito boa ideia fazer uma coisa destas tão cedo na nossa relação.

Depois disso, ele fez birra.

Parou de sugerir saídas à noite, dizendo que precisava de ficar a trabalhar para encontrar uma forma de levar o projeto em frente; que estava demasiado cansado para fazer sexo, que estava demasiado stressado, questionando-se como iriam conseguir agarrar esta oportunidade. Fiquei esgotada com isto, paranoica, com medo de que ele me julgasse por eu gastar o meu próprio dinheiro, de que pudesse ver um par de sapatos novos como mais um prego no caixão da excitante oportunidade que eu o estava a fazer perder.

Claro que acabei por ceder. Três meses de culpabilização eram mais do que qualquer pessoa teria conseguido suportar e, no fim, já estava demasiado exausta para discutir com ele.

Fui ao meu banco transferir o dinheiro para a conta dele, pensando que a transação era prova suficiente do empréstimo.

Sou uma idiota, eu sei.

Mas, um dia, eu amei-o.

Puxo as ligaduras, ansiosa para que os meus pulsos saíam. O fogo transformou-se agora numa comichão irritante e mal posso esperar por me ver livre delas. São feias e fazem-me lembrar do que aconteceu e do que eu já tive.

Estou zangada comigo mesma. Nunca pensei que fosse do tipo de pessoa que desiste assim, que pudesse estar desesperada ao ponto de querer acabar com tudo.

Sabia que a Lisa e o Simon tinham namorado durante algum tempo quando estavam a estudar para os exames e desconheço o motivo pelo qual se separaram, mas nunca senti que pudesse falar com ela sobre ele até agora.

Agora que ele está morto.

Há alguns dias, estava aqui sentada e desejei que o David não me tivesse salvado. Desejei que ele tivesse deixado o sangue sair todo do meu corpo, que me deixasse afundar na banheira e morrer.

Agora, sinto uma nova determinação. Quero a minha vida de volta.

O Simon já cá não está. Já não tenho de lhe prestar contas. Acabaram-se as discussões. Acabou-se a preocupação de que ele se passe comigo, me diga que sou estúpida, me diga que sabe mais do que eu.

Apercebo-me de que estou a cerrar os maxilares e obrigo-me a relaxar.

Vou ter de encontrar um emprego novo, claro. Talvez até vá viver para outra terra — não seria má ideia afastar-me um pouco deles todos.

Não depois de tudo o que aconteceu.

Pelo menos, numa cidade nova, talvez a umas centenas de quilómetros desta, posso recomeçar. Posso mudar o meu aspeto, cortar o cabelo, mudar-lhe a cor, e, se alguém me perguntar se sou aquela Rebecca Wallis que alegadamente matou o namorado, poderei rir-me e dizer que não sei de que diabo estão a falar.

Porém, apesar da minha coragem, sinto uma dor persistente no sítio onde outrora a nossa amizade se alojou. Nós os cinco já

tínhamos começado a afastar-nos uns dos outros antes de o Simon morrer e, para ser sincera, não acho que os que estão vivos continuem a manter o contacto.

Também estou assustada.

E se a polícia decidir que quer voltar a falar comigo? E se encararem isto como uma admissão de culpa, em vez de um ato de desespero para fazer com que tudo desaparecesse?

Afasto o copo de café vazio e questiono-me se devia aventurar-me pelo corredor fora e descer as escadas para ir buscar mais café. Olho de relance para a parede acima, esquecendo-me de que nesta ala não há relógios, e decido mudar-me para uma poltrona do outro lado da sala, no momento em que um homem de meia-idade com cabelo pegajoso se senta em frente a mim com um ar guloso no rosto.

Preciso de sair daqui. Estar tanto tempo sentada a pensar não me faz bem nenhum. Eu nunca fui assim. O Simon destruiu-me a autoconfiança, assim como a conta bancária e a reputação.

Quando contei finalmente aos meus pais o que tinha acontecido, o que ele tinha feito, eles ficaram incrédulos.

Certamente que não. Não o Simon, não o futuro genro que eles pensavam que iriam ter.

Mesmo agora, não tenho a certeza se acreditam em mim.

Não tenho tido autorização para aceder ao meu telemóvel ou computador — tem qualquer coisa que ver com recuperar primeiro completamente sem estar exposta a redes sociais, acho eu — , mas disse-lhes onde poderiam encontrar a papelada toda e as provas do que ele fez.

Preciso que eles saibam. Preciso que saibam que estou a dizer a verdade em relação ao que o Simon me fez.

Mas depois há a Lisa. Ela preocupa-me.

Agora, que tem uma nova oportunidade de viver a vida dela, está determinada a dar cabo da de todos nós.

Quando ela estava doente, quando a sua situação era tão desesperante, todos nos juntámos à sua volta, fazendo o que

podíamos para a ajudar. Porém, na altura, não me apercebi de como ela se tornou egoísta — ou já seria assim antes de adoecer e eu nunca tinha percebido isso?

A única coisa que sei agora é que ela não se lembra mesmo do que aconteceu. Quem me dera que ela deixasse este assunto quieto, que voltasse para o trabalho, que fizesse tudo o que diz que vai fazer com a sua vida, e me deixasse em paz para viver a minha também.

Ela pode causar demasiados estragos e nem sequer sabe disso.

Reparo numa agitação junto à porta.

E, de repente, desejo poder ficar aqui para sempre, protegida do mundo exterior, porque a pessoa que está de pé junto à porta é a última que queria ver neste momento.

DAVID

Passo a mão pelos olhos e fito novamente o ecrã do computador, abafando o pânico que ameaça subir dentro de mim.

Desde que a Hayley saiu intempestivamente do café que alterno entre querer telefonar-lhe para lhe pedir desculpa e deixá-la fumegar em paz.

Acho que ela sabe de alguma coisa e ainda não estou preparado para isso.

Não sei se alguma vez o estarei.

O Martin passa por mim, a assobiar entre dentes, sem se dar conta do turbilhão que inunda a cabeça do seu funcionário. Nestas últimas semanas, ele foi um bom patrão para mim, deu-me tempo para visitar a Lisa, para fazer o luto do Simon, para tentar entender aquilo em que a minha vida se tornou.

Pelo menos, não reparou nos meus erros. Tenho sido extracuidadoso, verifico sempre duas vezes — não, três vezes — tudo o que faço desde que identifiquei o primeiro erro. Acima de tudo o resto, não me posso dar ao luxo de perder o emprego.

Volto a baixar os olhos para o ecrã do computador. Os cálculos estão errados. Por este andar, o telhado topo de gama irá desabar com a primeira rajada de vento que, no inverno, atingir a casa do nosso cliente. É um erro de principiante, mas não é o primeiro que cometo este mês.

Eu costumava ser bom nisto. Costumava ser capaz de bloquear o mundo exterior e de me perder no meu trabalho, que se tornou um santuário para mim, uma forma de fugir. Era capaz de passar horas concentrado nos mais minúsculos detalhes de cada projeto, transformando os sonhos de alguém em realidade.

Gostava do que fazia e é esse abandono que procuro encontrar agora, porque é a minha única libertação em relação ao que se passa à minha volta.

Parece que tudo está a desabar, que perdi o controlo.

Apercebo-me com horror de que normalmente, numa situação destas, o meu instinto era virar-me para o Simon em busca de conselhos.

Quando o conheci, na universidade, senti-me engolido pela sua personalidade. As pessoas gravitavam sempre na direção dele; havia qualquer coisa de especial no Simon, na forma como era capaz de coagir toda a gente com um encanto persuasivo e um pouco autodepreciativo. Usava esta estratégia com as raparigas e os professores.

Usava-a com todos nós.

Porém, quando percebeu que eu não era uma ameaça para a *persona* que construiu tão cuidadosamente e que podia simplesmente caminhar na sua sombra, a sua relação comigo tornou-se mais suave. Passei a ser uma pessoa de confiança, um confidente, alguém que ele deixou entrar no seu círculo íntimo sem medo de ser julgado.

Escusado será dizer que usei isto a meu favor.

Eu sabia tudo sobre o Simon.

Não que quisesse realmente saber, mas ele não se conseguia conter. Por trás daquela fachada descontraída que ele concebeu tão cuidadosamente para benefício das pessoas que queria impressionar, existia um homem nervoso, amargurado e calculista que usava veneno e desdém para se queixar daqueles que viviam ao seu redor, mas que não satisfaziam todos os seus caprichos.

Eu tornei-me o bombeiro de serviço; aquele que deitava sempre água fria nas discussões que ele começava, que arranjava desculpas para o seu comportamento e que mentia por ele. Tudo para ganhar a sua aprovação, a sua aceitação.

E vejam só o que isso me rendeu.

Olho em redor do escritório.

Agora só já somos seis, incluindo o Martin. Muitos dos nossos clientes europeus deixaram de se sentir bem-vindos na nossa costa e começaram a fugir para o continente, levando consigo os projetos de desenvolvimento imobiliário que valem milhões.

Entrou então em ação um plano de poupança de custos, como acontece em tantos outros ramos de atividade. Felizmente, apercebi-me do que estava prestes a acontecer e passei as semanas anteriores aos despedimentos a assegurar que o trabalho dos meus colegas continha erros, que eles eram obrigados a tirar dias de férias por sentirem misteriosas dores de estômago ou que apareciam atrasados no trabalho devido a imprevistos infelizes, como, por exemplo, pneus furados.

Funcionou. Ainda cá estou.

Mas é deprimente. Costumávamos divertir-nos imenso a trabalhar aqui; agora, todos se sentam com as cabeças curvadas, como se estivessem a tentar tornar-se o mais pequenos possível para não se destacarem dos outros quando chegar a próxima ronda de despedimentos.

O medo está a deixar-me paralisado.

Talvez devesse fugir daqui, como os nossos clientes, e montar uma empresa *freelance*, tal como fez a Hayley. Talvez conseguisse encontrar trabalho na América Central ou do Sul. Punha este último ano atrás das costas e fazia de conta que nunca tinha acontecido.

Quem estou a enganar?

Estou desesperado por falar com a Bec.

Preciso de saber de que é que ela se recorda.

Ela sempre foi a mais sensata de todos nós, por isso vê-la a desmoronar-se desta forma foi um choque. De todos nós, foi quem passou por uma perda mais recente, por isso estava à espera de que fosse ela a conduzir-nos para fora disto.

Não estava à espera de que ela quebrasse, aceitasse a derrota com tanta facilidade.

Pigarreio, verifico que tenho o telemóvel no bolso e murmuro qualquer coisa sobre ir à rua buscar cafés para toda a gente.

Quando chego às escadas, já vou a correr.

* * *

Quando disse ao Simon que nos íamos encontrar no Ragamuffin Bar antes de irmos para a *escape room*, ele reagiu com desdém.

Tive de concordar com ele — ambos preferíamos bares como deve ser, que vendem cerveja feita de acordo com técnicas centenárias, mas as raparigas gostavam daquele tipo de lugares e esperavam algo especial para a nossa última saída em grupo.

Além disso, nunca lá tínhamos ido antes.

Calculei as horas com precisão — o bar de *cocktails* tinha acabado de abrir e estava sossegado, com um único empregado a limpar o balcão de granito, enquanto eu empurrava a porta de madeira de carvalho esculpida da entrada.

Tenho de admitir que a decoração do espaço foi feita com todo o cuidado e requinte. Uma empresa rival da do Martin ganhou o contrato para a realização da obra e o chão de madeira escura contrastava lindamente com os tijolos expostos das paredes da velha loja.

Olho de relance para a mesa redonda ao lado da janela, com seis cadeiras dispostas em volta, que proporcionava uma oportunidade ótima para observar as pessoas que entravam num fluxo constante durante a hora agitada do almoço.

Foi aqui que nos sentámos. O Simon ficou de costas para as casas de banho, insistindo que precisava de ver o bar, a janela e a porta ao mesmo tempo. Todos revirámos os olhos e aquiescemos, resmungando entre dentes que, aonde quer que fôssemos, ele tinha de ganhar sempre.

O ambiente aligeirou-se com a primeira ronda de bebidas. A Lisa bebeu água com gás, mas experimentou um gole de cada um dos nossos *cocktails*.

Engulo em seco e olho em redor.

Um espelho percorre toda a parede do fundo, atrás da caixa, as prateleiras em frente estão cheias de garrafas de *vodka*, *gin*, *whisky*,

vermute, e mais bebidas e misturas do que as que sei enumerar.

— Posso ajudar?

O empregado do bar faz uma pausa nas limpezas e pousa ambas as mãos no balcão de granito, que esteve a polir.

— Estou só a observar o espaço para a festa de aniversário da minha irmã. Ela faz 18 anos. Os meus pais querem que a festa seja num sítio onde ela se sinta segura.

— Nós raramente temos problemas aqui. Não é esse tipo de lugar — diz ele, antes de sorrir com ar travesso. — Percebemos que os nossos preços mantêm os potenciais causadores de problemas ao largo.

Sorrio educadamente e questiono-me acerca da quantidade de vezes que terá dito aquelas palavras.

— Além disso — refere ele, apontando para cima — , o local é completamente vigiado por câmaras de segurança.

— Câmaras de segurança? — Sinto a boca seca.

— Sim. Sabe, daquelas que gravam as imagens. Se houver algum problema, as câmaras apanham tudo. — Volta para as limpezas e pisca-me o olho. — Por isso, a sua irmã estará completamente segura connosco.

Nem o estou a ouvir. Já virei costas, apressando-me em direção à porta; a palma da minha mão transpirada deixa uma marca sobre a placa de latão presa na madeira, antes de eu sair aos tropeções para a rua.

Inspiro, engolindo ar com fumo de escape, enquanto tento acalmar o pânico que começa a tomar conta de mim.

O Ragamuffin Bar tem câmaras. Nem sequer pensei nessa possibilidade.

Eles podem ter-nos visto naquele dia na mesa.

Que mais terão visto?

HAYLEY

O beijo que damos no ar é tão falso como os nossos cumprimentos alegres, mas tem de ser feito.

Não temos outra hipótese.

A manhã aproxima-se do fim e parece que os restantes pacientes nesta parte do hospital participaram num êxodo em direção ao carrinho dos refrigerantes pelo qual passei no corredor e depois se precipitaram para aqui, para assegurarem uma poltrona antes de os seus familiares chegarem.

Quando me viro novamente para ela, a Bec está a sorrir.

— Há mais algum sítio onde possamos conversar? — pergunto.

— Um lugar mais privado?

— Não.

Cristo, ela está a gostar disto. Puxo a alça da mala sobre o ombro.

— Como te sentes?

— Melhor.

E também soa melhor. Esta é a velha Bec de que me recordo. A sábia, que fazia uma contribuição para a sua reforma pessoal, tinha uma conta poupança com abatimento nos impostos e sei lá mais o quê, antes de qualquer um de nós pensar nessas coisas. Ela poupava para ir de férias, não gostava de cartões de crédito e olhava com superioridade para as compras frívolas que de vez em quando lhe mostrava enquanto relatava os descontos especiais que tinha tido nas lojas.

Até ela e o Simon terem começado a namorar, há dois anos.

Todos sabíamos que se passava alguma coisa de errado, mas nenhum de nós queria ser o primeiro a perguntar.

Tínhamos medo da verdade.

Seis meses depois de ficarem noivos, comecei a reparar que os olhos da Bec tinham uma expressão atormentada. Saltava assustada com qualquer ruído inesperado — uma porta a bater, uma voz erguida, ou quando o telemóvel tocava enquanto estávamos os três algures a beber café.

A Lisa revirava os olhos e, depois, ficava a observar a Bec enquanto esta se ausentava da mesa com o telemóvel colado ao ouvido e a voz baixa e de urgência.

— Foi novamente convocada — dizia, com o lábio enroscado em sinal de desdém.

Acho que agora já não a consigo perdoar. Afinal, foi ela quem o trouxe para o nosso círculo de amigos.

Quando mais tarde descobri que eles tinham namorado antes de entrarem para a universidade, fiquei estarecida.

— Porque não nos contaste?

A Lisa encolheu os ombros.

— Não pensei que fosse importante.

— Mas devias tê-lo feito.

Sim, pois devia.

Porque assim teríamos conseguido proteger-nos, tentado evitá-lo, tentado não cair no seu charme infantil e sentido de humor autodepreciativo.

Em vez disso, tornámo-nos os seus acólitos.

E a Lisa também.

Enquanto observo os olhos da Bec a semicerrarem-se quando vê a enfermeira a entrar na sala e a parar para falar com cada um dos pacientes, questiono-me acerca do motivo pelo qual a Lisa nunca nos contou porque se separou do Simon antes de entrarem para a universidade.

Agora, que ele está morto, talvez devesse perguntar-lhe isso. Já não temos nada a temer.

Naquele dia, quando dei por mim de pé a fitar o corpo dele caído, senti um enorme alívio.

No final, percebi que tinha estado a cerrar os punhos com tanta força, que as unhas se enterraram nas palmas das mãos e fizeram golpes em forma de meia-lua, uma recordação temporária da dor que ele me provocou.

E à Bec também.

Porque há qualquer coisa que me está a arreliar. Algo que ouvi de passagem.

Ou será que imaginei? Não tenho a certeza.

— A Lisa veio visitar-me hoje — conta a Bec. — Na verdade, desencontraram-se por poucos minutos.

— Deixa lá. — Mantenho o meu tom de voz ligeiro e tento esconder o alívio que sinto por não ter de a ver já. — Então, quando vais ter alta daqui?

— Com um pouco de sorte, amanhã. — O sorriso da Bec vacila. — Vou voltar à realidade.

— Vais para a tua casa?

— Cristo, não. Nunca mais lá ponho os pés. O meu pai e o meu irmão já lá foram com uma carrinha para esvaziar a casa. Que se lixem os últimos meses de renda.

— E vais para onde?

Ela resfolega.

— Para um sítio qualquer muito, muito longe daqui.

Engulo em seco. Agora já não há como voltar atrás.

— Bec? Porque é que fizeste isto? Porque tentaste acabar com tudo?

A boca dela forma uma expressão de arrependimento. De seguida, ela inspira profundamente, um pouco trémula.

— Não tenho a certeza de que o tentei.

Franzo o sobrolho, confusa com as palavras dela.

— Fizeste dois golpes de dez centímetros nos braços, Bec. A mim parece-me que querias morrer.

O rosto da Bec ensombra-se, os olhos semicerram-se. Uma única lágrima escorre-lhe pelo rosto abaixo e as palavras dela parecem ácido:

— Nunca te devia ter dado ouvidos, sua estúpida de merda.

Segundos depois, desculpo-me e vou-me embora, a sofrer com a amizade que se despedaçou.

As coisas nunca deviam ter chegado a este ponto.

O meu telemóvel vibra e paro para o tirar da mala, questionando-me se é o David e se, neste momento, também ele está em pânico.

O meu sorriso gela e começo a andar novamente, desta vez mais depressa, enquanto releio a mensagem da Lisa.

«de que é que te lembras sobre o greg fisher? l.»

Merda.

Sigo com a cabeça curvada e os olhos baixos, e só quando estou quase junto à área de receção é que levanto a cabeça, ao ouvir uma voz familiar. Arquejo e entro de lado no elevador, cujas portas estão quase a fechar, o que me vale uma reprimenda de um dos funcionários do hospital, que leva uma cadeira de rodas vazia.

Não quero saber.

Quando as portas se fecham com um silvo, a detetive Angela Forbes passa por mim, a caminho da enfermaria da Bec.

LISA

Não quero ir já para casa.

Estou chocada com as palavras da Bec, pela sua admissão de que o Simon a coagiu a emprestar-lhe dinheiro. Pensei que éramos mais próximas do que isto; que eu era alguém em quem ela confiava, mas pelos vistos estava errada.

Tenho estado errada em relação a muitas coisas.

Também estou zangada com o facto de ela ter insinuado que tive alguma coisa que ver com a morte do Simon.

Ela não tem o direito de falar comigo assim. Não tenho culpa de ele ter morrido e de eu ter ficado com um dos seus rins.

Decido que preciso de caminhar o resto do percurso e saio do autocarro quilómetros antes da paragem ao fundo da rua dos meus pais.

Se chegar a casa com uma expressão furiosa no rosto, a minha mãe vai começar a fazer perguntas para as quais não tenho resposta e não preciso de que ela comece a analisar a discussão que acabei de ter com a Bec.

Enquanto cirando pela rua até à entrada do parque, o ar frio de novembro pica-me a pele e puxo as mangas do casaco para baixo, para contrariar um arrepio súbito, antes de procurar um banco de jardim com vista para o lago.

Não estão cá as crianças que costumam aqui vir com os pais e, por isso, saboreio a calma do meio da semana enquanto observo um par de patos a atravessar a relva.

Quando levanto o olhar para as águas negras do lago, para lá dos patos, sinto um desconforto que se agarra ao meu peito.

A imagem do lago deixa-me com uma sensação de náusea no estômago e os pelos finos dos meus braços arrepiam-se em antecipação, formando pequenas borbulhas na pele.

Expiro e encosto-me para trás, no banco de madeira.

Tento descontrair. Recordo-me de que estou saudável, recebi uma segunda oportunidade e tenho uma vida inteira à minha frente. Não importa o tamanho que esta vida possa ter, tenho intenções de fazer alguma coisa com ela.

Com ou sem a ajuda dos outros. A Hayley ainda não me respondeu.

Enfio as mãos nos bolsos e fito os patos que agora deslizam em direção ao centro do lago, com os seus movimentos a deixarem graciosos arcos na superfície da água.

Apesar de ter dito ao David que iria procurar casa aqui em Southampton, questiono-me se será sensato continuar a viver nesta região.

Há demasiadas pessoas a reconhecer-me, graças àquele maldito jornalista. Mesmo que o meu patrão me devolva o emprego, não sei se o quero.

A revelação que a Bec fez sobre o dinheiro provocou-me repulsa.

Eu sabia que o Simon lhe tinha pedido o empréstimo.

Sabia, porque estava com ele quando descobriu que o projeto iria precisar de dinheiro para avançar, para agarrar as oportunidades que ele e o sócio tinham inserido tão cuidadosamente nos seus planos.

Os raios de luz dourados entravam por entre as cortinas de renda do apartamento de sótão que o Simon alugava mesmo ao lado do rio. O sol projetava tentáculos suaves sobre a alcatifa e sobre os lençóis de algodão que amarrotávamos enquanto fazíamos amor.

O telemóvel dele tocou com uma música de um filme dos anos 80,

ao mesmo tempo que vibrava em cima da mesa de cabeceira, acordando-nos de um sono induzido pelo sexo.

Amolecida por demasiados copos de tequila bebidos na noite anterior, escorreguei por baixo do braço dele enquanto ele atendia o telemóvel e fui até à casa de banho. Procurei nos armários até encontrar analgésicos solúveis e fui para a cozinha.

Sabia que não devia ter feito isto. Tinha sido um erro sair para beber com ele quando a Bec não estava na cidade. Há semanas que andávamos a rondar-nos mutuamente, a rir sobre os bons velhos tempos, coisas que costumávamos fazer quando namorávamos.

Enchi dois copos com água da torneira, pus a medida certa de analgésico em pó em cada um deles e voltei para o quarto.

O Simon estava sentado na cama, o cabelo escuro despenteado e os olhos verdes a brilhar de entusiasmo.

Engoliu a água, pousou o copo na mesa de cabeceira e, a seguir, puxou-me com ele para debaixo dos lençóis, a rir.

— Esta é a minha oportunidade, Lisa. Vou deixar todos os outros para trás, ouve bem o que te digo. Se conseguir que a Bec me empreste algum dinheiro para começar, ficarei rico enquanto o diabo esfrega um olho.

Mais tarde, nesse mês, quando o período não veio, descobri que estava grávida.

Encontrámo-nos num bar do outro lado da cidade, longe de onde ambos vivíamos, um sítio que a Bec não conhecia. O Simon queria encontrar-se comigo num café perto dos trabalhos — naquela altura, ele estava a tentar conjugar dois empregos ao mesmo tempo sem que o patrão descobrisse que arranjava o segundo, o projeto com o outro sócio.

Eu queria encontrar-me com ele num sítio público. Sabia bem como era o temperamento dele quando não conseguia controlar as coisas.

Quando lhe contei, ficou a olhar fixamente para mim durante um instante, em silêncio.

Com o maxilar cerrado, empurrou a cerveja.

— Vais fazer um aborto, naturalmente.

— Sim.

Já tinha decidido que o ia fazer, mas, mesmo assim, as palavras dele conseguiram chocar-me.

— E não o vais fazer aqui perto — continuou ele. — Vai a uma clínica privada, não vás ao hospital público. Não queremos ter registos de nada. Vais ter de pagar tu. Eu tenho todo o meu dinheiro empatado no projeto.

Assenti com a cabeça, com a garganta em chamas.

— Lisa?

Olhei para os olhos dele com esperança de receber uma espécie qualquer de pedido de desculpa, ou de reconhecimento de que eu devia estar assustada.

— Se alguma vez contares à Bec, mato-te.

A seguir, empurrou a cadeira para trás e saiu do bar.

Fui a Glasgow fazer o aborto. Disse a toda a gente que era um fim de semana de trabalho. Um retiro de *team building*.

Meses depois, atribuí o meu desconforto cada vez maior aos efeitos do aborto. «É comum», diziam. «Vais acabar por ultrapassar», diziam. «Daqui a pouco já te sentes melhor.»

E depois recebi o meu diagnóstico. Precisava de um transplante de rim, e depressa.

Pensei que era a lei do retorno. A forma de o universo me castigar pelo que tinha feito.

Envolvo os braços em volta do estômago e fecho os olhos, quando outro pensamento me cruza a mente.

Ainda bem que ele está morto.

DAVID

Deixo a bicicleta acorrentada ao suporte do parque de estacionamento por baixo do escritório e apanho o autocarro para ir até à casa da Hayley, do outro lado da cidade.

Durante o caminho, agarro-me à ideia de que somos amigos e de que ela me vai perdoar.

Uso a manga para limpar a condensação do vidro e espreito para o céu instável, com as nuvens a precipitarem-se umas sobre as outras à medida que aguaceiros de chuva negra varrem o campo ao longe; depois, olho de relance para o telemóvel.

Ela não atende o telefone. Vai para as mensagens ao fim do terceiro toque. Depois de deixar uma mensagem, decido que não o voltarei a fazer. Preciso de falar com ela pessoalmente.

E, sim, vou pedir desculpa.

Faço o que for preciso para consertar isto, porque neste momento precisamos um do outro.

Não há outra forma.

O meu polegar para sobre outro nome no ecrã.

Que se lixe, penso, e carrego na tecla para ligar.

— Hospital West City Trust. Para onde devo passar a sua chamada?

— Gostaria de ligar para a Ala Carmichael, por favor.

— Só um instante.

Fito um adolescente que segue no lugar à minha frente com os dedos enfiados no nariz. O autocarro abrandando para a próxima paragem e decido fazer o resto do caminho a pé. Sinto-me nervoso, aqui confinado e dependente dos horários dos outros.

Abrigo-me sob o toldo de uma loja, à medida que o autocarro antigo vai expelindo o seu fumo preto e cinzento, antes de desaparecer por entre o trânsito; depois, encosto o telemóvel ao ouvido, enquanto a chamada é transferida.

— Ala Carmichael.

— Estou? O meu nome é David Marsh. Sou amigo de Rebecca Wallis.

— A hora das visitas já acabou por hoje, Sr. Marsh.

— Oh? — Fico momentaneamente atordado e olho para o relógio. — Mas ainda são...

— Lamento, mas são as ordens do médico. — A seguir, baixa a voz. — Aqui entre nós, que ninguém nos ouve, ela ficou exausta depois das duas visitas desta manhã, e depois com aquela agente da polícia a entrar aqui como se isto fosse tudo dela...

Apercebo-me de que ela acabou de quebrar o protocolo e, provavelmente, várias regras do hospital relacionadas com a confidencialidade e a privacidade dos pacientes, mas não quero saber. Fico com os cabelos da nuca arrepiados e apoio a mão livre na fachada da loja, porque sinto a vista turva.

— A polícia esteve aí? Porquê?

Ela faz um pequeno ruído gutural, evidentemente ao aperceber-se do erro que cometeu.

— Bem, de certeza que foi uma visita de rotina. Pode vir visitar a sua amiga amanhã a partir das dez, se estiver bem para si.

Não, não está bem para mim.

Desligo o telemóvel, furioso.

É evidente que a Lisa e a Hayley foram visitar a Bec, sozinhas ou ambas ao mesmo tempo, mas nenhuma das duas achou por bem dizer-me.

A mim, que a encontrei.

A mim, que lhe salvei a vida.

— Está tudo bem?

O dono da loja está a pairar sobre mim, com a testa franzida.

Questiono-me se falei em voz alta. Abano a cabeça.

— Estou bem. Estou só de passagem, obrigado.

Dou meia-volta e começo a caminhar com um passo rápido, aumentando o mais que posso a distância entre mim e a loja.

Por que raio foi a polícia falar com a Bec?

Não fizeram já estragos suficientes? Porque é que quiseram interrogá-la outra vez?

Não acreditaram nela da primeira vez?

A seguir, tento ligar para a Lisa.

Lisa, a descontraída Lisa certamente vai deixar-me mais animado. No outro dia, quando saímos do bar, ela estava com um ar radiante, a tagarelar sobre os planos para o futuro e a vontade de comprar outra casa para si. Enquanto a levava para casa dos pais, falámos do que ela podia comprar com o dinheiro que tinha e fiquei ansioso por poder acompanhá-la quando fosse escolher a mobília.

— Tens tão bom olho para os detalhes — disse ela. — Vocês, arquitetos, são todos iguais. Se vieres comigo, pelo menos sei que vou acabar por comprar coisas que complementem a casa e não que a atafulhem.

Fui para casa de carro, inebriado pela nova vitalidade e energia dela. Há tanto tempo que não a víamos assim.

No entanto, ela agora também não atende o telemóvel.

A mensagem da operadora diz que ou está numa zona sem rede ou tem o telefone desligado.

Há um bar ali à frente, e decido que preciso de uma bebida rápida para me acalmar os nervos. O bar não é nada de extraordinário, só um casebre com uma mesa de bilhar à esquerda da porta. Quando entro e atravesso a sala sombria em direção ao bar, sinto o cheiro do álcool velho.

Peço um *whisky* à rapariga que está atrás do bar e, quando ela me entrega o troco, enrugo o nariz ao ver as suas unhas roídas. A seguir, vou para um lugar de canto junto à janela. Daqui, consigo espreitar para o mundo exterior e tentar acalmar a cabeça, tão agitada.

Não devia ter abusado da sorte no outro dia. Não devia ter provocado a Hayley, mas não fui capaz de resistir. Ela estava a irritar-me, a tentar duvidar de tudo o que as outras pessoas pensam, e já estava farto de a ouvir.

Volto a marcar o número dela e fico ao mesmo tempo aliviado e surpreendido quando ela atende o telemóvel.

Atende, mas não diz nada.

— Sou eu, o David — digo, desnecessariamente.

O silêncio arrasta-se durante o que me parece uma eternidade, até que depois ela fala; porém, não parece a Hayley que eu conheço. Está fria e distante.

— O que é que queres?

Inspiro profundamente.

— Quero pedir-te desculpa por ontem. Não devia ter falado contigo daquela maneira. Não sei que bicho me mordeu.

As palavras saem-me espontaneamente; esqueci-me de todas as frases que ensaiei.

A Hayley abafa uma gargalhada amarga antes de voltar a falar e as suas palavras deixam-me aterrorizado.

— Não te esqueças de que eu sei o que é que tu fizeste.

HAYLEY

Desligo o telemóvel, interrompendo o David a meio da frase, e tento sacudir o cansaço que começa a invadir-me os músculos.

Não quero ter mais nada que ver com ele.

Quanto mais penso nisto, menos tenho vontade de manter o contacto com a Bec e com a Lisa também. Pelo menos assim elas nunca irão ficar a saber o que o Simon sabia sobre mim e talvez, com um pouco de sorte, eu consiga salvar alguma coisa no meio disto tudo. Antes de se saberem as outras coisas todas.

Nunca tive intenção, sabem? Mas não consegui impedir-me.

Na primeira vez que aconteceu, estávamos no último ano da universidade e foi porque me esqueci.

Entrei simplesmente na loja durante a hora do almoço para fazer tempo, em vez de ficar na cantina a ouvir os últimos mexericos sobre que celebridade estava enfiada numa ilha sei lá onde e a comer sei lá quem.

Em vez disso, fui dar uma volta pelos expositores com os vestidos da estação, a sonhar com dias passados em sítios exóticos com um namorado que ainda não existia e a tentar calcular quantos dos meus miseráveis ordenados do trabalho em tempo parcial que tinha na altura seriam precisos para poder comprar um daqueles relógios com diamantes incrustados que estavam expostos nas vitrines.

Não me lembro de pegar no batom.

Sei que estava a pensar em comprar uma cor nova antes de me aperceber de que tinha de voltar para a aula da tarde, mas, quando cheguei ao fundo da Rua Principal e levei a mão ao bolso depois de

carregar no botão do semáforo para atravessar a passadeira, os meus dedos enroscaram-se em volta do batom.

Fiquei ali, atordoada por um instante, enquanto um zumbido sonoro me chegava aos ouvidos e um homem que estava ao meu lado me dava um pequeno encontrão.

— Vamos lá, querida, senão o sinal fecha.

Fiquei com o coração a bater tão depressa com aquela interrupção dos meus pensamentos, que soltei um grito, surpreendida. Felizmente, o homem já ia a meio da passadeira e nem me ouviu, mas uma velhota que estava ao meu lado olhou para mim com estranheza.

Ignorei-a e apressei-me a ir para a universidade, subi os degraus das escadas dois a dois, antes de me fechar na casa de banho das senhoras, com a testa inundada de suor.

Assim que o medo cedeu, uma nova sensação começou a atormentar-me. Uma sensação de fanfarronice.

Tinha-me safado com isto, não tinha?

Nenhum dos alarmes soou. Ninguém veio a correr atrás de mim.

E por isso continuei a fazê-lo.

Disse para mim mesma que podia parar assim que quisesse.

Estou só a divertir-me um pouco.

Não estou a prejudicar ninguém.

Até à noite, há dois anos, em que estávamos todos no casamento de um conhecido distante que nos convidou por educação, porque tínhamos aulas juntos na faculdade.

Tínhamos sido sentados em mesas diferentes, mas encontrámo-nos no bar entre os pratos de comida requintada servida por empregados de mesa vestidos com trajes formais.

Aninhámo-nos e rimo-nos da extravagância enquanto bebíamos copos de champanhe *vintage*; rimo-nos da bebedeira da mãe da noiva e do dinheiro gasto num casamento que tínhamos a certeza de que acabaria em divórcio em menos de cinco anos.

Depois, o Simon ofereceu-me o braço e dirigiu-me um dos seus sorrisos de esquelha.

— Uma dança em nome dos «bons velhos tempos»?

— Vamos lá.

Dançámos por entre os outros casais, a minha mão na dele, a outra pousada na minha cintura, e passámos a primeira parte da canção a tropeçar nos pés um do outro até conseguirmos encontrar o ritmo certo. Quando eu estava a descontrair com a música, ele baixou a boca até à minha orelha e disse muito suavemente:

— Tu roubas pela emoção que isso te proporciona ou é porque precisas mesmo?

— Desculpa?

Atordoadada com as palavras dele, parei de dançar; tão de repente, que o casal do lado chocou contra mim.

O Simon sorriu e levantou a mão para eles; a seguir, levou um copo imaginário aos lábios e piscou-lhes o olho.

Ambos se riram, retomaram a sua posição e recomeçaram a dançar.

— Não sei do que estás a falar — consegui dizer, quando as notas finais da música *pop* me chegaram aos ouvidos.

— Se continuares a roubar coisas, vais acabar por ser apanhada.
— Beijou-me a mão, sem nunca tirar os olhos de mim, enquanto a música acabava e as pessoas aplaudiam o grupo musical. — Alguém pode fazer uma denúncia.

Nesta altura, o Simon deixou cair a minha mão e voltou para junto dos outros que estavam no bar, como se nada tivesse acontecido.

Ainda agora, quando me lembro disto, fico com a boca seca.

Tentei, esforcei-me muito, mas poucas semanas depois voltei a fazê-lo.

Voltei para casa, com o coração a latejar, enquanto me questionava se ele me tinha visto. Se andava a espiar-me para poder ir contar à polícia o que eu tinha feito.

Ele deve ter visto os meus brincos novos, apesar de eu ter esperado semanas para os usar — eram perfeitos para a festa de verão a que todos fomos.

Dois dias depois, recebi uma carta. Não um *e-mail*. Não um telefonema.

A porra de uma carta.

Ele queria dinheiro, senão ia escrever anonimamente aos meus clientes e contar-lhes sobre o meu hábito de roubar nas lojas. Não importava o quanto pudesse tentar atribuir as cartas a um indivíduo despeitado, o meu negócio seria arruinado e, por isso, claro, paguei-lhe.

Não conseguia parar de roubar. Sei que parece uma coisa patética, mas fazia-o pela emoção. Safei-me durante uns tempos, mas seis semanas depois recebi outra carta.

Fiquei aterrorizada, por isso, quando...

A campainha da porta toca e abafa um grito.

Porém, não consigo abafar o arquejo que se escapa da minha boca quando abro a porta.

A detetive Angela Forbes está à minha porta com uma expressão de aço no rosto enquanto olha para mim. Atrás dela, dois guardas de uniforme pairam junto ao portão do jardim.

— O que quer? — consigo perguntar.

— Hayley Matthews, tem o direito de ficar em silêncio... — Entra na minha casa a recitar um chorrilho de palavras que tenho a certeza de que para ela são como uma segunda pele, mas que me deixam confusa. Recuo, com a mão na garganta.

Ela não pode estar a falar a sério, pois não?

— ... Tudo o que disser pode ser usado como prova. — Um sorriso manhoso cruza-lhe os lábios e ela estende-me a mão. — Venha comigo, por favor. Vamos continuar a nossa conversa na esquadra.

— Preciso de ir buscar as minhas coisas.

A Forbes olha de relance por cima do ombro e chama o guarda mais alto, que depois me segue até à sala de jantar e me observa enquanto guardo o telemóvel na mala e a ponho sobre o ombro.

Sinto o calor a inundar-me o rosto ao vê-los à minha espera no caminho do jardim, enquanto tranco a porta e guardo as chaves na

mala, ao lado da carteira. Endireito os ombros e viro-me, mesmo a tempo de ver a cortina de renda da janela do número 47, do outro lado da rua, a baixar.

A Forbes abre a porta de trás do carro e observa-me inexpressivamente enquanto entro. Fecha-a com um baque e senta-se ao volante, antes de ouvir o estalido do fecho central a trancar-se.

Os outros polícias de uniforme seguem à nossa frente, com as luzes ligadas e, inicialmente, penso que nos vão acompanhar até à esquadra. Porém, ao fundo da rua, travam e viram à esquerda, presumo que para se dirigirem a outra ocorrência.

Percebo que a Forbes os levou para aumentar um pouco mais o meu choque, não por me encarar como alguém perigoso.

Ela queria envergonhar-me perante os meus vizinhos. Queria assustar-me assim que eu abrisse a porta e fazer com que me sentisse submissa.

E quer que lhe conte tudo sem que me debata.

Cerro os maxilares e olho pela janela enquanto atravessamos o centro da cidade, tentando ignorar o medo que agora se arrasta pelas minhas veias.

Cristo, ainda há um quarto de hora achava que era a mulher mais inteligente que alguma vez conheci. Olhem para mim agora.

Apercebo-me então de que estou a tremer. Tenho direito a fazer um telefonema, não tenho? Pelo menos é o que acontece na televisão. Não vou ligar ao meu pai — Céus, ele ficaria envergonhadíssimo e não vou de maneira nenhuma tentar explicar-lhe esta trapalhada toda. Ligo à Lisa? À Bec? E digo o quê?

Volto a virar-me para a frente e percebo que, ao me sentar por trás do lugar do passageiro, a Forbes assegurou que não consigo olhar para ela através do espelho retrovisor. Não consigo estabelecer contacto visual com ela.

— Preciso de ir à casa de banho.

— Pode ir quando chegarmos à esquadra.

Ela é uma boa condutora, serpenteia pelo trânsito e só abranda quando é estritamente necessário. Meia hora depois, abrandamos em frente a um edifício de betão e vidro com seis andares e apercebo-me de que é agora.

Este é o quartel da polícia.

A Forbes leva o carro pela lateral do edifício em direção a uma parede de tijolo vermelho, cumprindo o limite de velocidade baixo à medida que o meu coração acelera.

Sinto a pulsação no pescoço.

É por aqui que trazem todos os suspeitos para serem interrogados. Já vi isto nas notícias e murmuro um agradecimento silencioso por não haver por aqui jornalistas com câmaras de filmar.

Isto é apenas um mal-entendido, digo para mim mesma. Daqui a nada já está tudo esclarecido.

A Forbes para o carro num lugar de estacionamento paralelo ao caminho de acesso e depois leva-me através de duas portas duplas na lateral da esquadra.

O espaço é ruidoso; há um homem magro de trinta e poucos anos a gritar a plenos pulmões, e o seu odor corporal é tão esmagador que dou um passo para o lado para tentar evitá-lo. Um agente de uniforme tem uma mão no ombro do homem e fala para a colega do outro lado da secretária. Ela está de olhos arregalados; ainda é jovem e parece aterrorizada com o homem tatuado que o colega lhe trouxe.

— Por aqui.

A Forbes não abrandar o passo; passa o cartão num leitor ao lado de uma porta de madeira grossa e dá-me um empurrão suave, para me afastar da agitação que agora toma conta da secretária de detenções.

Questiono-me se me trouxe por aqui propositadamente, para me intimidar. Se o fez, está a resultar. Quando ela abre a porta de uma sala cuja placa de identificação indica «Sala de Interrogatório 1», sinto as pernas a tremer.

— Sente-se.

Aponta para a cadeira que está ao lado da mesa.

A superfície de madeira picada está pegajosa e riscada, brilhante sob a luz austera da sala. Mantenho as mãos cruzadas sobre o colo.

— Tem algum advogado que queira chamar, ou prefere que lhe seja atribuído um?

Penso no Sr. Franchester, o advogado do meu pai que o ajudou a atualizar o testamento há dois anos.

— Não, não tenho advogado.

— Então, vamos nomear um advogado do Estado para a representar. Quer ligar a alguém para avisar que está aqui?

Abano a cabeça.

— Não.

Para meu desânimo, a Forbes sai da sala e fecha a porta atrás de si.

Fico aqui a olhar para a parede em frente e a questionar-me como diabo irei sobreviver a isto.

LISA

Está a chover; é uma chuva leve e persistente, que me ensopa lentamente as calças de ganga quando chego aos portões do lado norte do parque.

Paro no passeio e puxo o capuz do meu casaco impermeável sobre a cabeça; a seguir, enfio as mãos nos bolsos.

Sinto-me perdida, ando à deriva por entre uma imensidão de decisões que não consigo tomar sozinha. Sempre decidimos tudo juntos. Aonde ir, o que fazer, com quem socializar.

A paralisia apanha-me. Fico aqui parada, enregelada, enquanto os carros passam por mim, os faróis a procurar o caminho por entre a chuva, que se torna rapidamente torrencial. As luzes dos travões brilham à medida que os condutores se apercebem do erro que cometeram ao seguir o carro da frente perto de mais. O barulho e a agitação da cidade em movimento espalham-se à minha volta.

Quero vê-la. Quero ir novamente à *escape room*, mas estou com medo.

Amaldiçoo a minha própria estupidez por não ter trazido analgésicos comigo, para o caso de precisar. A minha recuperação está a progredir bem e esqueço-me daquilo por que o meu corpo já passou, tamanho é o alívio que sinto por me ter esquivado da morte.

Não obstante os melhores esforços do cirurgião, afinal não sou super-humana.

Perco o autocarro por poucos segundos e semicerro os olhos por entre a neblina que se levanta do passeio e da estrada. Não fica longe, não muito.

Não sou capaz de lá chegar, mas tenho de saber.

Faço uma careta quando uma nova pontada de fogo puro me trespassa o abdómen e desejo com todas as minhas forças que não tenha feito estragos. Tenho os músculos do estômago meio torcidos desde que andei a arrastar as caixas na garagem dos meus pais, e isto recorda-me de que tenho de ir com calma; preciso de tempo para recuperar.

O problema é que posso não ter tempo.

Um carro avança pela estrada abaixo na minha direção: a luz que tem no tejadilho é uma visão bem-vinda.

Levanto a mão quando ele se aproxima e olho para o pisca cor de laranja enquanto o carro encosta junto ao passeio. Está coberto com os símbolos de uma empresa local de táxis, uma extravagância que normalmente evito.

Porém, esta situação é tudo menos normal.

A normalidade fez as malas e migrou para as montanhas há quase duas semanas.

Abro rapidamente a porta traseira e deixo-me cair no banco atrás do lugar do passageiro.

— Para a *escape room* A-Maze.

— É para já, querida. Que tempo terrível para se andar na rua.

Pelo menos isto evita que tenha de me explicar ao motorista do táxi. A *escape room* fica só a cinco minutos de carro daqui e, noutro dia qualquer, se a minha saúde o permitisse, teria ido a pé.

Mas hoje não.

Olho pela janela, para os vultos que andam para a frente e para trás no passeio, à medida que tentam entrar algures, regressar aos escritórios, voltar ao trabalho, antes de se molharem demasiado.

Uma mulher debate-se com um guarda-chuva frágil que se virou do avesso e, a seguir, desiste e enfia-o no caixote do lixo ao lado da paragem do autocarro, levanta a mala por cima da cabeça e começa a correr. Os seus tacões salpicam nas poças e nos remoinhos que correm em direção aos bueiros, que borbulham em surpresa com o dilúvio.

Felizmente, o motorista do táxi vai em silêncio, excetuando o tamborilar dos dedos no volante, enquanto se ouve uma música na rádio; um piscar de olhos às memórias dos meus tempos de adolescente.

Mantenho o rosto passivo enquanto murmuro a letra da canção entre dentes.

O motorista endireita o espelho retrovisor depois de arrancarmos e penso que não deve estar bem virado para o camião que vem atrás de nós.

Questiono-me se ele terá visto a minha fotografia no jornal. Talvez a tenha visto *online*, mas neste momento nem sei o que está a acontecer nas redes sociais.

Não as frequento.

Mesmo quando no outro dia me aventurei a ir ver as minhas publicações, só recuei até há sete anos, não mais do que isso, não fosse alguém reparar. Porque, se uma pessoa reparasse, mais alguém repararia e a minha presença na página haveria de se espalhar como as ondas sobre a água.

Água.

Enrugo os olhos quando me ocorre no pensamento uma imagem do lago.

— Estamos quase a chegar.

A voz do motorista traz-me de volta ao presente e fito o espaço entre os bancos da frente com os olhos arregalados, agarrando o apoio de cabeça do banco do passageiro com tanta força, que os nós dos dedos ficam brancos.

Será isto o mais acertado?

Será que devo fazer isto?

O táxi abranda e para, e apercebo-me de que chegámos; o motorista estica o pescoço ao longo da fila de carros à nossa esquerda para tentar encontrar um lugar onde possa parar para receber o pagamento.

Pagamento.

Remexo na carteira e olho de relance para o taxímetro no painel de instrumentos. Quero usar dinheiro, não o cartão. Quero...

O quê?

Ocultar os meus passos.

Não quero deixar rasto.

Quero permanecer anónima.

Em relação a isto e a tudo o resto.

Entrego uma nota de dez libras ao motorista, digo-lhe para arredondar para oito e guardo o troco na mala antes de sair do carro.

Bato com a porta e apresso-me até à entrada de uma livraria que vende livros em segunda mão. Neste momento, segundo a placa na porta, está fechada, e por mim tudo bem.

Preciso de um instante para parar e pensar.

O táxi regressa ao trânsito, salpicando a água de uma poça com óleo e desaparecendo. O passeio aqui está deserto. Estou longe das lojas mais populares, das multidões.

Estou sozinha. Espreito para o céu e enrugo o nariz enquanto tento avaliar se a chuva é agora mais leve; depois, tomo uma decisão.

Tenho de ir lá ver.

Deixo o abrigo da entrada da livraria e viro à esquerda.

Não havia lugares para parar mais ao fundo da rua, por isso o táxi deixou-me mais ou menos a cem metros da *escape room*.

À medida que me vou aproximando, mantenho os olhos fixos no chão, para ver onde ponho os pés. O chão de betão está rachado e partido, escorregadio com a sujidade e o óleo que se misturaram com a chuva.

Não quero tropeçar e cair.

Do outro lado da estrada, o Ragamuffin Bar está tranquilo, mas o exterior georgiano encontra-se iluminado com focos que procuram atrair a clientela para que entre e se descontraia. Não há clientes sentados nas mesas à janela.

Franzo o sobrolho e tento agarrar uma memória que se agita no fundo da minha mente, mas, antes de ter tempo para a capturar com o pensamento, ela foge-me.

Quando volto a atenção para este lado da estrada, paro.

Há tábuas de madeira por cima da porta da *escape room* A-Maze. Duas tábuas grossas, cada uma com a espessura da minha mão, foram pregadas na diagonal por cima da porta da entrada.

No ponto em que as duas tábuas se cruzam, está um aviso dentro de uma mica.

Aproximo-me, confusa, até conseguir ler as palavras. Percebo então que não irei conseguir encontrar as respostas que procuro.

«fechado até indicação em contrário.»

Já se passaram quase vinte horas desde que vi a detetive Angela Forbes, por isso, quando ela abre a porta da sala de interrogatórios onde estou e a segura para o meu advogado entrar, fico surpreendida com o alívio que me invade.

Um alívio que é rapidamente substituído por desconfiança.

Onde é que ela esteve durante este tempo?

Com quem falou?

O que sabe?

Ela espera até o meu advogado, Bernard Lamont, se sentar ao meu lado. O som da cadeira a arrastar-se no chão arrepiava-me até aos dentes. Depois disto, a Forbes assente com a cabeça para o colega mais novo.

Aguarda que ele prima o botão de «gravar» na máquina que está ao nosso lado e, depois, passa a descrever as formalidades. Aparentemente, o nome dele é Tom Darke.

A Forbes abre uma pasta de cartão que está à sua frente na mesa e empurra uma página na direção de Lamont.

— Esta é a autorização formal que pediu ao hospital. Segundo a equipa médica que acompanhou a sua cliente, ela está em condições de ser interrogada, por isso vamos recomeçar. De acordo?

Não espera que ele responda. Em vez disso, vira-se para mim com os dentes arreganhados num sorriso de crocodilo.

— Retomando a nossa conversa da última vez, Rebecca: o que fez depois de ter sido interrogada aqui?

Já falei com o Lamont quando a Forbes não estava. Disse-lhe o que estou prestes a repetir-lhe a ela. Falei-lhe das minhas suspeitas

também, mas ele levantou a mão.

— Pode não ser preciso ir por aí — diz-me ele.

Entrelaço agora as mãos sobre a mesa à minha frente. Mais uma sugestão do Lamont. Aparentemente, sou demasiado expressiva.

— Fui visitar a Lisa — afirmo. — Não a via desde a operação, porque estive sempre aqui, a falar consigo.

Mantenho o contacto visual com ela, determinada a fazê-la entender que estou a dizer a verdade.

— Esteve com ela durante quanto tempo?

— Cerca de meia hora. A mãe dela deixou-me entrar quando se preparava para ir às compras com uma amiga, e saí quando regressou a casa. Por isso, sim, estive com ela durante cerca de trinta minutos.

A Forbes inclinou-se para a frente.

— E falaram de quê?

— Não falámos muito. Como é óbvio, estava preocupada com a saúde dela e quis saber como tinha corrido a cirurgia. A Lisa estava aborrecida por não a ter visitado no hospital, mas, quando lhe expliquei o motivo pelo qual não pude lá ir, ela acalmou-se.

— Estava zangada?

Abano a cabeça.

— Estava frustrada, mais nada.

— E depois de se ir embora? Foi para onde?

— Fui para a minha casa.

— Foi diretamente para casa?

— Sim, claro que fui. Precisava de tomar um duche e de descansar. Você manteve-me aqui durante quase vinte e quatro horas.

A Forbes recosta-se na cadeira e levanta o sobrolho para o colega.

— Não foi tomar banho nem mudar de roupa antes de ir visitar a Lisa?

— A casa dela fica a caminho da minha, quis só certificar-me de que ela estava bem.

— Quer dizer que queria descobrir de que é que ela se lembrava ou não?

Engulo em seco. Não vou responder a isto.

— Detetive, se tem alguma pergunta específica que queira colocar à minha cliente, então faça-o — diz o Lamont. — Mas, por favor, não faça estas declarações estapafúrdias.

A Forbes olha com desdém para o meu advogado e, a seguir, vira-se novamente para mim.

— O que fez quando chegou a casa?

— Já lhe disse.

— Diga-me outra vez.

Expiro e deixo sair alguma da tensão que tenho estado a conter.

— Quando abri a porta das traseiras...

— A porta das traseiras?

— Não queria que a minha vizinha me visse, está bem? Não queria que me fizesse perguntas nem que andasse a espalhar rumores pela vizinhança. Ela é coscuvilheira.

— Essa vizinha será a... Sra. Dawson? — pergunta a Forbes, verificando os apontamentos.

— Sim.

— Continue.

— Então, fui pela viela ao fundo dos jardins e entrei por aí. Como disse, a minha cozinha estava a cheirar muito mal, eu precisava de despejar os caixotes do lixo. Por isso, limpei tudo e, depois, tentei ver um pouco de televisão antes de ir dormir. Não consegui adormecer e desci para jogar alguns jogos no telemóvel. Quando dei por ela, era quase de manhã. Ainda estava um pouco zozza; acho que bebi demasiado durante a noite, e resolvi tomar um banho de imersão.

— E levou a faca da cozinha consigo?

Baixo o olhar para a mesa e passo o polegar por cima de um corte no tampo.

Levei?

— Não me lembro.

— Conte-me aquilo de que se lembra.

— Enchi a banheira e, enquanto o estava a fazer, achei que era boa ideia ouvir também um pouco de música. Para me acalmar.

— Trancou a porta das traseiras?

— Como?

Ela pousa os braços em cima da mesa e debruça-se na minha direção.

— Antes de subir, trancou a porta das traseiras?

Franzo o sobrolho.

— Sim. Sim, tranquei. Faço-o sempre que sei que vou ficar algum tempo lá em cima.

— Muito bem. Então, tem a água a correr e a música a tocar. O que aconteceu a seguir?

— Acho que... que entrei na banheira.

— Que música estava a ouvir?

— Uma lista de músicas ao acaso. Uma de canções favoritas ou algo do género.

— A água ficou fria?

— Eu...

Não me lembro.

Não me lembro se a água ficou fria. Lembro-me de encher a banheira até cima e de agitar a água para fazer mais espuma sem ter de ir buscar mais sais de banho, lembro-me do aroma dos frutos vermelhos a encher a casa de banho enquanto o espelho se embaciava.

— Quanto tempo estive no banho antes de decidir cortar os pulsos?

A Forbes não esperou que respondesse à pergunta anterior, por isso esta questão surpreende-me.

Não estou pronta para responder, não estou preparada. Fecho os olhos e tento concentrar-me.

Não me lembro de decidir que ia acabar com tudo.

Aquilo de que me lembro é que jurei nunca mais beber Pinot Noir, lembro-me de subir para preparar o banho para poder descontraír e

pensar nas minhas opções.

Lembro-me da sensação da brisa no meu pescoço quando estava deitada na banheira e de me questionar se tinha deixado uma janela aberta algures.

Porque tenho a certeza, definitiva e absoluta, de que tranquei a porta das traseiras.

Abro os olhos subitamente.

Não tranquei?

LISA

Como é que chegámos a este ponto?

Já fomos tão próximos uns dos outros. Cúmplices como ladrões, era o que diziam de nós na universidade. Tínhamos sonhos, planos para o futuro.

As palavras da Bec magoaram-me, atingiram-me com violência. Agora quero falar novamente com ela, para descobrir por que motivo senti necessidade de me tratar assim.

Todos nós, os que restam, andam a rodear os outros como se fôssemos todos ímanes que se repelem. Aproximamo-nos, mas não o suficiente para podermos baixar a guarda.

Porque não?

Tento telefonar à Hayley, mas a chamada vai novamente para as mensagens. Porque é que ela me está a ignorar?

Será que também discutiu com a Bec?

Preciso de falar com ambas, e depressa. Os efeitos da anestesia geral abandonaram finalmente o meu sistema e o nevoeiro que me toldava o pensamento desde a operação já se levantou. Mas há mais qualquer coisa.

Há qualquer coisa que me está a bloquear as memórias daquela tarde na *escape room*.

Não deixo outra mensagem à Hayley. Se ela não quer falar comigo, não há muito que possa fazer até ela recuperar a lucidez.

Um movimento súbito no exterior da janela da frente chama-me a atenção e o meu ritmo cardíaco aumenta ligeiramente. Será que aquele jornalista já descobriu onde eu moro?

Estou sozinha, e não sei bem se consigo lidar com mais uma enxurrada de perguntas.

A campainha toca e inspiro antes de ir da sala de estar para o corredor. Se for o tal jornalista, vou dizer-lhe das boas. Vou...

O David está à espera na soleira, com o cabelo despenteado e o telemóvel na mão.

— Oh, és tu.

— Está tudo bem? — pergunta ele.

— Acho que sim.

— Os teus pais saíram?

— Sim.

— Foram fazer o quê desta vez? Deixa-me adivinhar... Mais uma incursão ao cinema, certo? Um drama de época?

— Ah-ah. Não, foram ver uma espécie de biografia de uma banda *rock*.

— Bem, bem, jamais adivinharia que eles gostavam disso. Posso entrar?

— Claro.

Desvio-me para o lado e fecho a porta atrás dele; o vidro fosco estremece com o impacto.

— Pareces tensa. — Ele está a franzir o sobrolho, com a cabeça inclinada para o lado. — Está tudo bem?

Envolvo o corpo com os meus próprios braços.

— Pensei que pudesses ser aquele jornalista. O que estava no hospital.

— Ele tem andado a incomodar-te desde esse dia?

— Não. — Forço um sorriso. — Estou só a ser paranoica. Já foste ver a Bec?

Ele franze o sobrolho novamente.

— Não. Aparentemente, falhei a hora da visita. não sabia que já estavam a deixar entrar pessoas.

— Sim, mas só começaram ontem. Eu fui ao hospital fazer mais umas análises e encontrei os pais dela por acaso. Foram eles que me disseram que os médicos estavam satisfeitos com a recuperação dela e que já podia lá ir.

— Porque é que a Bec não me ligou?

Levanto as mãos para o acalmar.

— Oh, não deve ser por nada. Imagino que ainda se sinta exausta com isto tudo.

— Os pais dela podiam ter ligado. Afinal, fui eu quem lhe salvou a vida.

— Pois, não sei. Eu tenho estado a tentar ligar à Hayley e à Bec e nenhuma delas me atende. Vou continuar a tentar. De certeza que uma delas acabará por atender.

O David está a andar de um lado para o outro na alcatifa, com os olhos baixos e a observar o padrão com fios dourados no tapete castanho-avermelhado. Parece estar exaltado, zangado.

— Querias falar comigo sobre alguma coisa? É que ia fazer alguns telefonemas para saber se posso começar a marcar visitas a casas mais para o fim da semana.

Minto com quantos dentes tenho na boca, mas o comportamento dele está a deixar-me nervosa, embora não saiba bem porquê. Vou até à porta da frente e estendo a mão para a maçaneta.

Mas não consigo alcançá-la.

A mão dele sai disparada e dá uma palmada na minha para a afastar; grito, com o choque.

— O que...

— Não faças isso.

Ele empurra-me para o lado e fica de pé com os punhos cerrados ao lado do corpo, os olhos a brilharem para a sala de estar e novamente para mim.

É como se uma parte dele estivesse aqui e a outra não. Como se...

— O teu transplante. Devia salvar-te a vida.

Franzo o sobrolho.

— E salvou.

— Mas disseste-me que talvez só vivas durante mais dez anos.

— David, o que se passa?

— Tu devias viver. Durante muito tempo. — Esfrega as mãos no maxilar e, depois, murmura entre dentes e espreita pelo vidro fosco

da porta.

— O que disseste? — Dou um passo na sua direção e semicerro os olhos.

Ele olha subitamente para mim.

— Disse que isto muda tudo.

— Tudo o quê?

— O meu plano. O plano que tenho para nós.

— Nós? — Abafo uma gargalhada e sinto o calor a subir-me ao rosto. — David, a noção de *nós* não existe. Aonde é que foste buscar essa ideia?

Ele arreganha-me os dentes e eu dou um passo para o lado, levantando as mãos. Ele aproxima-se e eu gemo.

Os olhos castanhos do David são penetrantes e trespassam-me. Questiono-me como é que nunca reparei na maldade imensa que existe no fundo do seu olhar, antes de ser atingida por uma nova onda de entendimento.

— Tu mataste-o. Tu mataste o Simon, não mataste?

Ele abana a cabeça.

— Não, isso não é verdade. Não exatamente.

— Mas acabaste de o dizer. Tu... — Tropeço para trás e bato com o calcanhar no último degrau das escadas. Aterro de rabo no chão e esfolo as costas, mas estou dormiente, sinto o sangue a latejar nos ouvidos. Não consigo processar o que ele está a dizer. — Porquê?

Não reconheço a minha voz; é esganiçada, histérica, aterrorizada.

É minha.

Então, ele avança, demasiado depressa para que eu consiga reagir, e arrasta-me para o chão, monta-se sobre o meu corpo e olha para mim de cima.

Solto um grito de dor no momento em que a coxa dele me comprime a cicatriz, mas ele não reage a isso. Tento libertar-me, soltar os pulsos das mãos dele para lhe poder atacar a cara, mas não tenho força.

Vejo que os olhos dele estão mortos, o seu olhar enterra-se em mim e percebo que estou agora a lutar pela minha vida.

— Porquê? — pergunto, com a palavra a sair-me engasgada.

— Devias ter deixado as coisas como estavam, Lisa, sossegadas — diz ele, com uma voz inexpressiva. — Foi o que todos concordámos fazer.

DAVID

Num instante, estou de volta àquele lugar, de volta ao lago, de volta à universidade naquele primeiro inverno.

Deixo o Simon pensar que a ideia foi sua, claro. Uma sugestão aqui e acolá nos dias anteriores.

Digo que, apesar de ter uma constituição fraca, o Greg é mais forte, mais rápido. Que provavelmente lhe podia dar uma tarefa.

Que o Greg me disse que lhe podia dar.

Vou minando a cabeça dele, pouco a pouco, até que finalmente...

— Vamos fazer uma corrida.

Estávamos no bar do outro lado do parque, a debater o que fazer durante as férias intercalares. Sem ideias e entediados, ainda não estávamos prontos para dar a noite por encerrada, mas quase.

O Simon bateu com o copo vazio em cima da mesa de verniz estalado e arrotou. Olhou para cada um de nós à vez.

A Bec franziu o sobrolho.

— Uma corrida?

— Vocês não, como é óbvio. — O Simon apontou para o Greg e depois para mim. — Só os rapazes.

— Que tipo de corrida? — perguntou o Greg.

O sorriso que se formou nos cantos da boca do Simon não lhe chegou aos olhos.

— Uma corrida especial. — Empurrou o copo para longe do caminho e apoiou os braços sobre a mesa, sem reparar nas manchas de condensação que lhe apareciam na camisola cinzenta-clara. — Damos duas voltas ao lago a nadar. Hoje à noite. Aposto que não és capaz.

A Bec contorceu-se na cadeira e olhou pela janela. Um autocarro passou lá fora, com os faróis a iluminarem a neve suave que começara a cair quando entrámos no bar, há algumas horas.

— Vão morrer congelados — disse ela.

— Se estivermos sempre em movimento, não — retorqui.

O Simon estendeu o braço e abanou-me o ombro.

— Estás a ver? Até tu te sentes tentado.

Sorri.

— Porque te vou ganhar.

— Oh, conversa desafiadora.

Os outros riram-se, mas reparei que o Greg não se juntou à diversão.

— O que achas, Fisher? — perguntou o Simon. — Acreditas que me consegues ganhar?

— Eu acredito que sim — disse a Lisa. Encostou-se a ele e deu-lhe uma cotovelada meiga.

O Greg sorriu e piscou-lhe o olho.

Cerrei os punhos por baixo da mesa, longe da vista de todos, enquanto me obrigava a descontrair os maxilares.

— Vocês são doidos — atirou a Bec, estremecendo. — Olhem só o tempo que está lá fora.

— Eu também entro — disse a Hayley.

— É só para os rapazes — replicou o Simon.

— Estás com medo de que te ganhe também? — perguntou ela, com o queixo empinado.

Estava bêbada e não tinha noção de que estava a falar tão alto.

— Se quiseres podes entrar — disse eu, numa tentativa de a amansar.

— Maravilhoso — comentou a Hayley. Virou o copo de *vodka* tónica em cima da mesa formando oitos, deixando um rasto de condensação. — Mas temos de ser cuidadosos. Se formos apanhados, a universidade é bem capaz de nos expulsar a todos. Eles têm regras em relação a estas coisas.

— Então não convidamos mais ninguém — disse o Simon. Espreitou para lá do Greg, para o bar.

Um grupo de alunos da escola de gestão estava espalhado por duas mesas por baixo da televisão, com a atenção concentrada nos destaques de um jogo que os Ashes estavam a disputar em Adelaide, e ninguém estava a olhar para nós.

O resto dos clientes do bar eram habitantes locais, todos entretidos nas suas conversas.

O Simon virou-se novamente para nós.

— O sentido de oportunidade é perfeito; não vai haver ninguém a passear por lá, pois não?

— Porquê? — pergunta a Lisa.

— Porquê o quê? — A cabeça do Simon vira-se subitamente para ela.

— Porque é que queres fazer uma corrida de natação? Porquê agora?

O Simon apontou para o Greg.

— Porque acho que o consigo vencer. O David acha que não consigo. E temos de resolver esta questão de uma vez por todas. És um homem ou um menino, Fisher?

Nesse momento, vi a expressão de desafio no olhar do Greg.

Enrugou a testa, estendeu a mão, pegou no copo de Guinness e bebeu-o de uma golada.

— Devíamos beber um *shot* de *whisky* — disse ele, com a pronúncia de Glasgow exagerada pelo álcool. — O meu avô sempre disse que era o que se fazia para afastar o frio.

— Eu vou buscá-los — afirmou a Hayley.

Fiquei a olhar enquanto ela serpenteava por entre as mesas, com algumas cabeças a virarem-se à sua passagem. Questionei-me acerca do que é que os homens viam nela. A sua ansiedade por agradar resultaria a meu favor — o bom aspeto é sempre uma substituição pobre para a solidão; a vontade desesperada de se integrar no grupo era o seu pior inimigo.

Regressou cinco minutos depois com um tabuleiro com seis copos. Um líquido âmbar cobria o fundo de cada um deles.

A Bec levantou um sobrolho quando pegou no seu copo.

— Duplos?

A Hayley sorriu amplamente, enquanto deslizava o tabuleiro para uma mesa vazia ao lado da nossa.

— Achei que iríamos precisar.

Seis copos tilintaram juntos quando brindámos ao desafio do Simon.

Fechei os olhos e estremeci assim que, ao descer, o álcool me queimou a garganta, pensando em como era típico da Hayley comprar álcool barato.

Instantes depois, vestimos os casacos, envolvemos os cachecóis nos pescoços e saímos para a rua.

A entrada escura do parque elevava-se mesmo à nossa frente.

— Não se vão acobardar agora, pois não? — perguntou o Simon.

— Nem que a vaca tussa, seu passarinho do Sul — disse o Greg.

Todos nos rimos enquanto atravessámos a estrada a correr, com um carro a passar atrás de nós e a salpicar água.

Os flocos de neve espalhavam-se-me pelo rosto e nariz enquanto seguíamos pelo caminho curvo de terra e gravilha entre as árvores, afastando-nos mais da civilização e aproximando-nos das águas negras do lago.

Os juncos e as árvores conferiam ao local uma sensação de calma e tranquilidade nos meses mais quentes, mas agora, à medida que o caminho estreito se abria para o relvado e o separava em dois, o lago tinha um ar sinistro. Tinha apenas alguns metros de profundidade, mas saltar para a água àquela temperatura podia ser mortal.

A ilha no meio do lago parecia chamar por nós e, à medida que nos íamos aproximando, fomos abrandando o passo.

— Ui!

A Bec gritou quando tropeçou à beira da água, dando de seguida uma palmada no braço do Simon.

— Idiota! Eu podia ter caído lá para dentro.

Ele sorriu amplamente e, a seguir, puxou-a para um abraço ébrio.

— Eu ia salvar-te.

— Continuas a ser um idiota.

O Greg afastou-se e espreitou para a escuridão.

— Muito bem, como queres fazer isto?

O Simon apontou para o aglomerado de árvores à nossa direita.

— Aquele é o nosso ponto de partida. A terra ali vai descendo em direção à água, por isso será mais fácil entrar e sair.

Indicou o caminho, a murmurar entre dentes.

Eu fiquei para trás, com as mãos enterradas nos bolsos e a questionar-me se tinha resistência para o que estava prestes a acontecer.

Tinha de ter.

Não havia outra forma.

Quando cheguei à praia de que o Simon falara, estava alguns passos atrás dos outros e já ia a transpirar.

Afastei o cachecol do pescoço e abri o fecho da camisola, deixando que o ar frio levasse o calor.

O Greg e o Simon estavam à beira do lago, com a água a bater-lhes nas botas, enquanto a Hayley pairava um pouco à sua direita.

— O que achas? — perguntou o Simon, quando me juntei a eles.

— Duas voltas ao lago; vamos até à zona profunda em volta da ilha, depois voltamos para aqui.

O Greg não disse nada. Deu um pontapé numa pedra e o *plop* suave que ela fez ao cair na água foi o único som que se ouviu ali.

— Isto é uma parvoíce. Não precisam de fazer isto.

Virei-me à voz da Lisa.

Ela estava de braços cruzados em volta do corpo, com a respiração a formar vapor no ar. O cabelo saía-lhe espetado por baixo do gorro de lã e, naquele momento, achei que ela era a criatura mais bonita que existia no mundo.

— Ela tem razão — disse a Bec.

A Bec estava aninhada ao lado da Lisa, por baixo das árvores, à espera de uma resposta.

— O que acham? — O Simon ainda estava a fitar o lago. — Nada-

mos ou desistimos?

Estremeci.

— Nadamos — disse a Hayley, a arrastar um pouco a palavra.

— Nadamos — reforçou o Greg, enquanto começava a descalçar as botas.

Depois disto, não perdemos tempo. Enquanto nos despíamos até ficarmos só de *boxers* e a Hayley tirava camadas e camadas de roupa para revelar um conjunto de sutiã e cuecas pretas, as condições perigosas da água tornavam-se cada vez mais evidentes. Uma rajada gelada de vento soprou sobre a superfície do lago e fustigou-nos a pele gelada.

Todos praguejámos — eram asneiras ditas pelo choque, não pelo medo.

Pelo menos no meu caso.

O Greg e o Simon pareciam estar pedrados com a adrenalina, a rir e a brincar enquanto saltitavam na água à minha espera.

A Hayley estava a ser a Hayley — sempre desesperada por fazer parte, por ser aceite.

— Oh, porra, David, despacha-te, caraças — disse o Simon.

Até que estávamos todos prontos. Alinhámo-nos na margem do lago e o Greg olhou por cima do ombro para onde estava a Lisa.

— Faz a contagem decrescente, fofa.

— Vocês são todos malucos. — Ela suspirou, mas aproximou-se de nós na beira do lago. — Três, dois, um...

Corri para a água rasa, com os pés descalços a enterrarem-se nos sedimentos e nas pedras. A lama passava entre os dedos dos pés.

— Merda.

A Hayley gritou quando a água gelada lhe bateu na pele, mas continuou a correr.

Caímos na água mais profunda, amaldiçoando as pedras aguçadas e o que quer que existia ali que tentava atrasar o nosso progresso, até que a sensação de flutuação pegou em mim e comecei a nadar, mantendo a concentração no candeeiro de rua que ondulava por entre as árvores.

Nadámos lado a lado; o Simon na ponta esquerda, o Greg e a Hayley no meio e eu no lado direito.

Lembrei-me do meu próprio conselho — *Continua a mexer-te. não deixes que o teu corpo se aperceba do frio.* Ainda faltava uma boa distância.

Faltava mesmo. Nunca me tinha apercebido do perímetro do lago quando por ali passei de bicicleta nos meses anteriores, mas, agora que estava a nadar naquelas águas profundas e geladas, a minha insignificância começou a comprimir-me o peito.

Arrisquei olhar para a esquerda.

A Hayley ia avançando pela água, atrás do Simon.

As braçadas do Greg eram metódicas, determinadas, mas ele não tinha a mesma velocidade dos outros dois.

E por mim tudo bem.

Enquanto a Hayley e o Simon iam avançando, atravessei o lago para alcançar o mesmo ritmo do Greg, mas dando-lhe um ligeiro avanço.

Demos a primeira volta ao lago e olhei para a margem, onde a Lisa e a Bec estavam a olhar para nós com os rostos pálidos.

Concentrei a minha atenção no nosso progresso quando voltámos para trás e começámos a contornar mais uma vez a ilha.

— Foda-se.

Pestanejei. O Simon estava a avançar com facilidade e a assumir a liderança.

Ao meu lado, o Greg voltou a praguejar e abrandou.

— O que foi? — arquejei.

— Cãibra.

Perfeito.

Eu sabia que ele não ia ao ginásio como eu e o Simon e também tinha noção de que as minhas aulas clandestinas de natação me iriam trazer alguma vantagem.

— O que se passa? — A Hayley parou e ficou a boiar enquanto espreitava para trás por entre a escuridão. — O que foi?

— Continua — incitei-a. — Ele está só com uma cãibra. Nós já vos apanhamos, não deixes o Simon ganhar.

Ela levantou a mão em resposta e foi atrás dele, com os braços a rasgar a água.

Os salpicos dos seus progressos deixaram de se ouvir quando chegaram à última volta do nosso circuito improvisado e eu e o Greg ficámos nas sombras.

Sozinhos.

Ele gemeu por entre os dentes e depois parou, a boiar.

— Continua a mexer-te — disse-lhe. — Está demasiado frio para pararmos.

— Não consigo. — A silhueta do corpo dele ondulava à minha frente enquanto eu o contornava com braçadas lentas, que me permitiam manter os músculos quentes, de forma a não ter cãibras também.

Nesse sítio, o lago só tinha três metros de profundidade, mas, com aquelas temperaturas, isso não importava. Se ele parasse de nadar, teria problemas sérios.

O Greg gritou um segundo antes de a boca e o nariz submergirem e, depois, voltou à superfície, a cuspir água.

Eu continuei calmo, a observar, à espera de que os movimentos dele o virassem de costas para mim.

Depois, nadei na sua direção, pousei as mãos nos ombros dele e empurrei-o para baixo.

Ele debateu-se, os ossos e tendões esforçaram-se contra as minhas mãos. As bolhas de ar subiram à superfície, num sinal claro de que estava a ganhar, de que em breve o corpo dele havia de ficar inerte e desistir de lutar.

Morre.

Disse a palavra entre dentes quando ele deixou de se debater.

Mas não o larguei. contei até vinte e depois virei-me e nadei com força em direção à praia junto das árvores; nadei com braçadas fortes, que me deixaram a arquejar, excitado.

Mais à frente, estavam quatro vultos a saltar para cima e para baixo, com os gritos de entusiasmo a atravessarem a água à medida que me incentivavam.

Sorri quando saí do lago.

Porque, apesar de o Simon ter chegado primeiro, eu sabia que tinha sido eu o vencedor desta corrida.

LISA

O David abana ligeiramente a cabeça e volta a focar o olhar em mim, com os lábios enroscados numa expressão de desdém.

As mãos dele largam-me os punhos e envolvem-me o pescoço, começando a apertá-lo.

Contorço-me por baixo do peso dele, tentando ignorar a dor que me dilacera o tronco e o estômago. Entalo os dedos por baixo dos dele, desesperada por encontrar uma forma de tirar as mãos do meu pescoço.

Ele está a esmagar-me a traqueia e não consigo respirar. Não consigo levar uma única golfada de ar aos meus pulmões em desespero.

Um terror renovado trespassa-me quando me apercebo de que estou prestes a desmaiar.

E, se desmaiar, morro.

Cerro os dentes e, de seguida, dou-lhe bofetadas com as mãos abertas, empurrando a parte dura da palma da mão contra o nariz dele, contra as orelhas, contra os lábios. Qualquer parte suave onde possa fazer estragos.

O sangue explode no nariz dele, cai-me em cima do rosto, e fecho os olhos.

O peso do corpo dele muda e as mãos afrouxam por instantes.

Abro os olhos.

O David está a arquejar, arqueia as costas e inclina a cabeça para trás, para que eu não consiga bater-lhe novamente na cara.

Sorri por entre o sangue que lhe escorre do nariz e tem nos olhos uma expressão grotesca, maníaca.

Depois, volta a enroscar a mão à volta da minha garganta.

— Vá lá — diz ele. — Luta. Não vais ganhar.

De repente, vira a cabeça, no momento em que alguém começa a tocar à campainha.

— Diz-lhes que se vão embora, Lisa.

— Socorro!

A bofetada com as costas da mão vem não sei de onde, o som ecoa na parede ao meu lado e a dor dos nós dos dedos dele contra a minha face é excruciante.

Estou a enfraquecer, a perder a consciência e começo a questionar-me se não terei imaginado a outra voz.

A seguir, através do rugido do meu próprio coração a ecoar-me nos ouvidos, ouço alguém a bater à porta e uma voz familiar chama-me pela ranhura da caixa do correio.

— Lisa?

As batidas na porta tornam-se mais sonoras, intercaladas com ordens gritadas, mas o David parece nem reparar nisso.

Está hipnotizado, a emaranhar as mãos no meu cabelo antes de aproximar o rosto do meu.

Os meus lábios estremecem enquanto uma lágrima solitária me cai pelo rosto.

Ele acaricia-me a cara, passa-me as mãos pelo peito, os dedos delineiam os ossos por baixo da pele fina. A seguir, hesita, e paira por cima do meu abdómen dorido.

— Eu quis-te tanto. Tudo o que fiz foi por ti, Lisa.

Ouço um ruído súbito e dilacerante e grito de alívio.

O David é arrastado de cima de mim, gritando enquanto o prendem.

Solto um gemido trémulo e ofegante quando tento sentar-me, mas uma mão segura-me no ombro e uma voz calma trespassa a sensação de pânico.

— Está tudo bem, Lisa. Respire fundo. Sente-se um bocadinho.

Faço o que me mandam e fico a olhar enquanto dois polícias de uniforme levantam o David até ficar de pé. Não mostram muita gentileza.

Ele olha para mim com desprezo, como se estivesse prestes a cuspir-me em cima ou algo do género, mas os polícias viram-no e levam-no para a rua, para lá da porta partida. Consigo ouvir os estalidos do rádio e um dos polícias a falar para ele em voz baixa, a dizer que tudo o que ele disser pode ser usado como prova.

Prova?

Baixo o olhar para o meu abdómen e levanto a camisola. Os pontos que ainda tenho estão bem, mas as nódoas negras pioraram. Gemo quando baixo o *top* e os dedos roçam na cicatriz.

— Pronto. Vamos levantar.

Viro-me e olho para cima. Não consigo evitar um súbito arquejo enquanto me questiono acerca do motivo pelo qual não reconheci a voz.

É a detetive Angela Forbes, que parece estar verdadeiramente preocupada comigo.

Não digo nada, mas aceito a mão que me estende e levanto-me; depois, debruço-me e apoio as mãos nos joelhos, porque a casa começa a andar à roda.

— Vamos com calma — diz ela.

— Não tenho grande alternativa — digo, enquanto pestanejo e tento concentrar-me. — Como é que sabia? Porque veio aqui?

Perante a ausência de resposta, endireito-me para olhar para a cara dela.

Ela comprime os lábios e pronuncia as palavras que me gelam até à medula.

— Lisa Ashton, tem o direito de ficar em silêncio...

LISA

Endireito os ombros quando a Forbes entra no quarto, mas fico surpreendida por ver o homem atrás dela.

Mortlock, o detetive que veio a casa dos meus pais no fim de semana passado, está sentado em frente ao advogado que me foi atribuído.

A Forbes arrasta a cadeira em frente à minha, pouisa uma pasta de cartão na mesa entre nós e, a seguir, gesticula para o seu superior.

Ele estende o braço, liga o gravador ao fundo da mesa e recita as formalidades com uma voz clara e firme.

Ao pé destas pessoas de fato e camisas formais, sinto-me uma maltrapilha, com a minha camisola enrugada e de calças de ganga. Quem me dera ter tido oportunidade de vestir roupas limpas, de pôr um pouco de maquilhagem, ou pelo menos de ter penteado o cabelo. Agora percebo por que motivo é que a Hayley anda sempre tão bem vestida.

É a sua armadura.

Enquanto me questiono porque estou aqui, engulo em seco e tento ignorar o nó que tenho na garganta.

Se fui eu quem foi atacada, porque é que estou a ser tratada como suspeita? Eles não têm regras para vítimas de agressão? Não devia estar noutro sítio qualquer, a ser observada?

— Está a sentir-se bem, Lisa?

Por instantes, fico surpreendida com a pergunta inicial da Forbes. Balbucio antes de pigarrear e tentar falar novamente.

— Estou.

Porque estou mesmo, percebo então. Eles prenderam o David, não prenderam? Ele agora já não me pode fazer mal.

— Como é que sabiam?

A pergunta sai-me da boca antes de eu conseguir impedi-lo e a Forbes levanta a mão.

— Já lá vamos. Quando é que soube pela primeira vez que Rebecca Wallis se tentou suicidar?

— Depois de a ambulância ter saído da casa dela. O David mandou-me uma mensagem de texto.

— Consegue confirmar se foi esta a mensagem que recebeu?

Ela faz deslizar uma folha de papel e leio a transcrição, que deve ter sido tirada do meu telemóvel ou do do David.

Suspiro e obrigo-me a concentrar. Não faço a menor ideia do que é que isto tem que ver com o facto de ele me ter atacado, mas, se a Forbes quer arrastar isto para impressionar o chefe, que seja.

— Sim, foi essa mesmo.

— O que aconteceu a seguir?

— Eu queria ir ao hospital, estar lá para apoiar a Bec. Mas neste momento não posso conduzir, por causa do transplante que fiz, por isso a minha mãe levou-me.

— O que aconteceu quando lá chegou?

— A Hayley e o David já estavam lá à espera. E ela disse que a Bec tinha tentado suicidar-se. Disse que havia sangue por todo o lado.

— Ela tinha estado dentro da casa dela?

— Não, acho que não.

— Então como é que sabia que havia sangue por todo o lado?

— Não sei. Presumo que tenha sido o David quem lhe disse.

— Quem mais estava no hospital?

Cruzo os braços sobre o peito.

— Aquele maldito jornalista. O que escreveu a história sobre como a Bec presumivelmente terá matado o Simon.

— O que é que ele disse?

— Não me lembro. Mas perguntou-me qualquer coisa sobre como me sentia por ela se ter tentado suicidar. O David...

Detenho-me no meio da recordação. O David veio em meu auxílio. Mandou o jornalista embora e agarrou-o pelos colarinhos, antes de o levar até à porta. Ele protegeu-me do jornalista.

Então por que razão me atacou agora?

— Lisa?

Levanto os olhos e vejo a Forbes e o chefe a olharem para mim.

— Sim?

— O que fez o David?

Conto-lhe.

— Eu nunca o vi assim. Ele nunca foi agressivo.

— Nunca desde que o conhece?

— Não.

— Faz alguma ideia do motivo pelo qual a Rebecca tentou suicidar-se?

— Presumi que tivesse sido por causa da história que o jornal publicou a seu respeito. E por vocês a terem detido para ser interrogada. Afinal, vocês fizeram com que parecesse que ela tinha mesmo matado o ex-namorado, não foi? Contaram a história à imprensa? Falaram com aquele jornalista e disseram-lhe o que achavam que ela tinha feito? A culpa de ela quase ter morrido é vossa, não é?

A minha voz está a aumentar de tom, mas não quero saber. Agora que me apercebi do que a Forbes deve ter feito, só porque não devia ter provas para acusar a Bec, estou furiosa.

O advogado, um senhor mais velho, estende o braço e pousa a mão sobre o meu antebraço. Olho de relance para ele e vejo-o a abanar a cabeça, com os seus olhos azuis penetrantes.

— Asseguro-lhe que não falámos com a imprensa — diz a Forbes. — Temos protocolos muito rígidos a respeito de quando e como devemos contactar com os meios de comunicação social, e nem eu nem nenhuma das pessoas que faz parte desta equipa de investigação contactou — olha para as suas notas — Scott Nash ou

Stella Barrett. No entanto, na última meia hora, interrogámos o Sr. Nash e ficámos a saber que ele recebeu, de facto, uma dica.

— De quem?

— David Marsh.

É como se me tivesse dado um murro no estômago. Arquejo tão profundamente, que fico sem ar e tenho de pousar a mão sobre a mesa para me segurar.

— Porquê?

— Tínhamos esperanças de que nos pudesse esclarecer acerca disso.

Nem consigo pensar como deve ser.

— Por que razão haveria o David de fazer uma coisa destas? Não faço ideia.

— Bem, então deixe-me partilhar consigo uma teoria — diz a Forbes. Mexe-se na cadeira e cruza as mãos em cima da pasta.

— Acreditamos que o David pensava que a Rebecca sabia de alguma coisa. Algo que o podia prejudicar. Sabendo do estado emocional frágil em que ela se encontrava depois de perder o dinheiro que emprestou ao ex-namorado, Simon Granger, da morte dele e de ter estado aqui detida para interrogatórios, o David decidiu desequilibrar os pratos da balança a seu favor. Deu a história ao jornalista sabendo que isso iria provavelmente prejudicar a Rebecca, assim toda a gente acreditaria que ela tinha de facto tentado acabar com a própria vida.

Sinto a garganta seca enquanto a ouço e as minhas entranhas contorcem-se quando interiorizo as suas palavras.

— A seguir — continua ela — , o David entra na casa dela, pois sabe onde está escondida a chave suplente da porta de trás, e ouve-a na banheira. Enquanto tira uma faca da cozinha, repara que a Rebecca esteve a ver fotografias antigas, dos vossos tempos de faculdade. O que significa para si o nome Greg Fisher?

Arquejo, mas não consigo falar, as palavras não me passam pelos lábios. Como é que ela sabe sobre o Greg? Será que a Bec lhe contou? Que a Hayley quebrou o silêncio?

A Forbes encolhe os ombros perante o meu silêncio e depois continua.

— Enquanto ela está a relaxar no banho e a ouvir música, o David entra na casa de banho e empurra-a para debaixo de água até ela parar de respirar. Depois, usa a faca da cozinha para lhe cortar os pulsos. Quando acaba, corre novamente para a rua, grita pela ajuda dos vizinhos e chama a ambulância. Quando esta chega, ele já tirou a Rebecca da banheira e está a fazer de conta que está a tentar reanimá-la.

— Mas ela sobreviveu.

— De acordo com os paramédicos, ela é uma mulher cheia de sorte — diz a Forbes. — Eles estavam a regressar à base e encontravam-se apenas a dois minutos de distância quando receberam a chamada. Ela esteve a segundos de morrer.

— Mas vão acusá-lo, não vão? — Viro-me para olhar para o advogado. — Têm de o acusar, não têm? Quero dizer, se ele me atacou e tentou matar a Bec...

Viro-me para a Forbes quando um pensamento se atravessa nas minhas palavras.

— Ele também matou o Simon? É por isso que estamos aqui?

Ela observa-me com um olhar firme, sem vacilar, e depois:

— Não é tão simples quanto isso, pois não, Lisa?

LISA

Ouvi os dentes do David a bater quando ele saiu da água.

A Hayley correu para ele com as suas roupas e ele usou o cachecol para limpar a maior parte da água antes de vestir a camisola.

Já tinha uma perna das calças vestida quando se virou para trás para o lago.

— Onde está o Greg?

O nosso entusiasmo parou de repente, e ficámos petrificados.

— Ele estava à tua frente, não estava? — O Simon calçou as botas, mas não as apertou. Foi até à beira da relva e espreitou para a escuridão.

— Parou de nadar do outro lado da ilha — disse a Hayley, com a testa franzida.

— Ele abrandou. Disse que estava com uma câibra — contou o David, enquanto andava de um lado para o outro, com a voz a aumentar de tom. — Fiquei com ele durante algum tempo, a boiar, mas depois disse-me que já estava bem e recomeçámos a nadar.

— Talvez tenha tido outra câibra — disse a Bec. Entrelaçou o braço no meu e manteve a voz animada. — Vá lá, Greg!

Eu nem conseguia engolir. A minha língua colou-se ao céu da boca e senti náuseas.

— Greg — lá consegui chamar. — Onde estás?

A Hayley começou a chorar levemente até o Simon se virar para ela e a mandar calar.

— Estou a tentar ouvir — disse ele.

Afastámo-nos, espalhando-nos ao longo da margem do lago, e tentei ver através da escuridão.

— Greg?

Ouvia o eco da minha voz através da água e fechei a boca.

Soava assustada.

— Talvez ele tenha chegado à ilha — disse a Bec, quando nos encontrámos novamente no mesmo sítio onde os rapazes e a Hayley entraram na água. — Talvez ele esteja lá.

— Greg! — O Simon pôs as mãos em redor da boca e chamou-o.
— Estás aí?

Dez minutos depois, ainda estávamos debaixo das árvores.

Mas nesta altura eu já estava a chorar.

— O que vamos fazer? — perguntou o David. — Acham que devíamos contar a alguém?

— E sermos expulsos da universidade logo a seguir a termos entrado? Não, obrigado. — O Simon estava à beira da água com os olhos arregalados. — Não podemos. Eu preciso de tirar o curso. Precisamos todos, não é?

O David debruçou-se para a frente, atou os atacadores das botas e, a seguir, endireitou-se para olhar para nós.

— Muito bem, o que temos de fazer é o seguinte: isto nunca aconteceu. Nunca mais vamos voltar a falar disto.

— O quê?

— Não podemos fazer isso!

Olhei para a Bec e para a Hayley, vi o choque nos olhos delas, e virei-me para o David.

— Não posso acreditar que disseste uma coisa dessas. Precisamos de fazer alguma coisa. — Peguei no telemóvel. — Porra, aqui não há rede.

— O bar ainda deve estar aberto — disse a Bec. — Podemos pedir ajuda lá e alguém há de chamar a polícia.

— Esperem. O David tem razão — interveio o Simon. — Se fizermos isso, estamos acabados. O Greg concordou com a corrida. A culpa não foi nossa. Se encontrarem o corpo, dizemos que discutimos com ele depois de sairmos do bar e que se afastou zangado. Não sabemos para onde é que ele foi.

— Temos de contar todos a mesma história, não importa as perguntas que nos façam — afirmou o David, assentindo com a cabeça. — O que aconteceu aqui foi um acidente. A culpa não foi nossa.

A Hayley cambaleou, com a mão a tapar a boca.

— Não nos podem culpar por isto, ou podem?

— Claro que podem — disse ele. — Como é que achas que isto vai parecer? Ele conhecia os perigos.

Fico de pé, atordoada, quando o Simon começa a afastar-se e, um por um, começamos a segui-lo, comigo e com o David em último lugar.

Ele pôs-me o braço por cima dos ombros e beijou-me o cimo da cabeça. Senti o cheiro do lago nele: uma doçura estagnada e podre. Afastei-me dele e levantei as mãos para o impedir de falar, e fez um ar carrancudo.

Abanou a cabeça e encolheu os ombros.

— Lamento, Lisa. Eu tentei ajudá-lo.

Nos dias e semanas que se seguiram, fechámo-nos em copas.

O choque transformou-se em culpa e a culpa num terror silencioso.

O terror de alguém poder vir a descobrir o que aconteceu. O terror de uma coisa tão estúpida se ter tornado uma tragédia.

O terror de que o corpo do Greg viesse à superfície.

Mas nunca veio.

Foi por isso que nunca nenhum de nós mudou de cidade. Não nos atrevemos a isso. Tínhamos de ter a certeza.

A cada poucas semanas, fazíamos turnos para vigiar o lago. Caminhávamos em redor do perímetro, espreitávamos para os juncos, rezávamos para que ele continuasse lá em baixo, perdido para sempre.

Depois de a polícia encher o parque com carros-patrolha e cães farejadores, depois de sustermos a respiração enquanto os mergulhadores procuravam nos três lagos do parque, depois de os pais dele terem feito um apelo sentido a partir da sua casa, em

Glasgow, para que o filho entrasse em contacto com eles, e depois de fazerem uma excecional viagem até ao Sul para visitarem a universidade e conhecerem os amigos do filho, o silêncio instalou-se.

O lago manteve o seu segredo. E o corpo do Greg nunca foi encontrado.

Uma vez por ano, na mesma data, reuníamo-nos por baixo das árvores e erguíamos um copo de *whisky* num brinde silencioso ao Greg, desejando que nunca mais voltássemos a ver a cara dele.

A não ser nos nossos pesadelos.

Isso nenhum de nós conseguia impedir.

LISA

Abano a cabeça e obrigo-me a concentrar no presente.

— O que tem isso que ver com...

Paro a meio da frase, de queixo caído, e viro-me para o advogado que está ao meu lado.

Ele não diz nada, limita-se a escrever qualquer coisa num bloco A4 que tem à sua frente, e pigarreia.

Viro-me para a Forbes, com os olhos arregalados.

— O que se passa?

— O David tentou matar a Rebecca porque teve medo de que ela voltasse a contactar-nos para nos contar a verdade — diz ela. — A verdade sobre o que aconteceu a Simon Granger. A verdade sobre o que aconteceu a Greg Fisher.

Ao lado dela, o Mortlock contorce-se na cadeira, mas não diz nada.

A Forbes empurra a cadeira e encaminha-se para a porta; abre-a e aceita um portátil que um detetive mais novo lhe entrega. Agradece com um assentir de cabeça e regressa à mesa. Abre o portátil e vira-o para mim.

A imagem está parada, a câmara aponta para uma mesa onde estão cinco pessoas a rir e a brincar entre si, sem saberem que estão a ser filmadas.

— Este vídeo foi captado por uma das câmaras de vigilância do Ragamuffin Bar, no dia em que o Simon morreu. Pode identificar as pessoas que estão na imagem, por favor?

Inclino-me para a frente e sinto uma pontada súbita de surpresa a rasgar-me as entranhas.

— Aquele é o Simon, a Bec, a Hayley, o David... e eu. Isto foi filmado quando?

— Ao meio dia e trinta e cinco. Antes de atravessarem a rua e entrarem na *escape room*, encontraram-se no bar para beber um copo. Recorda-se?

— Não.

— Tem a certeza?

Solto uma gargalhada nervosa.

— Acho que me lembraria de lá ter ido. Os preços são um absurdo.

Lembro-me então de que vi uma transação bancária daquele dia, mas não aparecia com o nome de um bar. Era qualquer coisa como Flatt and Adams. Seria a empresa dona do bar de que a Forbes está a falar?

Ela prime a tecla para reproduzir o filme.

— Isto é de uma câmara secundária que está no canto à esquerda da mesa onde vocês estavam. Observe com atenção.

Fico quieta com os olhos fixos no ecrã enquanto a imagem corre e, ao fim de dois minutos, levanto-os para olhar para ela.

— O que tem?

A Forbes volta atrás na gravação e contorna a mesa para se posicionar entre mim e o advogado. O Mortlock junta-se a nós, vencido pela curiosidade. Ele também ainda não viu estas imagens.

Quando a filmagem recomeça, a Forbes vai fazendo comentários.

— Repare, aqui está a sair da mesa; presumo que para ir à casa de banho.

Desapareço da imagem e, alguns segundos depois, a Forbes bate com o dedo no ecrã.

— Agora, quando o Simon também se ausenta da mesa para ir à casa de banho. Observe o David.

Observamos em silêncio.

Ele leva a mão ao bolso e tira um pacote de plástico minúsculo — mal se vê no vídeo, mas está lá.

— Repare como nem a Bec nem a Hayley parecem questionar o que ele está a fazer — diz a Forbes.

O David abre o pacote, tira qualquer coisa lá de dentro e segura a mão por cima do copo do Simon. Olha por cima do ombro. Depois, olha para cada uma delas à vez.

A Bec assente com a cabeça.

A Hayley também.

O David abre os dedos e, a seguir, pega no copo e mexe a bebida algumas vezes, voltando a pousá-lo na mesa.

Arquejo e o som ecoa na sala de interrogatórios, enquanto fico ali sentada, boquiaberta.

— Continue a ver — diz a Forbes.

A seguir, a Hayley leva a mão à mala e tira uma garrafa de água. O David repete a ação e devolve-lhe a garrafa. A Hayley enrosca a tampa, abana a garrafa, e de seguida volta a guardá-la na mala, quando o Simon regressa à mesa.

A Forbes estende o braço para parar a imagem. Deixa o portátil aberto, com a imagem do Simon parado junto ao banco do bar, e leva a mão à sua pasta de cartão para pegar noutro documento.

Verifica o conteúdo, enquanto o meu coração me ecoa nos ouvidos, e lê o nome da substância em voz alta.

— É conhecida como a droga de violação — diz ela — , porque desaparece do sistema algumas horas depois e não é fácil de identificar na autópsia. E também não é notória nas análises que se fazem para transplantes. No entanto, se for misturada com álcool e consumida numa quantidade substancial, pode matar. Provoca ataque cardíaco. Na semana passada, voltámos à *escape room* antes de os serviços municipais esvaziarem os caixotes do lixo e encontrámos a garrafa que continha vestígios da água que a Hayley e o David adulteraram.

O advogado baixa a cabeça e rabisca furiosamente no bloco de notas.

— Eu não matei o Simon — digo eu, com a voz trémula. — Jamais concordaria com uma coisa destas. Disse-o mesmo agora,

quem adulterou as bebidas foram a Hayley e o David.

— Oh, eu guardei a melhor parte para o fim — diz a Forbes. E carrega novamente na tecla para reproduzir o vídeo.

Naquele momento, volto a aparecer na imagem, vinda da mesma direção de onde veio o Simon. Sento-me na cadeira que está de costas para a câmara.

Não há som, mas vejo o Simon a apontar para a bebida que está à sua frente e a fazer um comentário — provavelmente por suspeitar de que os amigos lhe pregaram uma partida qualquer com a bebida —, e todos abanamos a cabeça, a rir.

Depois, estendo a mão e pego no *cocktail* dele. Bebo um enorme gole e bato com o copo em cima da mesa.

O Simon aceita a dica e bebe o resto da bebida, para gáudio do resto do pessoal.

— É por isso que não se lembra do que aconteceu — diz a Forbes. — Com os analgésicos todos que tomou, bastou aquele gole de bebida para a deixar afetada. O resto do *cocktail* foi o que matou o Simon. Foi você que o encorajou a beber.

— Mas eu não sabia! — Viro-me na cadeira para olhar para o advogado. — Viu o que aconteceu, eu nem sequer estava presente quando lhe adulteraram a bebida. Eu não sei o que lhe puseram. Devo ter pensado que era qualquer coisa inofensiva, só pela piada.

A Forbes ignora a minha explosão.

— Também interrogámos o proprietário da *escape room*. As luzes apagam-se naquela parte do jogo faz parte do guião. O único azar do Simon foi que a droga começou a fazer efeito naquele momento. Foi azar, porque a câmara que existe na sala não grava o ambiente noturno com precisão suficiente para o proprietário se aperceber de que alguma coisa não estava bem, antes de vocês começarem a bater na porta para os deixarem sair. — Ela fecha o portátil. — O que conseguiram encontrar foram imagens da Hayley a dar a garrafa de água ao Simon enquanto ainda estavam na primeira sala e dele a bebê-la. Claro que, em vez de o hidratar, só fez aumentar a quantidade de droga no seu corpo, matando-o.

Fico imobilizada na cadeira, com as mãos juntas e os nós dos dedos brancos.

— Acho que a Bec teve dúvidas depois de a interrogarmos — diz a Forbes. — E que ela ia voltar aqui para nos contar o que realmente aconteceu. Acho que a culpa em relação ao que aconteceu ao Simon estava a pesar-lhe e quem sabe se não estaria a pensar em cá voltar para nos contar acerca do Greg. Só que o David chegou a ela primeiro. Foi a casa dela para tentar perceber as suas intenções e, quando a encontrou na banheira, decidi que era uma oportunidade que não podia deixar passar. Tentou silenciá-la permanentemente.

— Mas ela sobreviveu.

— Como lhe disse há pouco, é uma mulher com sorte. Ele não teve intenção de a deixar sobreviver. No entanto, não a manteve debaixo de água durante tempo suficiente e, apesar dos seus melhores esforços, não lhe cortou nenhuma artéria principal. Foi por isso que os paramédicos conseguiram salvá-la e que pareceu apenas tratar-se de uma tentativa desesperada de acabar com a vida, em vez de aparentar ser a tentativa de assassinato que realmente foi, principalmente depois de ele ter dado a história sobre a detenção da Rebecca ao Scott Nash. Toda a gente iria presumir que ela tentara matar-se depois de a notícia sair. Inicialmente, quisemos interrogá-la no hospital, para saber de que é que ela se recordava acerca daquele dia. — A Forbes abana a cabeça, com um tom de incredulidade na voz. — A Rebecca decidiu contar-nos muito mais do que isso. Acho que uma segunda oportunidade para viver significou muito mais para ela do que para si.

Encolho-me com a crítica, mas não digo nada.

O Mortlock já está farto de aqui estar. Mexe-se na cadeira e, depois, ouço-o a inspirar antes de começar a dizer:

— Lisa Ashton, tem o direito de ficar em silêncio...

LISA

TRÊS MESES DEPOIS

As portas de aço estremecem ao fechar e, um instante depois, ouço o som da chave e do ferrolho a girarem na fechadura.

Enterro-me no colchão fino e olho para a parede em frente ao meu beliche à medida que os sons da prisão a ser fechada para a noite me rodeiam.

O pior disto tudo é a espera.

O Mortlock e a Forbes mandaram a polícia revistar novamente o lago assim que as minhas declarações confirmaram as da Bec e da Hayley.

Não consegui responder quando me perguntaram porque é que não dissemos nada a ninguém quando aquilo aconteceu.

Tentei racionalizar para mim mesma que estávamos em choque e aterrorizados, mas, à medida que as semanas foram passando, percebi que o medo não adveio do que a polícia podia fazer se descobrisse — mas sim do que o David ou o Simon fariam se contássemos o que tinha acontecido.

Naquela noite, quando o Greg desapareceu nas águas frias e negras do lago, tornei-me uma reclusa. Afastei a atenção dos homens durante anos porque sofria pelo Greg, porque queria falar com alguém sobre o que tinha acontecido.

Só que não o fiz, porque o David o proibiu, e depois começou a ser tarde de mais.

Passou-se demasiado tempo.

O nosso maior erro no meio disto tudo foi termos subestimado o David. À medida que o nosso grupo se foi contraindo e nos fomos

afastando de toda a gente ao longo dos anos de universidade, o David tornou-se o guardador dos nossos segredos.

Era impossível falar com o Simon — ele ficou taciturno, azedo e amargurado por ter apoiado o David e nunca nos permitiu admitir o que tinha acontecido há tantos anos. Sempre acreditou que a culpa era sua, por ter sido o primeiro a sugerir a corrida no lago.

Assim, sempre que sentíamos que a vida nos estava a tratar injustamente, o David tornou-se o nosso confidente. Ele era o mais discreto, não gostava de mexericos e tinha sempre um ombro amigo onde podíamos chorar quando as coisas corriam mal.

Todos confiávamos nele.

O problema é que ele foi armazenando as informações e esperando. Esperando até chegar o momento certo de pôr o seu plano em marcha.

Durante o julgamento da Hayley, o advogado dela informou o júri de que ela tinha sido chantageada pelo Simon, que ameaçou revelar os seus hábitos de roubo em lojas. Ela afirmou não ter alternativa. Contou tudo ao David, que, mais uma vez, guardou a informação e esperou até poder usar o medo dela em algo que pudesse aproveitar em sua vantagem.

Como um assassinato.

Quando ele soube que eu estava a morrer e que jamais me teria para si a não ser que o Simon me doasse um rim, o David procurou primeiro a ajuda da Hayley.

Achou que a necessidade amordaçada que ela tinha de se vingar do Simon faria dela um alvo fácil e pôs em prática um plano que andava a congeminar há anos.

Um plano que começou com a morte do Greg Fisher.

Acho que, quando a Forbes começou a investigar a morte do Simon e a interrogar-nos a todos, a Hayley passou também a questionar-se acerca do que teria realmente acontecido naquela noite no lago.

Por que motivo o David a tinha incitado a continuar a nadar e a deixá-lo sozinho com o Greg.

Os mergulhadores da polícia passaram um dia e uma noite a revistar os sedimentos espessos e os restos que se acumulavam no leito do lago, ainda com mais cuidado do que anteriormente. Enquanto esperava na minha cela pelas notícias e me questionava como podia ter sido a minha vida se o Greg não tivesse morrido, roí as unhas até ao sabugo.

A minha cabeça pregou-me partidas — e se ele não morreu? E se tiver simplesmente desaparecido? E se foi um acidente?

Foi a Forbes que veio à ala de detenção preventiva da prisão e se sentou à minha frente e do meu advogado para me dar a notícia.

Tinha sido encontrado um corpo, demasiado decomposto para se poder identificar através de qualquer outra coisa além dos registos dentários; foi encontrado preso num velho poste de ferro forjado, no fundo do lago onde outrora existiu um poço de gravilha.

Os pais foram informados pela Polícia da Escócia e celebrou-se uma cerimónia fúnebre em Glasgow. Eles nunca saíram da casa onde viviam, com medo de que um dia o filho regressasse e não soubesse onde eles estavam.

Nessa noite, adormeci a chorar.

Há quatro semanas, o medo substituiu a esperança, quando o meu advogado começou a informar-me de como estavam a correr os restantes julgamentos.

O David já conheceu a sua sentença; segundo a minha mãe, o júri demorou menos de duas horas a chegar a um veredito.

A Hayley não se saiu muito melhor e está neste momento a cumprir pena numa penitenciária para mulheres em Peterborough e, à semelhança do que está a acontecer comigo, a Bec está em prisão preventiva enquanto aguarda pela data da leitura da sentença.

Pelo menos tenho uma cela só para mim e, por isso, sinto-me grata. Sempre me dá algum tempo para pensar.

À medida que a preparação para o meu julgamento vai avançando, as memórias regressam gradualmente. Nem todas;

continuo sem me lembrar de nada da *escape room*, não obstante as provas das câmaras de vigilância do Ragamuffin Bar.

O meu advogado apoiou-se fortemente no facto de a bebida do Simon ter sido adulterada sem o meu conhecimento para tentar ganhar alguma simpatia daqueles que têm o meu futuro nas mãos.

Resta saber se me irão perdoar por ter ficado em silêncio em relação ao desaparecimento do Greg, mesmo depois do que ficámos a saber acerca do envolvimento do David na sua morte.

Acho que a Hayley começou a ter dúvidas em relação ao plano para matar o Simon; foi por isso que o pai dele os viu a discutir no café, na véspera da morte dele. Talvez tenha sido a sua última tentativa de o chamar à razão, de lhe oferecer vida em vez da sentença de morte que ela sabia que tinha sido planeada para ele.

Se pelo menos ele tivesse concordado em ser um dador vivo...

Acho que ela não tinha força para fazer frente ao David, para lhe dizer para parar, para lhe dizer que a ideia que inicialmente sugeriu como sendo uma piada tinha ido longe de mais.

Se a Forbes não tivesse aparecido em casa dos meus pais naquele preciso instante, tenho a certeza de que eu também estaria morta e de que a seguir o David teria ido procurar a Hayley, porque naquela altura ela já lhe tinha dito que eu andava desesperada à procura de informações sobre as circunstâncias exatas da morte do Greg e, logo, corria o risco de expor o seu segredo mais sombrio sem sequer me aperceber disso.

Então e a Bec?

Há anos que o Simon a controlava, desde que começaram a namorar. Coagi-la a entregar-lhe as suas poupanças todas, para depois perder tudo, tinha sido a gota de água. Quando o David sugeriu uma solução permanente, ela percebeu que tinha ali uma escapatória.

Simplesmente não previu que a culpa a comesse a devorar tão pouco tempo depois, ou então percebeu que não podia confiar no David como seu confidente.

Quando o David percebeu que ela representava um risco, tentou matá-la também, para a impedir de voltar a falar com a polícia e contar à Forbes as suas suspeitas em relação ao desaparecimento do Greg Fisher.

A verdade por trás do ataque do David sobre mim afetou-me terrivelmente quando o meu advogado me contou, há cerca de uma hora, e comecei a coçar a pele para tentar aliviar a sensação de pânico que se espalhava dentro de mim.

Segundo as suas próprias declarações, há anos que o David andava de olho em mim. Esteve este tempo todo à espera enquanto tentava reunir coragem para partilhar os seus sentimentos.

Porque o David me queria para si.

Porque o Simon sabia disso, fazia troça dele, e disse-lhe que ele não tinha a menor hipótese. E há dois anos teve um caso comigo para o provar ao David.

O David nunca lhe perdoou isso.

Ele já tinha matado uma vez para afastar alguém que considerava seu adversário em relação a mim, e parece que ter outra morte na consciência não o incomodava nem um pouco, desde que isso significasse que me teria só para si. Só tinha de convencer a Hayley e a Bec de que seria melhor assim.

E, por causa da maneira como o Simon as tratara, elas concordaram.

Depois, o David passou os dias que se seguiram à morte do Simon a plantar as sementes da dúvida na minha cabeça, criando um fosso entre mim, a Hayley e a Bec, para que, no fim, eu acabasse desamparada e só o tivesse a ele para me apoiar.

Quase funcionou, não fosse o facto de eu lhe ter dito que a minha esperança média de vida continuava a ser mais curta, apesar do transplante, que não durará para sempre.

Apesar de ter assassinado o Simon.

Apesar de ter tentado salvar a minha vida.

E parece que também já estava farto de esperar por mim, com demasiado medo de me perder para sempre, por isso, atacou.

De acordo com o meu advogado, o juiz disse ao David que ele teria sorte se saísse da prisão antes de fazer 60 anos, e questiono-me como irei conseguir cobrir o meu rasto depois disto tudo, de forma que ele não me encontre quando for libertado.

Porque tenho medo dele.

Ao ouvir as explicações do meu advogado, percebi que o David está obcecado comigo há mais de sete anos e eu nunca dei por nada. Quem mais podia ter magoado se se metesse no seu caminho? O que teria acontecido se eu me tivesse apaixonado por outra pessoa qualquer, caso a minha vida não tivesse sido tomada pela doença e ficado de pernas para o ar?

E eu?

Embora não tenha visto o que o David fez à bebida do Simon, devia tê-lo avisado. Não fazia ideia do que é que ele tinha metido no copo, mas fui eu quem encorajou o Simon a beber o *cocktail* até ao fim.

E fui eu quem beneficiou da sua morte.

O júri está a reunir neste momento, a decidir o meu futuro. Entretanto, fico aqui à espera da minha sentença. Há procedimentos a seguir, papeladas para preencher, promessas para fazer.

O meu advogado diz-me que vou receber uma pena leve. Talvez quatro anos com bom comportamento.

E por mim tudo bem.

Consigo viver bem com isso.

FIM